This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY

ORD

Complete

Gravuras

- 1 retrato faceando a página 1; 1 gravura na p. 81

XVIII pp + 458 pp + (6 pp)

c/ [illegible]

Vet. Port. III _ A. 52

LUIZ DE CAMÕES

OS
LUSIADAS

POEMA EPICO

DE

LUIZ DE CAMÕES

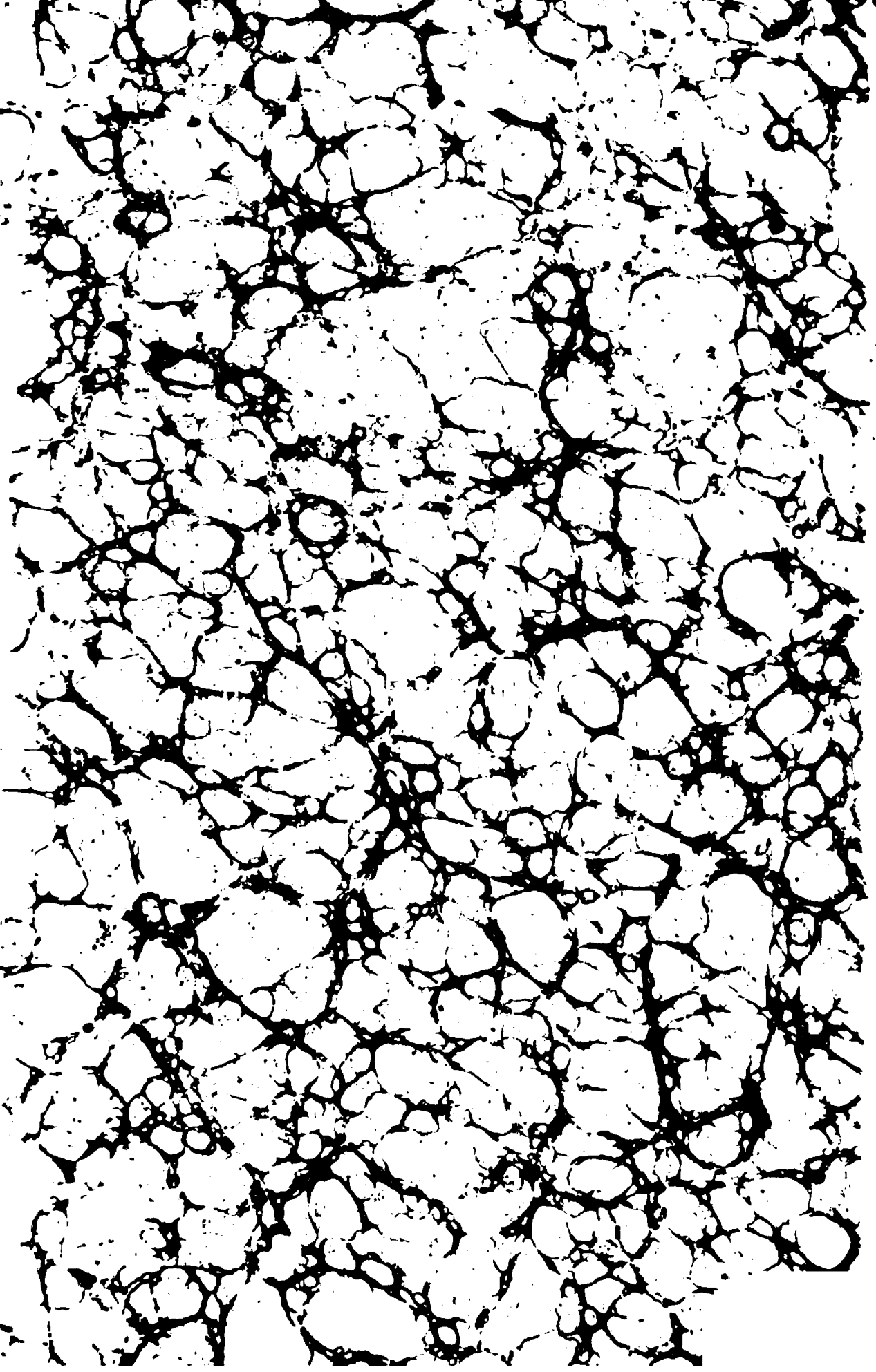
**Nova edição, cuidadosamente revista
e conforme ás de 1572, precedida d'uma biographia do poeta,
escripta pelo sr. Innocencio Francisco da Silva,
seguida d'um diccionario
dos nomes proprios, historicos, geographicos e mythologicos,
que se encontram no poema,
adornada com o retrato de Camões, e com uma estampa
do padrão levantado por Vasco da Gama
em Melinde.**

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR
50 — Rua Augusta — 52

1882

TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY

ORD



Complete

gravuras

- 1 retrato faceando a página 1; 1 gravura na p. 81

XVIII pp + 458 pp + (6 pp)

[illegible]

Vet. Port. III _ A. 52

cha de felicidade, em que elle diz de si: «que andava farto, querido e cheio de favores e mercês de amigos e damas.» Seu talento e dotes naturaes não só lhe conciliaram a estima e convivencia das pessoas mais qualificadas, mas até lhe facilitaram a entrada no paço. Ahi com a frequencia e trato da dama, sem respeito ao local privilegiado, tomaram incremento os amores, que divulgados por inveja ou ciume, provocando talvez as iras de parentes poderosos, fizeram que sobre o poeta recaísse a severidade da lei. E a essa causal, attribue uma tradição com visos de bem fundada, o desterro, que primeiro soffreu em logar situado nas margens do Tejo, que o sr. visconde conjectura ser Punhete (hoje villa de Constancia), e mais tarde, ao que se presume, por effeito de nova reincidencia, nas possessões de Africa.

Na praça de Ceuta assistiu e militou por algum tempo, tomando parte nas refregas contra os mouros, e perdendo em um d'esses recontros o olho direito; se não é que, como alguns pretendem, tal desastre lhe sobreveiu á ida em combate naval, travado no estreito de Gibraltar com a propria embarcação que o transportava.

Parece que no anno de 1549, sendo chamado á côrte D. Affonso de Noronha, que estava de capitão em Ceuta, para ir succeder no governo da India a D. João de Castro, com elle viera o poeta no intuito de acompanhal-o áquellas paragens; para o que effectivamente se alistára em 1550, segundo consta do assento citado por Faria e Sousa.

Mas é facto não haver partido n'esse anno, e sómente seguiu viagem no de 1553, embarcando-se na armada de que ía por capitão mór Fernão Alvares Cabral, que largou d'este porto a 24 de março.

No intervallo d'esta sua demora em Lisboa foi que por um caso fortuito, houve de jazer durante alguns mezes na cadeia publica.

Era Luiz de Camões de indole buliçosa, e naturalmente ousado. Elle mesmo diz algures, que seus adversarios nunca lhe viram as solas dos pés. Quiz a sorte que nas festas e folgares, que por aquelles tempos eram de costume em Lisboa para solemnisar o dia de Corpus Christi, se armasse desordem entre dois mascarados e um Gonçalo Borges, creado d'el-rei. O poeta, que presenciou este conflicto, acudiu para logo em defeza dos mascarados, que reconheceu por amigos, e com a espada deu a Gonçalo Borges um golpe no pescoço. Capturado em flagrante pela justiça, houve de expiar o crime na prisão do *Tronco*, d'onde só logrou vêr-se livre pela carta de perdão, que el-rei lhe mandou passar, attendendo a ter elle sido já perdoado pelo offendido, e «por ser homem mancebo e pobre, que se propunha ir servir na India.» Tem esta carta a data de 13 de março de 1553.

Partiu pois, e em tão má hora se despedia de Lisboa, que tornava suas aquellas memoraveis palavras attribuidas a Scipião Africano: *Ingrata patria non possidebis ossa mea.*

II

Decorridos seis mezes de arriscada e trabalhosa viagem, desembarcou em Gôa da nau *S. Bento*, unica entre as quatro da armada que conseguiu chegar ao seu destino n'aquelle anno. Achou o vice-rei D. Affonso de Noronha, com quem servira em Ceuta, occupado nos preparativos de uma forte

expedição, com que determinára saír em soccorro dos reis de Cochim e Poreá, nossos amigos, aos quaes movia guerra o da Pimenta, denominado por outros de Chambé. Não desprezou Camões para a sua estreia tão opportuno ensejo, e tomou parte n'essa expedição, de cujo successo dá conta na elegia que começa: *O poeta Simonides falando*, etc., na qual tambem relata o que lhe aconteceu durante a navegação de Lisboa para a India, e a furiosa tormenta que o assaltára ao passar o cabo da Boa Esperança.

Após esta entrou em outras emprezas militares, sem que todavia essas occupações, e os trabalhos padecidos nos intervallos, podessem desvial-o do cultivo das musas; tendo, como elle diz, nos dezeseis annos vividos na Asia: *N'hũa mão sempre a espada e n'outra a penna.* Foi assim que discorreu a India por todas as partes; penetrou no mar Roxo e no golfo Persico; residiu em Malaca, nas Molucas e em Macau; visitou Sumatra, Ceilão e as Maldivas. E como esmerado e curioso observador, soube debuxar fielmente o quadro d'estas paragens, tanto no seu immortal poema, como em varias composições avulsas, que lemos nas suas rythmas.

Passados os primeiros annos da chegada á India começou a experimentar novos dissabores e revezes da fortuna. A D. Pedro de Mascarenhas succedêra no governo d'aquelles estados Francisco Barreto, cujo caracter ha sido mui diversamente avaliado pelos biographos do poeta. Houve por occasião da sua investidura jogos, banquetes, e até (cousa não vulgar n'aquelles tempos!) representações theatraes. Para estas concorreu Luiz de Camões com o seu *Auto de Filodemo.* Mas por

esse mesmo tempo escreveu os *Disparatès na India*, e outras satyras pungentes, em que pintava com vivas cores a dissolução e os vicios que reinavam nos poderosos de Goa. Deram-se por aggravados os viciosos, e o imprudente censor teve de pagar cara a ousadia, recebendo ordem de partir para a China com o cargo de provedor dos defuntos e ausentes. Querem alguns ver na sua nomeação um despacho, por ser o emprego azado para lucros: outros porém sustentam que elle não fôra mais que um simulado degredo. Parece haver-se realisado esta partida em março de 1556, anno em que tambem se conjectura haver fallecido em Lisboa D. Catharina de Ataïde.

Demorou-se o poeta em Macau cerca de dois annos, e n'esse intervallo é tradição constante que compozera uma boa parte dos seus *Lusiadas*. Em 1558 o governador Francisco Barreto o mandou recolher a Goa debaixo de prisão, diz-se que por intrigas ou mexericos de seus emulos, que o accusavam de malversações na gerencia do officio. A nau em que vinha naufragou na costa de Camboja, na Cochinchina. Ahi perdeu toda a fazenda que havia adquirido, conseguindo apenas salvar-se a nado, e levando em uma das mãos o manuscripto do poema que devia perpetuar-lhe a fama.

É elle mesmo que nol-o attesta, quando ao fallar do rio Mecon diz na estancia 128.ª do canto x:

«Este receberá placido e brando
No seu regaço o canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N'aquelle cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.»

Regressando a Goa, já pelos fins do governo de Francisco Barreto, foi mandado para a cadeia publica, para se lhe instaurar ou continuar tal ou qual processo; e ahi mesmo, segundo a opinião do sr. visconde de Juromenha (de quem tomámos a ordem chronologica d'estes successos) escreveu o bello e conceituoso soneto *Alma minha gentil, que te partiste*, etc., em que parece alludir á morte da sua querida Natercia.

Com a vinda de D. Constantino de Bragança, aportado a Goa em setembro de 1558 para succeder no governo a Francisco Barreto, pôde Camões recobrar a liberdade. Solto e bemquisto do novo vice-rei, é de presumir que continuasse no serviço e expedições militares; pretende-se porém que ao terminar aquelle o triennio do seu governo, jazia outra vez em ferros o poeta; ou fosse por algumas travessuras recentemente praticadas, ou porque se levantassem contra elle novas recriminações com respeito ao logar que exercêra em Macau.

N'estes trabalhos, e quando, diz-se, estava proximo a saír da prisão, achou-se embargado a requerimento de Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha o Fios-seccos (homem de coração pouco generoso, comquanto nobre por nascimento e esforçado nas pelejas), a quem o poeta devia certa porção de dinheiro, obtido por emprestimo em precisões urgentes. Foi n'esta conjunctura que, recorrendo ao patrocinio do novo vice-rei D. Francisco Coutinho, conde do Redondo, implorou a sua protecção no chistoso e epigrammatico memorial, que levará á mais remota posteridade o ignobil procedimento de quem assim o maltratára.

Restituido á liberdade, gosou sempre da esti-

ma dos novos governadores, que successivamente regeram aquelle estado. Em carta do conde do Redondo, mandada para o reino (aindaque não dirigida a D. João III, como, com inconsiderada leveza, aventára ha pouco um biographo amigo de novidades, sendo aquelle monarcha fallecido desde 11 de julho de 1557, e a carta inquestionavelmente de data mui posterior, isto é, entre 1561-1564) lê-se que elle vice-rei, para occorrer ao despacho dos feitos *se valia algum tanto do provedor mór dos defuntos*. Mas que este innominado *provedor mór* em Goa fosse o proprio Luiz de Camões, que annos antes deixára de ser *provedor* em Macau, fica ainda para nós, força é confessal-o, mais que muito duvidoso...

O seu cabimento com D. Francisco Coutinho, aliás testemunhado até á evidencia por algumas de suas poeticas composições, nada perdeu com a morte d'este vice-rei em 1564 perante o successor D. Antão de Noronha, que, justo apreciador dos meritos do poeta, do tempo em que ambos haviam militado em Ceuta, continuára a dispensar-lhe igual benevolencia.

No intervallo que decorre de 1562 até 1567 empregou-se Camões por vezes no serviço das armadas. É n'esta epocha que os biographos, supprindo a falta de documentos authenticos por inducções fundadas ou conjecturas verosimeis, collocam suas digressões militares a Malaca, e de lá ás ilhas Molucas, trazendo de volta para Goa o fiel escravo Jáo, que tão prestimoso tinha de ser-lhe no derradeiro periodo da vida.

Póde dar-se por facto averiguado, pois d'elle existe prova em documento escripto, que D. Antão de Noronha como devida remuneração de tan-

tos e tão valiosos serviços, lhe conferira a supervivencia no logar de feitor em Chaul, cargo a que andavam annexos, afóra o vencimento fixo de 100$000 réis annuaes (hoje pelo augmento do numerario equivalente a bons 600$000 réis) outros logares de representação e proveito, quaes os de alcaide mor, provedor dos defuntos e vedor das obras. Saudades da patria, ou talvez o destino providencial que a ella o chamava para immortalisar-lhe a gloria, não consentiram que aguardasse a eventualidade da vagatura em que viria a realisar-se o provimento da mercê.

Determinado a passar ao reino, aproveitou o ensejo que para isso lhe proporcionava Pedro Barreto. Este se offerecia a leval-o comsigo até Moçambique, de cuja capitania ia tomar posse, e onde mais facil ficaria ao poeta esperar embarcação que o trouxesse a Lisboa. Mas a sorte, apostada a perseguil-o, ahi lhe preparava novas amarguras. Desavindo-se com Pedro Barreto, por causa que se ignora, achou-se a braços com a miseria, e chegado ao extremo de *comer de amigos*, na phrase de Diogo do Couto, que n'esse lastimoso estado nos conta o encontrára ao arribar a Moçambique na nau onde felizmente vinham outros affeiçoados do poeta. Fintaram-se estes entre si, não só para provel-o de todo o necessario, mas até, segundo se affirma, para embolsar Pedro Barreto de duzentos cruzados de que se dizia credor, por despezas que com elle fizera, e pelos quaes lhe embargava a saída. Por este vil preço foi pois resgatada a pessoa de Luiz de Camões, e vendida a honra de Pedro Barreto.

III

Em novembro de 1569 largou de Moçambique para Portugal com as mais da armada a nau *Santa Clara*, à que outros deram o nome de *Santa Fé*. A seu bordo vinha Luiz de Camões, que regressando á patria depois de dezeseis annos passados entre o fragor das armas, com perigos e trabalhos de toda a especie, trazia por sua unica riqueza o já acabado poema, que ainda assim no curso da viagem se não descuidava de polir e aperfeiçoar. Novo infortunio lhe estava reservado antes de entrar no Tejo: a perda de um amigo intimo e companheiro na viagem, Heitor da Silveira, como elle poeta e igualmente desfavorecido da sorte. Em abril de 1570 aportava emfim a Lisboa, n'esse tempo flagellada pelos horrores da peste, que nas historias ficou consignada com o epitheto de *grande*.

Os seus primeiros cuidados ao pousar na patria foram pelo que se vê dedicados á immediata publicação dos *Lusiadas*. Para ella obteve alvará de privilegio a 4 de setembro do anno seguinte, e logo nos principios de 1572 saía dos prelos do impressor Antonio Gonçalves a primeira edição, e após esta outra com a mesma data, se não é contrafação, como alguns pensam. O que se passou n'este curto intervallo da vida do poeta é igualmente escuro e incerto, como tudo o mais. Todavia, fundamentos que se pretendem deduzir das suas proprias rythmas, dão azo a conjecturar que seu protector e amigo D. Manuel de Portugal, da casa de Vimioso (da qual devia saír mais tarde o lençol que lhe serviu de mortalha) empregára a favor d'elle o seu valimento no paço, e concorrêra

efficazmente para esse tal ou qual galardão com que foi remunerado.

Com effeito, por alvará de 28 de julho de 1572 el-rei D. Sebastião, «*havendo respeito aos serviços que lhe fizera nas partes da India por muitos annos, aos que ainda poderia fazer, e á sufficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da India,* concedeu a Luiz de Camões 15$000 réis de tença annual, para lhe serem pagos durante tres annos, impondo-lhe a obrigação de residir na côrte. Esta mercê foi depois renovada por successivas apostillas nos triennios que decorreram até o obito do poeta, passando depois (já em tempo de Filippe II) para a mãe, que lhe sobreviveu, e que por ser *muito velha e pobre*, obteve de principio 6$000 réis, e mais tarde a pensão por inteiro.

Escassa tem sido julgada a remuneração, e em verdade a devemos considerar tal, se attendermos ao merito e serviços do agraciado. Entretanto é certo que a pensão lhe foi pontualmente paga (do que até ha pouco se duvidava) e que os 15$000 réis d'aquelle tempo representariam hoje 90$000 réis, pela differença no valor da moeda. Mal chegava ella comtudo para livral-o dos horrores da miseria, poisque a tradição constante nos affirma que Antonio, o escravo jáo, que da India trouxera, saía de noite a esmolar pelas portas á caridade publica o pão, que seu senhor havia de comer no dia seguinte. Esse mesmo soccorro veiu a faltar-lhe, pela morte prematura do escravo.

Cansado de lutar com tantas adversidades, e já perdida a esperança de melhor futuro, passou em continua tristeza os ultimos annos da vida. Esquivava-se á convivencia e trato dos homens, e por

unica diversão apenas saía de casa para descer até o convento de S. Domingos, onde ía umas vezes ouvir as lições de theologia moral, e outras procurar na conversação de alguns religiosos seus affeiçoados os sentimentos de resignação e conformidade que havia mister.

Uma pertinaz enfermidade, prolongada talvez á mingua de recursos, veiu ainda aggravar a sua situação; e jazia, segundo se diz, prostrado no leito, quando para cumulo de desditas chegou-lhe e ao reino a infausta nova da perda de el-rei D. Sebastião e da derrota do exercito portuguez em Alcacerquibir a 4 de agosto de 1578. Facilmente se imagina quanto este infelicissimo successo e as deploraveis consequencias que elle presagiava, deveriam influir no animo de um tão devotado adorador da sua patria como indubitavelmente o foi Luiz de Camões! Se á noticia do fatal golpe não succumbiu de prompto, como chegára a affirmar algum dos seus biographos, bem póde dar-se por certo que os curtos dias que ainda lhe restaram foram para elle de incessante e doloroso martyrio, afigurando-se-lhe a cada momento a imagem de Portugal agonisante, e prestes a cair nas garras de Castella.

Sobre a data do seu fallecimento vogou por muito tempo uma opinião erronea. Todos os biographos, copiando-se uns aos outros, e seguindo n'esta parte a inscripção sepulchral, lhe assignavam o anno de 1579. O erro acha-se porém desfeito; á vista do documento irrecusavel, e graças á investigação do sr. visconde de Juromenha, não mais é licito duvidar de que Camões falleceu a 10 de junho de 1580, isto é, precisamente quando Filippe II, para apossar-se de Portugal á viva

força, fazia marchar para as fronteiras, sob as ordens do terrivel duque de Alba, um exercito de oitenta mil homens!

Quanto ao local da morte, houve sempre n'esse ponto notavel discordancia. D. Fernando Alvia de Castro, que foi contemporaneo de Camões, escrevendo em 1621, isto é, quarenta annos depois do obito do poeta, affirma «*que elle morrêra miseravelmente em UM hospital d'esta cidade.*» Esta opinião achou muitos seguidores, e é ainda corroborada pelo testemunho do missionario, que de facto presencial escreveu a nota, que se lê no celebrado exemplar dos *Lusiadas*, pertencente a Lord Holland. Outros porém sustentaram com Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, que Camões fallecêra em seu proprio domicilio, na casa que, segundo a descripção que d'ella fazem, o sr. visconde conclue ser a que na calçada de Santa Anna tem hoje os numeros 52 e 54, e em cuja frente, cremos, foi ha poucos annos collocada uma lapide com inscripção commemorativa do facto.

Confessâmos á nossa parte, que n'este embate de encontrados pareceres não nos julgâmos em nosso humilde entender habilitado para tomar por qualquer d'elles partido decisivo.

O que não padece duvida é que, após o fallecimento, fôra o cadaver do poeta conduzido á igreja das religiosas de Santa Anna (que então servia de parochia) e ahi sepultado sem alguma distincção ou epitaphio. Assim permaneceu, até que passados annos (diz-se que no de 1595) D. Gonçalo Coutinho o fez trasladar para diverso jazigo, mandando cobrir este com uma campa em que se lia a seguinte inscripção:

AQVI JAZ LUIZ DE CAMOENS
PRINCIPE
DOS POETAS DO SEO TEMPO
MORREO NO ANNO DE 1579
ESTA CAMPA LHE MANDOU PÔR
D. GONÇALO COUTINHO NA QUAL SE
NÃO ENTERRARÁ NINGUEM

Observando de passagem como já n'este tempo se havia perdido a memoria da verdadeira data do obito, cabe tambem notar que ao singelo epitaphio que fica transcripto appareceram depois acrescentadas em diversas biographias do poeta as clausulas:

VIVEO POBRE E MISERAVELMENTE
E ASSIM MORREO

que nunca existiram lavradas na pedra tumular, segundo a affirmação expressa e testemunhal do chronista da ordem seraphica Fr. Fernando da Soledade.

E pois que a natureza d'este esboço não comporta outras explanações, vendo-nos por todo elle e a cada passo forçado a omittir ou tocar de leve factos e circumstancias, que mais requeriam pausada narrativa e discussão critica e sisuda, por aqui nos cerraremos, epilogando com as seguintes linhas que a proposito se nos depararam, servindo de condigno remate a obra de maior folego [1]:

[1] *Camões e os Lusiadas, ensaio historico-critico-litterario*, por Francisco Evaristo Leoni. Lisbôa, 1873. Editor, A. M. Pereira.

«Este homem, a quem seus concidadãos deixaram morrer nos desamparos e nas attribulações da pobreza, legou todavia á sua patria, não só riquissima herança de gloria, mas inda um tão patriotico enthusiasmo, que, fazendo-nos palptar os corações, nos infunde n'elles os heroicos brios que serão em todo o tempo a garantia fiel da nossa independencia nacional.—O conquistador, que pretender subjugar a nossa querida patria, ha de primeiro rasgar, até á ultima pagina, o poema immortal dos *Lusiadas*.»

12 de abril de 1874.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

OS LUSIADAS

CANTO PRIMEIRO

ARGUMENTO

DO CANTO PRIMEIRO

Navegam os portuguezes pelos mares Orientaes: fazem os deoses seu concilio: oppõe-se Baccho a esta navegação; favorecem Venus, e Marte aos navegantes; chegam a Moçambique, cujo governador pretende destruil-os. Encontro, e primeira acção militar dos nossos contra os Gentios: levam ferro, e passando por Quiloa, surgem em Mombaça.

OUTRO ARGUMENTO

Fazem concilio os deoses na alta côrte,
Oppõe-se Baccho á Lusitana gente,
Favorece-a Venus, e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente:
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo, e matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fóra.

OS LUSIADAS

CANTO PRIMEIRO

I

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana;
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III

Cessem do sabio Grego, e do Troiano
As navegações grandes, que fizeram;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta;
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente:
Dai-me agora um som alto, e sublimado,
Um estylo grandiloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás do Hippocrene.

V

Dai-me uma furia grande, e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande:

VII

Vós, tenro e novo ramo florecente
De uma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesárea, ou Christianissima chamada:
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou:

VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E, quando desce, o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo, e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio:

IX

Inclinai por um pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo:
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão; vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouví: vereis o nome engrandecido
D'aquelles, de quem sois senhor superno:
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

XII

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço:
Um Egas, e um D. Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cubiço.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII

Pois se, a troco de Carlos, Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vede o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande, e prospera victoria:
Outro Joanne invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.

XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros, em quem poder não teve a morte.

XV

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto:
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê o seu exicio affigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote apparelhado;
Que, affeiçoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII

Em vós se vem da Olympica morada
Dos dous Avós as almas cá famosas;
Uma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas;
E lá vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

XVIII

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam,
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravam,
Das náos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado do Próteo são cortadas.

XX

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pizando o crystallino ceo formoso,
Vem pela Via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI

Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
Alli se acharam juntos n'um momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes, onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII

Estava o Padre alli sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'um assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, e soberano:
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano,
Com uma coroa, e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam:
Precedem os antiguos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam:
Quando Jupiter alto assi dizendo,
C'um tom de voz começa grave, e horrendo:

XXIV

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento;
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'um poder tão singelo, e tão pequeno
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido
Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
Assi que sempre em fim, com fama e gloria,
Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se afamaram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII

Agora vedes bem, que, commettendo
O duvidoso mar n'um lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia é comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e porfia,
A ver os berços, onde nasce o dia.

XXVIII

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas aguas tem passado o duro inverno;
A gente vem perdida, e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas, e ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos:
Que sejam, determino, agasalhados
N'esta costa Africana, como amigos,
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

XXX

Estas palavras Jupiter dizia:
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI

Ouvido tinha aos Fados, que viria
Uma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha:
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nysa celebra inda a memoria.

XXXII

Vê, que já teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso:
Teme agora, que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes, que navegam.

XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana
Por quantas qualidades via n'ella
Da antigua tão amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana:
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

XXXIV

Estas causas moviam Cytherea,
E mais, porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, um pela infamia, que arrecea,
E o outro pelas honras, que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
De sylvestré arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impeto, e braveza desmedida,
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
De entre os deoses em pé se levantava:
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho, e irado:

XXXVII

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro:
E dando uma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no solio puro,
O ceu tremeo, e Apollo de torvado
Um pouço a luz perdeo, como enfiado.

XXXVIII

E disse assi: Ó Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
Não queres, que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece, que é suspeito:

XXXIX

Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra, que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação, que tens tomada,
Não tornes por detraz: pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada um dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Já lá da banda do Austro, e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo,
Co'o temor grande em peixes converteo.

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam
Na costa da Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca, e lava.

XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV

Eis apparecem logo em companhia
Uns pequenos bateis, que vem d'aquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais, que olhar a causa d'ella.
Que gente será esta? em si diziam:
Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas:
As velas, com que vem, eram de esteira
D'umas folhas de palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao mundo deo, de ousado, e não prudente:
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias cores, brancos e listrados:
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos:
Por armas tem adargas, e terçados,
Com toucas na cabeça, e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
Ás gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente, e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido em cima salta.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia;
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor, que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro; e do que deitam
Os de Phaeton queimados nàda engeitam.

TAYLOR IN OXFORD

L

Comendo alegremente perguntavam
Pela Arabica lingua, d'onde vinham;
Quem eram; de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

LI

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos ceos, e terras temos visto:
D'um Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII

E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feios phocas se navega.
Mas já razão parece, que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois; que terra é esta, que habitais:
Ou se tendes da India alguns signais.

LIII

Somos, um dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei, e nação;
Que os proprios, são aquelles, que creou
A natura sem lei, e sem razão.
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio,
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV

Esta ilha pequena, que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quíloa, de Mombaça, e de Sofala:
E, por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habital-a;
E, porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito, que tenhais
Da terra algum refresco; e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

LVI

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia;
Do Capitão, e gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
N'isto Phebo nas aguas encerrou
Co'o carro de crystal o claro dia,
Dando cargo á irmãa, que alumiasse,
O largo mundo, emquanto repousasse.

LVII

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desusada;
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas:
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas, que partia:

LX

Partia alegremente navegando,
A ver as náos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que, os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino
O imperio tomaram a Constantino.

LXI

Recebe o capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só para este effeito já trazia:
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, e bebe.

LXII

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada;
E perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinham de Turquia?

LXIII

E maís lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas, de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

LXIV

Responde o valeroso Capitão
Por um, que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relação,
De mi, da lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tão famosa.

LXV

A lei tenho d'aquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, e invisibil,
Aquelle que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil:
Que padeceo deshonra, e vituperio,
Soffrendo morte injusta, e insoffribil;
E que do Ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI

D'este DEOS-Homem, alto, e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia:
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas;
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra quanto pode: e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX

Porém d'isto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho attento,
Um odio certo na alma lhe ficou,
Uma vontade má de pensamento:
Nas mostras, e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho, e ledo fingimento
Tratal-os brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado;
Diz-lhe, que o largo premio levarão
Do trabalho, que n'isso for tomado.
Promette-lh'os o Mouro com tenção
De peito venenoso, e tão damnado,
Que a morte, se podesse, n'este dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh segredos d'aquella Eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte um perfido inimigo
Áquelles, de quem foste tanto amigo!

LXXII

Partio-se n'isto em fim co'a companhia,
Das náos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno: e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII

Do claro assento ethereo o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruido;
E emquanto isto só na alma imaginava
Comsigo estas palavras praticava:

LXXIV

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas
Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas:
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o fado favoreça,
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV

Já quizeram os deoses, que tivesse
O filho de Philippo n'esta parte
Tanto poder, que tudo submettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte:
Mas ha se de soffrer, que o fado desse
A tão poucos tamanho esforço, e arte,
Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI

Não será assi; porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu descerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma, e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo:
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
D'um Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co'o Xeque mui valido.

LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras,
Estas, que ora de novo são chegadas:
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens, que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho d'estes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano ordido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem, e roubarem,
E mulheres, e filhos captivarem.

LXXX

E tambem sei, que tem determinado
De vir por agua a terra muito cedo
O Capitão dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado
Esperal-o em cilada, occulto e quedo;
Porque, sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI

E se inda não ficarem d'este geito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha, e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo n'esse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua, que buscasse.

LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á náo lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o damno,
De quem fiar-se possa um feito grande:
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas, e mares co'elle ande,
Que, se d'aqui escapar, que lá diante
Vá cahir, d'onde nunca se alevante.

LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pode suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario,
E foi-lhe respondido em som de guerra;
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Um de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia;
Outros muitos já postos em cilada;
E, porque o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

LXXXVII

Andam pela ribeira alva arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode, que é primeiro.

LXXXVIII

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroce n'esse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata, e põe por terra:

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, e dura artilheria;
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta.
O temor grande o sangue lhes resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

XC

Não se contenta a gente Portugueza:
Mas seguindo a victoria estrue, e mata;
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza;
Que bem cuidou compral-a mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

XCI

Fugindo, a seita o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde, e de apressado,
A pedra, o páo, e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
Á terra firme foge amedrontado:
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca em pouco espaço.

XCII

Uns vão nas almadias carregadas,
Um corta o mar a nado diligente,
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
D'esta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII

Tornam victoriosos para a armada
Co'o despojo da guerra, e rica presa;
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Moura gente magoada,
No odio antiguo, mais que nunca, accesa:
E, vendo sem vingança tanto damno,
Somente estriba no segundo engano.

XCIV

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor d'aquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes, que tratava.

XCV

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado;
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
Foi d'elle alegremente agasalhado;
E respondendo ao mensageiro attento,
As velas manda dar ao largo vento.

XCVI

D'esta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia:
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro ordia,
D'elle mui largamente se informava
Da India toda e costas, que passava.

XCVII

Mas o Mouro, instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
De morte, ou captiveiro novos damnos,
Antes que á India chegue, lhe prepara:
Dando razão dos portos indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara;
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII

E diz-lhe mais co'o falso pensamento,
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está uma ilha, cujo assento
Povo antiguo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra, onde esta gente estava.

XCIX

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede;
Que a ilha é possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede;
Aqui o engano, e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pela fama.

C

Para lá se inclinava a leda frota:
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada;
Não consente, que em terra tão remota
Se perca a gente d'ella tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia,
D'onde o piloto falso a leva, e guia.

CI

Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante;
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII

Tambem n'estas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava:
Mas, não querendo a deosa guardadora
Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia;
Uma cidade n'ella situada,
Que na fronte do mar apparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria,
Regida por um Rei de antigua idade,
Mombaça é o nome da ilha, e da cidade.

CIV

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo; porque espera
De poder ver o povo baptisado,
Como o falso piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era;
Que Baccho muito de antes o avisara,
Na forma d'outro Mouro, que tomara.

CV

O recado, que trazem, é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes, e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI

No mar tanta tormenta, e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

OS LUSIADAS

CANTO SEGUNDO

ARGUMENTO

DO CANTO SEGUNDO

Instigado do Demonio pretende El-Rei de Mombaça destruir os navegantes: dispõe-lhes traições debaixo de fingida amizade: apparece Venus a Jupiter, e intercede pelos Portuguezes; e elle lhe promette favorecel-os, e lhe refere, como em prophecia, algumas façanhas dos mesmos no Oriente: em sonhos apparece Mercurio ao Gama, e lhe adverte, que evite o perigo de Mombaça: leva ancoras, chega a Melinde, cujo Rei o recebe, e hospéda benignamente.

OUTRO ARGUMENTO

Dar El-Rei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama illustre, com mortal engano;
Desce Venus ao mar, a frota ampara,
E a fallar sobe ao Padre soberano:
Jove os casos futuros lhe declara;
Apparece Mercurio ao Lusitano;
Chega a frota a Melinde; e o Rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.

OS LUSIADAS

CANTO SEGUNDO

I

Já n'este tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo,
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
Ás náos, que pouco havia que ancoraram.

II

D'entre elles um, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via,
O Rei, que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III

E, porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra tu, com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz, que na terra podes reformal-a,
Que a natureza obriga a desejal-a.

IV

E se buscando vás mercadoria,
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, e prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante;
D'aqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo;
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro, obedecendo:
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado;
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
D'esta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, e falsa gente.

VII

E de alguns, que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos;
Porque podessem ser aventurados
Em casos d'esta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados;
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade, e poder; e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII

E por estes ao Rei presentes manda;
Porque a boa vontade, que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda,
Das náos se despedia, e o mar cortava
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E, despois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes, que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos d'aquillo, que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam;
Que onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis, que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava n'uma casa da cidade,
Com o rosto humano, e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.

XI

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Santo Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura:
A companhia santa está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas, que cahiram,
De fogo, varias linguas referiram.

XII

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
N'aquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso, e santo fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e n'um momento
Appareceo no rubido horisonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous, que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras, e sacerdote santo:
Que alli se agasalharam, e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto:
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'uma mostra tão clara, e tão perfeita.

XVI

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros, que subiam;
Que levemente um animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A náo da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos, que traziam:
Alegres vinham todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

XVII

Na terra cautamente apparelhavam
Armas, e munições; que como vissem
Que no rio o navio ancoravam,
N'elles ousadamente se subissem:
E n'esta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem:
E que incautos pagassem d'este geito
O mal, que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada,
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do ceo ao mar como uma setta.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa, a que desceo,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

XX

Já na agua erguendo vão com grande pressa
Com as argenteas caudas branca escuma;
Doto co'o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa em força summa;
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apressadas.

XXI

Nos hombros de um Tritão com gesto acceso
Vai a linda Dione furiosa:
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa:
Já chegam perto, d'onde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa:
Repartem-se, e rodeam n'esse instante
As náos ligeiras, que iam por diante.

XXII

Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte náo forçando;
Outras, em derredor, levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII

Quaes para a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando
Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a náo forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas, ferve a gente irada,
O leme a um bordo, e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a náo lhe mette medo.

XXV

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro, que trabalha:
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem n'esta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI

Eil-os subitamente se lançavam
A seus bateis veloces, que traziam:
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua, e a nado se acolhiam:
De um bordo e d'outro subito saltavam,
Que o medo os compellia, do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
Se sentem porventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente;
D'aqui e d'alli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII

Assi fogem os Mouros: e o piloto,
Que ao perigo grande as náos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto d'ella amaina.

XXIX

Vendo o Gama, attentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza;
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a náo passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
Oh milagre clarissimo, e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraça força humana?

XXXI

Bem nos mostra a divina Providencia
D'estes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança,
Oh tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII

E se te move tanto a piedade
D'esta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas, perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra, que buscâmos,
Pois só por teu serviço navegâmos.

XXXIII

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione: e commovida,
D'entrê as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram d'esta subita partida:
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa, e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV

E como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho,
E tudo, quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

XXXV

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e cara,
Se lh'apresenta assi, como ao Troiano
Na selva Idêa já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram;
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia:
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o Menino as almas accendia:
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII

C'um delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
Mas, para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro:
Já se sentem no ceo por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII

E mostrando no angelico semblante
Co'o riso uma tristeza misturada;
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e se ri, n'um mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada:
D'esta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa, que triste, ao Padre falla.

XXXIX

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil, e amoroso,
Postoque a algum contrario lhe pezasse:
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que t'o merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina,
Assentarei em fim, que fui mofina.

XL

Este povo, que é meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois; porque o amo é mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes;
Que pois eu fui... E n'isto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
Callada um pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa,
Torna a seguil-a; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante:

XLII

E d'estas brandas mostras commovido
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do ceo subido
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo, que d'alli, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

XLIII

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que, quem no affaga, o choro lhe accrescenta:
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta,
Dos fados as entranhas revolvendo,
D'esta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV

Que, se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos, mores cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI

Fortalezas, cidades, e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados:
Os Turcos bellacissimos, e duros,
D'elles sempre vereis desbaratados:
Os Reis da India livres, e seguros,
Vereis ao Rei potente sobjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII

Vereis este, que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer d'elle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto, e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem d'ella hão medo os elementos!

XLVIII

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser um porto mui decente,
Em que vão descançar da longa via,
As náos, que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX

E vereis o mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado:
Vereis de Ormuz o reino poderoso,
Duas vezes tomado, e sobjugado:
Alli vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas settas traspassado;
Que, quem vai contra os vossos, claro veja,
Que, se resiste, contra si peleja.

L

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo,
Alli se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero, e horrendo:
Do Mouro alli verão, que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

LI

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor com pouca força, e gente:
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo, e insolente,
Que cithara jámais cantou victoria
Que assi mereça eterno nome, e gloria.

LIII

Nunca com Marte instructo, e furioso
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O Capitão venceo Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypcia linda, e não pudica;

LIV

Como vereis o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos, pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando:
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano:
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano,
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra; porque tenha
Um pacifico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E, para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII

Já pelo ar o Cyllenêo voava:
Com as azas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Do inferno, e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galero costumado;
E d'esta arte a Melinde foi chegado.

LVIII

Comsigo a Fama leva; porque diga
Do Lusitano o preço grande, e raro;
Que o nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado, e caro.
D'esta arte vai fazendo a gente amiga
Co'o rumor famosissimo, e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto, e modo.

LIX

D'alli para Mombaça logo parte,
Aonde as náos estavam temerosas;
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga, e terras suspeitosas:
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

LX

Meio caminho a noite tinha andado,
E as estrellas no ceo co'a luz alhea
Tinham o largo mundo alumiado,
E só co'o somno a gente se recrea.
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite, que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava:
A outra gente a quartos vigiava.

LXI

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo damno:
Fuge, que o vento, e o Ceo te favorece;
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII

Não tens aqui senão apparelhado
O hospicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente, que hospedava:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas:
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade
Lá quasi junto, d'onde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade:
Alli, tua frota alegre recebendo
Um rei com muitas obras de amisade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa, e sabia guia.

LXIV

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De uma subita luz, e raio santo:
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esp'rito ao mestre seu mandava,
Que as velas désse ao vento, que assoprava.

LXV

Dai velas, disse, dai ao largo vento;
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda;
Que um mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se n'isto o movimento
Dos marinheiros, de uma e de outra banda,
Levam gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI

N'este tempo, que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam;
Por serem, dando á costa, destruidos:
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII

Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias humidas de argento,
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave, e seguro movimento:
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, d'onde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII

Tinha uma volta dado o Sol ardente
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram:
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles, arribando, as velas viram:
Um de temor do mal, que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX

Não é o outro, que fica, tão manhoso,
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano;
Que, como fosse debil, e medroso,
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia; e, se a tivera,
Mais damno resistindo recebera.

LXX

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India, que buscava;
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe succedeo como cuidava:
Que nenhum d'elles ha, que lhe ensinasse
A que parte dos ceos a India estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

LXXI

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade;
Porque já lh'o dissera d'este geito
O Cyllenêo em sonhos; e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea,
Quando um, e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito:

LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o santo dia:
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe apparecia;
Soam os atambores, e pandeiros:
E assi entravam ledos, e guerreiros.

LXXIV

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente, que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Péga no fundo a ancora pezada:
Mandam fóra um dos Mouros, que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV

O Rei, que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que sahissem,
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres Cavalleiros,
Que tanto mar, e terras tem passadas:
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as fructas, que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado;
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E, como é fóra d'ellas, se endurece.

LXXVIII

Manda mais um, na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sahir n'aquelle instante
De suas náos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

LXXIX

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da Summa Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos d'elle amado, que temido:
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

LXXX

Não somos roubadores, que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas:
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De um Rei, que temos, alto, e sublimado.

LXXXI

Que geração tão dura ha hi de gente?
Que barbaro costume, e usança fea,
Que não vedem os portos tão somente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arrecea?
Que com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, oh Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do Interprete divino:
Que, pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII

E não cuides, oh Rei, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV

E porque é de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça
Em tudo aquillo, que elle e os seus puderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV

Assi dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o estomago da gente,
Que tantos ceos e mares vai passando:
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei, que é tão longe obedecido.

LXXXVI

E com risonha vista, e ledo aspeito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;
Que vosso preço e obras são de geito
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.

LXXXVII

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas, se lh'o o regimento não consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

Porém, como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias:
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX

Isto disse, e nas aguas se escondia
O filho de Latona: e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Para acharem a terra, que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio
Nas bombas, que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zunido;
Anda em gyros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido:
A grita se alevanta ao ceo, da gente;
O mar se via em fogos accendido,
E não menos a terra; e assi festeja
Um ao outro, á maneira de peleja.

XCII

Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mãi de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho:
Iam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra, em frio orvalho;
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

XCIII

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV

Um batel grande, e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores,
Na cabeça uma fota guarnecida
De ouro, e de seda, e de algodão tecida.

XCV

Cabaia de damasco, rico, e dino,
Da Tyria cor, entre elles estimada;
Um collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra é superada:
C'um resplendor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada:
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

XCVI

Com um redondo amparo alto de seda,
N'uma alta e dourada hastea enxerido,
Um ministro á solar quentura veda,
Que não offenda, e queime o Rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa, e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano;
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza
Carmesi, cor que a gente tanto preza:

XCVIII

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta, e achega;
Ao Italiço modo a aurea espada;
Pluma na gorra, um pouco declinada.

XCIX

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta, que dá o murice excellente,
A varia cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente.
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

C

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres resoando:
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando:
As bombardas horrisonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava:
Elle co'a cortezia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
C'umas mostras de espanto, e admiração,
O Mouro o gesto, e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente, que de tão longe á India vinha.

CII

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
E que, se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lh'o pedisse:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII

E, como por toda Africa se soa,
Lhe diz os grandes feitos, que fizeram,
Quando n'ella ganharam a coroa
Do reino, onde as Hesperidas viveram:
E com muitas palavras apregoa
O menos, que os de Luso mereceram,
E o mais, que pela fama o Rei sabia;
Mas d'esta sorte o Gama respondia:

CIV

Oh tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade
Dos mares exp'rimenta a furia insana;
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana;
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV

Tu só, de todos quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos bom, fido, e jocundo:
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.

CVI

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as náos uma a uma rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja.
Mas para o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

CVII

Mas depois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto, e ancorado
N'agua o batel ligeiro, que os levava,
Por fallar de vagar co'o forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia, e fama.

CVIII

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas, e excellentes
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora;
Agora pelos povos seus visinhos;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do mundo, onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do começo:
Que, sem sabel-as, sei que são de preço;

CX

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado,
Conta: que agora vem co'os aureos freios,
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

CXI

E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não estimem muito um grande feito.

CXII

Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vãa o Olympo claro e puro:
Tentou Pirithoo, e Theseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo, e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho illustre, e duro,
Quanto foi commetter inferno, e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão ha, que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS LUSIADAS

CANTO TERCEIRO

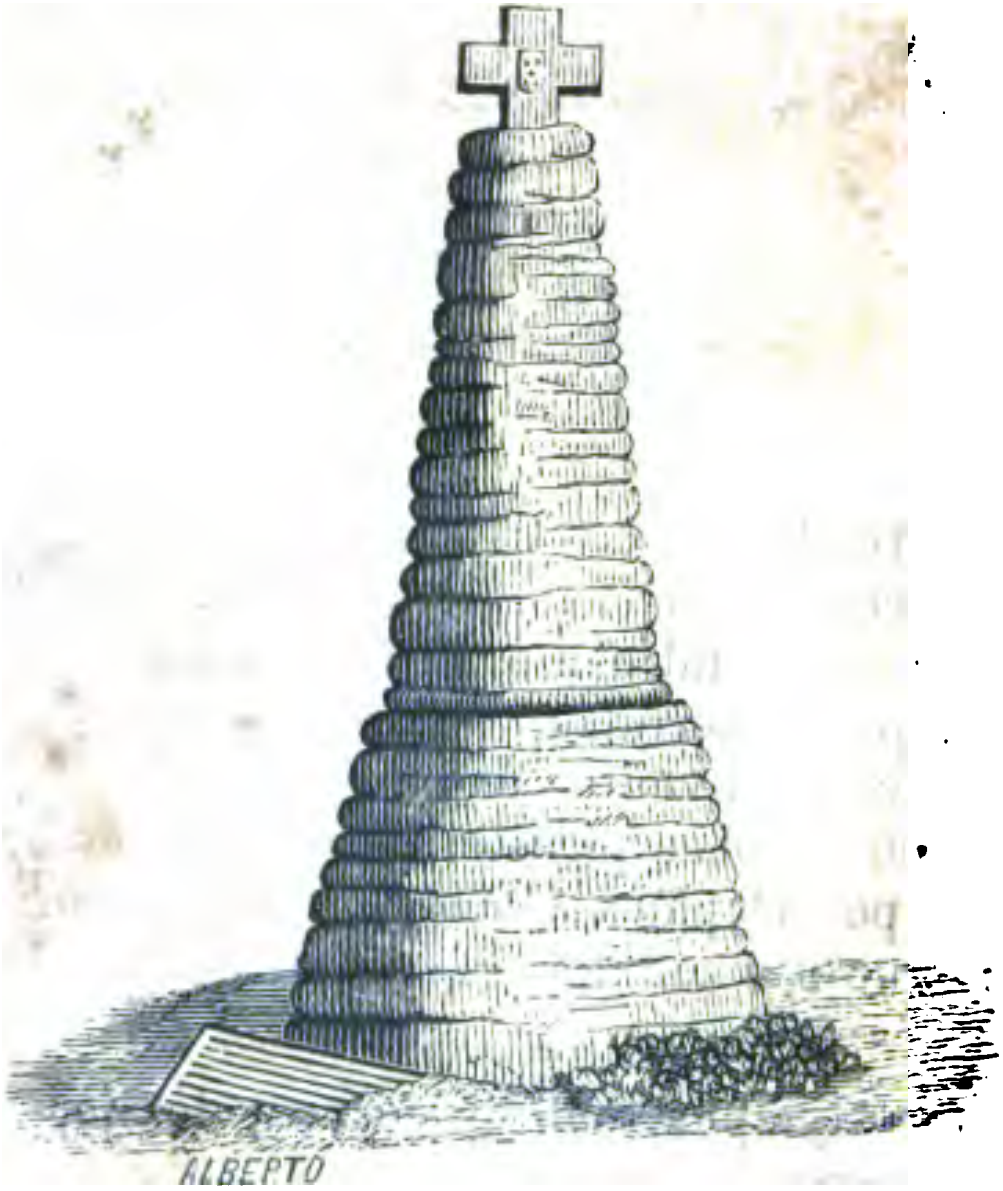
ARGUMENTO

DO CANTO TERCEIRO

Pratica de Vasco da Gama com el-Rei de Melinde, em que lhe faz a descripção da Europa: dá-lhe conta dos principios do reino de Portugal, de seus Reis (até el-Rei D. Fernando) e das suas acções principaes: feito notavel de Egas Moniz: vem a Portugal a Rainha de Castella D. Maria, a pedir soccorro para a batalha do Salado: amores, e caso desastrado de D. Ignez de Castro: alguns successos d' el-Rei D. Fernando.

OUTRO ARGUMENTO

A populosa Europa se descreve;
De Egas Moniz o feito sublimado;
Lusitania, que Reis, que guerras teve:
Christo a Affonso se expõe crucificado:
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado:
Mostra-se o vil descuido de Fernando,
E o grão poder de um gesto suave, e brando.



Padrão levantado por Vasco da Gama, proximo a Melinde, em janeiro de 1499, no regresso da sua viagem á India.

OS LUSIADAS

CANTO TERCEIRO

I

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama:
Inspira immortal canto, e voz divina
N'este peito mortal, que tanto te ama:
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, oh linda dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe
Te negue o amor devido, como soe.

II

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja, e saiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana;
Deixa as flores de Pindo; que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, oh Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é, que se costuma, e se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arreceio,
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E, para dizer tudo, temo, e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

V

Além d'isso o que a tudo em fim me obriga,
É não poder mentir no que disser;
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas, porque n'isto a ordem leve, e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

VI

Entre a zona, que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo, e do Occidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

VII

Da parte d'onde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha; mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide: e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co'o o nome dos sopros se ennobrecem:
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Co'os que tinham então a Egypcia terra;
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

X

Agora n'estas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noruega,
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias, que Italia não lhe nega:
Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Um braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI

Entre este mar e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hircinia, os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao Imperio de Allemanha
São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

XII

Entre o remoto Istro, e o claro estreito,
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que sobmettida
Byzancio tem a seu serviço indino:
Boa injuria do grande Constantino!

XIII

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, oh terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras
E não menos por armas, que por letras.

XIV

Logo os Dalmatas vivem, e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas; que tão baixa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que cheio
De esforço nações varias sujeitou;
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada,

XV

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte.
Mas depois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
Pobre está já de antigua potestade:
Tanto Deos se contenta de humildade!

XVI

Gallia alli se verá, que nomeada
Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana, e Rhodano é regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada,
Pyrene, se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, e de prata então correram.

XVII

Eis aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli da Europa toda
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lh'a não tire o esforço, e ousadia
Dos bellicosos peitos, que em si cria.

XVIII

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co' o extremo trabalho do Thebano:
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer d'ellas cuida que é melhor.

XIX

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta,
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa:
Tem o Gallego cauto, e o grande, e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor d'ella,
Betis, Leão, Granada com Castella.

XX

Eis aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano:
Este quiz o Ceo justo, que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra, e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI

Esta é a ditosa patria minha amada,
Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli commigo:
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E n'ella então os incolas primeiros.

XXII

D'esta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê, que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama ninguem virá, que dome;
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho, que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte
Creando-a reino illustre, e foi d'esta arte.

XXIII

Um Rei, por nome Affonso, foi na Hespanha
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força, e manha,
A muitos fez perder a vida, e a terra:
Voando d'este Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV

E c'um amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares:
Depois que em feitos altos, e subidos,
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso, que obras taes
Levassem premio digno, e dons iguaes.

XXV

D'estes Henrique, dizem que segundo
Filho de um Rei de Hungria exp'rimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então, não era illustre, nem prezado:
E, para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Thereza sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI

Este, depois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em premio d'estes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
Um filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a arêa tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada:
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Depois de ter Judea sobjugada,
Muitos, que n'estas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte, e famoso Hungaro extremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deo a quem lh'o tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pai tal filho se esperava.

XXIX

Mas o velho rumor, não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta, que a mãi tomando todo o estado
Do segundo hymeneo não se despreza:
O filho orphão deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lh'as dera.

XXX

Mas o principe Affonso, (que d'esta arte
Se chamava, do avô tomando o nome,)
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãi com seu marido as manda, e come:
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI

De Guimarães o campo se tingia
Co' o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com elle posta em campo já se via,
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas n'ella o sensual era maior.

XXXII

Oh Progne crua! oh magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai, que inda Thereza pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea,
São as causas d'este erro principais:
Scylla por uma mata o velho pai,
Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto, e da iniqua mãi levava:
Já lhe obedece a terra n'um momento,
Que primeiro contra elle pelejava;
Porem, vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros asperos atava:
Mas de Deos foi vingada em tempo breve!
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Thereza,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou peza.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defeza,
Não só contra tal furia se sustenta.
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que d'esta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia:
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas Moniz: mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Principe a seu mando submettido,
Lhe desse a obediencia que esperava:
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida:

XXXVIII

E com seus filhos, e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança,
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingaçna.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos, e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes;
N'ellas sós exp'rimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

XL

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta; e já entregado
Espera pelo golpe tão temido;
Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.

XLI

Oh grão fidelidade portugueza,
De vassallo, que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez n'aquella empreza,
Onde rosto, e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que, mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias, que tomara.

XLII

Mas já o Principe Affonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força, e gente tão pequeno.

XLIII

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos, que o ceo regia;
Que tão pouco era o povo baptisado,
Que para um só cem mouros haveria:
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade, que ousadia,
Commetter um tamanho ajuntamento,
Que para um cavalleiro houvesse cento.

XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exp'rimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a famosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV

A matutina luz serena, e fria
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis!

XLVI

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o ceo tocavam,
Dizendo em alta voz: «Real, Real,
Por Affonso alto Rei de Portugal.»

XLVII

Qual co'os gritos, e vozes incitado
Pela montanha o rabido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

XLVIII

Tal do Rei novo o estomago, accendido
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido
Co'o animoso exercito rompente:
Levantam n'isto os perros o alarido
Dos gritos; tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco matto vai queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato e foge para a aldea:

L

D'esta arte o Mouro attonito, e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Uns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI

Alli se vêm encontros temerosos,
Para se desfazer uma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

LIII

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos, e presa rica:
Desbaratado, e roto o Mouro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal d'estes cinco Reis vencidos.

LIV

E n'estes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fora vendido;
Escrevendo a memoria em varia tinta
D'aquelle, de quem foi favorecido:
Em cada um dos cinco, cinco pinta:
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra, mui pouco havia, do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI

A estas nobres villas sobmettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Sobjuga a fria Cintra o duro braço,
Cintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII

E tu, nobre Lisboa, què no mundo
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portugueza,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno
Muitos com tenção santa eram partidos:
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX

D'esta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella, que dos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados,
E em fim co'o Betis tanto alguns poderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lavam, e Torres-Vedras.

LXII

E vós tambem, oh terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais-que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres:
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas
E Alcacere do Sal estão rendidas

LXIII

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente,
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra, e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceo por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV

Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que não sabe socegar,
Por estender co'a fama a curta vida:
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade; mas, sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV

Com estas sobjugada foi Palmella,
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata um exercito potente:
Sentio-o a villa, e vio-o o senhor d'ella,
Que a socorrel-a vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado:

LXVI

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas, e de ouro
Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas, qual no mez de Maio o bravo touro,
Co'os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante:

LXVII

D'esta arte Affonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura:
D'um panico terror todo assombrado,
Só de seguil-o o exercito procura,
Sendo estes, que fizeram tanto abalo,
Não mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo d'aquelle, que o merece;
Ou, para que se emende, ás vezes tarda,
Ou por segredos, que o homem não conhece;
Se até aqui sempre o forte rei resguarda
Dos perigos, a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãi, que estava presa;

LXX

Que estando na cidade, que cercara,
Cercado n'ella foi dos Leonezes,
Porque a conquista d'ella lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontèce muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
A batalha, onde foi vencido, e preso.

LXXI

Oh famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina;
Nem ver que a justa Nemesis ordene
Ter teu sogro de ti victoria dina:
Postoque o frio Phasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente:

LXXII

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos, e Colchos, cuja fama
O veo dourado estende, e os Cappadoces,
E Judea, que um Deos adora, e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto, e santo monte:

LXXIII

E posto em fim que desd'o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem; não te espante,
Se o campo Emathio só te vio vencido:
Porque Affonso verás soberbo e ovante,
Tudo render, e ser depois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto, celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV

Tornado o Rei sublime finalmente
Do divino Juizo castigado,
Depois que em Santarem soberbamente
Em vão dos Sarracenos foi cercado,
E depois que do martyre Vicente
O santissimo corpo venerado
Do sacro promontorio conhecido
Á cidade Ulyssea foi trazido;

LXXV

Porque levasse ávante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo,
Com gente, e co'o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço e d'animo sobejo,
Ávante passa, e faz correr vermelho
O rio, que Sevilha vai regando
Co'o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

LXXVI

E com esta victoria cobiçoso,
Já não descansa o moço, até que veja
Outro estrago, como este, temeroso,
No barbaro, que tem cercado Beja:
Não tarda muito o principe ditoso,
Sem ver o fim d'aquillo, que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que tevè o ceo:
Já vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foi de Anteo.
O morador de Abyle não se escusa:
Que tambem com suas armas se moveo
Ao som da Mauritana e ronca tuba,
Todo o reino, que foi do nobre Juba.

LXXVIII

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almomini em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso não perdendo
Nada do esforço, e accordo generoso,
Tudo provê com animo, e prudencia
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado,
Os trabalhosos annos ao socego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem, do Mouro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI

E co'a famosa gente á guerra usada
Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados;
A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados:
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almomini só não fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida:
A quem lhe esta victoria permittio,
Dão louvores, e graças sem medida;
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII

De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, Principe subido:
Quando, quem tudo em fim vencendo andava
Da larga, e muita idade foi vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
E pagaram seus annos d'este geito
Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV

Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas:
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Affonso, Affonso, os eccos: mas em vão.

LXXXV

Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exp'rimentara.
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram,
Os golpes do seu braço em si provaram:

LXXXVI

Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judéa já perdida.

LXXXVII

Passavam a ajudar na santa empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da cidade, onde Christo padeceo,
Quando Guido, co'a gente em sede accesa,
Ao grande Saladino se rendeo
No lugar, onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do santo Marte:
Assi como a seu pai acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado Silves toma,
E o bravo morador destrue, e doma.

LXXXIX

E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte;
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tuì, que a mesma sorte
Vio ter a muitas villas suas visinhas,
Que por armas, tu, Sancho, humildes tinhas.

XC

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso, e Rei terceiro:
No tempo d'este aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

XCI

Morto depois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado:
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher, e depois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,
Que a cidade queimasse, onde vivia;
Nem tão máo como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII

Nem era o povo seu tyrannisado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos:
Nem tinha, como Phálaris, achado
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o reino de altivo, e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

XCIV

Por esta causa o reino governou
O conde Bolonhez, depois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado:
Este, que Affonso o bravo se chamou,
Depois de ter o reino segurado,
Em dilatal-o cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O Mouro, mal querido já de Marte:
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania com força, e bellica arte;
E acabou de opprimir a nação forte,
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

XCVI

Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o reino prospero florece
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes;
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fertil herva.
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas depois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso; mas forte e excellente.

XCIX

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno,
Porque não é das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porém, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrel-a.

C

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido uma vez, que a propria morte;
Pedindo ainda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a carissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
D'aquelle a cujo reino foi mandada.

CII

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados;
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

CIII

Quantos povos a terra produzio
Da Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Depois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV

Aquelle, que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has d'elle, e do reino ser privada,
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV

Por tanto, oh Rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congela;
Rompe toda a tardança, acude cedo
Á miseranda gente de Castella:
Se esse gesto que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude, e corre pai; que, se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.

CVI

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco, que lhe pede.

CVII

Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados:
Lustra co'o Sol o arnez, a lança, a espada,
Vão rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado,
E sómente co' o gesto esforça, e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha d'ella.

CIX

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto, e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça, e claro veja,
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

CX

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito Agareno,
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Saraceno;
Assi tambem com falsa conta, e nua,
Á nobre terra alheia chamam sua.

CXI

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras, e esforço apercebido;
Com palavras soberbas, e arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana
Quanto mais póde a fé, que a força humana:

CXII

D'esta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, e com destreza
De Marrocos o Rei commette, e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII

Eis as lanças, e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam (segundo as leis que alli seguiam)
Uns Mafamede, e os outros Sant'Iago:
Os feridos com a grita o ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV

Com esforço tamanho estrue, e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito d'aço:
De alcançar tal victoria tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV

Já se ia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o ponente, o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram n'este vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a santa cidade desfizeste
Do povo, pertinaz no antigo rito,
Permissão, e vingança foi celeste,
E não força de braço, oh nobre Tito;
Que assi dos vates foi prophetisado,
E depois por JESUS certificado.

CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste, e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que depois de ser morta foi Rainha.

CXIX

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga:
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
É porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo o doce fruito,
N'aquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

CXXI

Do teu principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas senhoras, e Princezas
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro Amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morta indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-n'a os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido á piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos que deixava,
Que, mais que a propria morte, a magoava:

CXXV

Para o céo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assim dizia:

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

CXXVII

Oh tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro.
Mas, se t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se n'elles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco, e vontade
N'aquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãi triste.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que d'esta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli apregoam,
Contra uma dama, oh peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condemna,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena
(Bem como paciente, e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabrasto, que sustinha
As obras, com que amor matou de amores
Aquelle, que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII

Bem puderas, oh Sol, da vista d'estes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, oh concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da bocca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores!

CXXXVI

Não correo muito tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas:
Que em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro, e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII

Este castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes, e adulterios:
Fazer nos máos cruezas, fero e iroso
Eram os seus mais certos refrigerios;
As cidades guardando, justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII

Do justo, e duro Pedro nasce o brando
(Vece da natureza o desconcerto!)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto:
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente;
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado
N'um falso parecer mal entendido:
Ou foi, que o coração sujeito, e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, e traco; e bem parece,
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

CXL

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David santo se condemna?
Ou quem a tribu illustre destruio
De Benjamin? Bem claro nol-o ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI

E pois, se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece,
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado:
Tu tambem, Pœno prospero, o sentiste,
Depois que ũa moça vil na Apulia viste.

CXLII

Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laços, que Amor arma brandamente
Entre as rosas, e a neve humana pura,
O ouro, e o alabastro transparente?
Quem de uma peregrina formosura,
De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo acceso?

CXLIII

Quem vio um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave, e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS

CANTO QUARTO

ARGUMENTO

DO CANTO QUARTO

Continúa o Gama a prática com El-Rei de Melinde, e refere as guerras de Portugal com Castella sobre a successão do reino, por morte d'El-Rei D. Fernando: façanhas militares do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira: batalha e victoria de Aljubarrota: diligencias que se fizeram para descobrir a India por mar em tempo de El-Rei D. João II: como El-Rei D. Manoel conseguio esse fim, determinando esta viagem: prevenções para ella: embarque e despedida dos navegantes nas praias de Belem.

OUTRO ARGUMENTO

Acclamado João, de Pedro herdeiro,
Convoca Leonor ao Castelhano:
Oppõe-se Nuno, intrepido guerreiro;
Dá-se batalha; vence o Lusitano:
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano;
E como ao Gama coube esta alta empreza,
Por affinar a gloria Portugueza.

OS LUSIADAS

CANTO QUARTO

I

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento;
Assi no reino forte aconteceo,
Depois que o Rei Fernando falleceo.

II

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os damnos, e offensas vá vingando
N'aquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Depois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

III

Ser isto ordenação dos Céos divina,
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de uma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou;
E como cousa em fim, que o Céo destina,
No berço o corpo, e a voz alevantou:
—«Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo, Dom João.»

IV

Alteradas então do Reino as gentes
Co'o odio, que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos, e parentes
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, depois de viuva, manifesta.

V

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante d'ella a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima, e corre;
Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma viõ,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira d'ella.

VII

Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhano está, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lh'o concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiões, e varias terras.

VIII

Vem de toda a provincia, que de um Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras, que Fernando, e que Rodrigo,
Ganharam do tyranno e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

IX

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda a Andaluzia,
Que do Guadalquivir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tyrios habitavam
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Oh sordidos Gallegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes,
A'quelles, cujos golpes já provastes.

XI

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou d'elle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII

Joanne, a quem do peito o esforço cresce,
Como a Samsão Hebreu da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha:
E não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha;
Mas só por vêr das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei, e a patria; e se convem,
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV

Mas nunca foi, que este erro se sentisse
No forte D. Nuno Alvares: mas antes,
Posto qne em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

XV

—«Como, da gente illustre Portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como, d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira vêr sujeito?

XVI

Como? Não sois vós inda os descendentes
D'aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes
Venceram esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afóra a presa que tiveram?

XVII

Com quem foram continuo sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz, e seu filho, sublimados,
Senão com os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assim vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo:
Se é certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

Eu só com meus vassallos, e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem sobjugada:
Em virtude do Rei, da Patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei, não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.»

XX

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
Á fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Na sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou n'ellas fôr perdida:

XXI

D'esta arte a gente fórça, e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões,
Vão correndo, e gritando á bocca aberta:
«Viva o famoso Rei que nos liberta.»

XXII

Das gentes populares, uns approvam
A guerra, com que a patria se sustinha;
Uns as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.

XXIII

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sahe da fresca Abrantes;
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos, sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem, famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandal-os, e regel-os,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas, e castellos o pendão
Com Joanne, Rei forte em toda a parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI

Estavam pelos muros temerosas,
E de um alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores;
Alferezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro, e o Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso;
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso:
E as mãis, que o som terribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos rostos alli se vêm sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor
É maior muitas vezes que o perigo;
E se o não é, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporaes, da vida cara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhal-a:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala:
Derriba, e encontra, e a terra emfim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam:
Espedaçam-se as lanças: e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

Eis alli seus irmãos contra elle vão:
Caso feo e cruel! Mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Patria se alevanta:
D'estes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes: caso estranho!
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

XXXIII

Oh tu Sertorio, oh nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros:
Tantos dos inimigos a elles vão:
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão:
Perseguem-n'o co'as lanças, e elle iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com torva vista os vê; mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio: alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentio Joanne a affronta, que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leôa, fera, e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lh'os furtara:

XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete Irmãos atroa, e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
Oh fortes companheiros, oh subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e d'este unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro:

XXXIX

Por que eis os seus accesos novamente
D'uma nobre vergonha, e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
O Mestre morre alli de Sant'Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao profundo,
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas, que passam d'este mundo:
E porque mais aqui se amanse, e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
A multidão da gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão, e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-n'o os que ficaram: e o temor
Lhes dá não pés mas azas á fugida:
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo:

XLIV

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo:
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso, e sitibundo,
Que por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo:
Deixando tantas mâis, tantas esposas,
Sem filhos, sem marido, desditosas.

XLV

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria:
Com offertas depois, e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento:
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo, e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores, n'um momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

XLVII

D'estas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos.
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Depois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
A's duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça damno;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano:
Este é o primeiro Rei, que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra: e segura toda Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

L

Não consentio a morte tantos annos
Que de heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse:
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse,
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo, que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem vio sempre um estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda n'este reino e n'este Rei
Não usou ella tanto d'esta lei.

LII

Vio ser captivo o santo irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s'entregava:
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o publico bem, que o seu, respeita.

LIII

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida:
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV

Mas Affonso, do reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fora por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir vêr a terra Iberia:
Mas Africa dirá, ser impossibil
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV

Este póde colher as maçãas de ouro,
Que sómente o Tyrinthio colher póde:
Do jugo, que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode:
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI

Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante;
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros n'esta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII

Porém depois tocado de ambição,
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão
Sobre o potente reino de Castella:
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas, e varias gentes d'ella,
Desde Cadiz ao alto Pyreneo;
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne, e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena:
Sahio-se em fim do trance perigoso
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento:

LIX

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso damno,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
D'esta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando d'aquelles, que Cesar mataram,
Nos Philippicos campos se vingaram.

LX

Porém, depois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no Céo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno:
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada,
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthenope enterrada,
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes sobjugada,
Pela illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII

Pelo mar alto Siculo navegam:
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas,
E d'alli ás ribeiras altas chegam,
Que co'a morte de Magno são famosas:
Vão a Memphis, e ás terras, que se regam
Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o santo rito.

LXIII

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem náo passou;
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou:
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia descoberta,
Feliz, deixando a Pétrea, e a Deserta.

LXIV

Entram no Estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes, onde nascem, tem por gloria.
D'alli vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV

Viram gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram em fim, e lá ficaram;
Que á desejada Patria não tornaram.

LXVI

Parece, que guardava o claro Céo
A Manoel, e seus merecimentos
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos, e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo, como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII

O qual, como do nobre pensamento
D'aquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra cara),
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado; no tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidam, quando cahem;

LXVIII

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu officio, e sangue, a obrigação;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias fórmas lhe apparece.

LXIX

Aqui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava á prima esphera,
D'onde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha, e fera:
E lá bem junto d'onde nasce o dia,
Depois que os olhos longos estendera,
Vio de antigos, longiquos, e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX

Aves agrestes, feras, e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil arvores silvestres, e hervas varias
O passo, e o trato ás gentes atalhavam;
Estas duras montanhas adversarias
De mais conversação, por si mostravam
Que, desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI

Das aguas se lhe antolha, que sahiam
Par'elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhes cahiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando,
A côr da pelle baça, e denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
Um d'elles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha;
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha,
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,
D'esta arte para o Rei de longe brada:
«—Oh tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada:
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos, que é tempo, que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
Est'outro é o Indo, Rei, que n'esta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos comtudo dura guerra:
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV

Não disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desparecem n'um momento:
Acorda Manuel c'um novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo n'isto Phebo o claro manto
Pelo escuro hemispherio somnolento,
Veio a manhã no céo pintando as côres
De pudibunda rosa, e roxas flôres.

LXXVI

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão:
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente, que mandar, cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII

Eu, que bem mal cuidava, que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas d'este geito
Presago o coração me promettia:
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom signal, que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
D'este commettimento grande, e grave.

LXXVIII

E com rogo, e palavras amorosas,
Que é um mando nos Reis, que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas, e lustrosas
Se alcançam com trabalho, e com fadiga:
Faz as pessoas altas, e famosas
A vida, que se perde, e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empreza, qual a vós se deve;
Trabalho illustre, duro, e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais; mas logo: Oh Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava,
O leão Cleonœo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava,
Descer em fim ás sombras vãas, e escuras
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, oh Rei, o esp'rito, e carne é prompta.

LXXXI

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive, e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor, e d'amizade,
Não menos cobiçoso de honra, e fama,
O caro meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor:
Ambos são de valia, e de conselho
A'experiencia em armas, e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor,
Todos de grande esforço; e assim parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII

Foram de Manoel remunerados;
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o véo dourado combatessem,
Na fatidica náo, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'um alvoroço nobre, e c'um desejo
(Onde o licor mistura, e branca area
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As náos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo;
Porque a gente maritima, e a de Marte
Estão para seguir-me a toda a parte.

LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados
De varias côres vem, e varias artes,
E não menos de esforço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes náos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI

Depois de apparelhados d'esta sorte,
De quanto tal viagem pede, e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda,
Para o summo Poder, que a etherea corte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII

Partimo-nos assim do santo templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo
D'onde Deos foi em carne ao mundo dado
Certifico-te, oh Rei, que se contemplo
Como fui d'estas praias apartado,
Cheio dentro de duvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII

A gente da cidade aquelle dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por vêr sómente), concorria,
Saudosos na vista, e descontentes:
E nós co'a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX

Em tão longo caminho, e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'um choro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam:
Mãis, esposas, irmãas (que o temeroso
Amor mais desconfia) accrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a vêr tão cedo.

XC

Qual vai dizendo: Oh filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio, e doce amparo
D'esta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso, e amaro:
Porque me deixas misera, e mesquinha?
Porque de mim te vás, oh filho caro,
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

XCI

Qual em cabello: Oh doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha, e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis, que com as velas leve o vento?

XCII

N'estas e outras palavras, que diziam,
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca area as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãi, nem a esposa, n'este estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

XCIV

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do esperto peito:

XCV

Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
D'esta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, qne honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades n'elles exp'rimentas!

XCVI

Dura inquietação d'alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios;
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios:
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com que se o povo nescio engana!

XCVII

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

XCVIII

Mas oh tu, geração d'aquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia
Não sómente do reino soberano
Te poz n'este desterro, e triste ausencia;
Mas 'inda d'outro estado, mais que humano,
Da quieta, e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d'armas te deitou:

XCIX

Já que n'esta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia:
Já que á bruta crueza, e feridade
Pozeste nome, esforço, e valentia:
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada; pois que já
Temeo tanto perdel-a quem a dá:

C

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras, e riqueza mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI

Deixas criar ás portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto, e incognito perigo,
Porque a fama te exalte, e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia!

CII

Oh maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas velas poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei, que sigo e tenho:
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria:
Mas comtigo se acabe o nome, e a gloria!

CIII

Trouxe o filho de Japeto do ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano,
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras: (grande engano!)
Quanto melhor nos fora, Prometheo,
E quanto para o mundo menos damno,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV

Não commettera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector, co'o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum commettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição!

OS LUSIADAS

CANTO QUINTO

ARGUMENTO

DO CANTO QUINTO

Prosegue Vasco da Gama na relação da sua viagem, e descreve ao Rei de Melinde a sahida de Lisboa; as diversas terras que tocaram, e gentes que viram até ao Cabo de Boa Esperança; caso de Fernão Velloso: fabula do Gigante Adamastor: continuação da viagem até Melinde, em que dá fim á pratica, estabelecida a paz, e uma verdadeira amisade entre o Gama, e aquelle Rei.

OUTRO ARGUMENTO

Relata o Gama illustre ao Rei potente
Sua viagem longa, e incerta via;
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernão Velloso a ousadia:
Como a Adamastor vio, Gigante ingente,
Que um dos filhos da Terra se dizia;
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou, e são conforto.

OS LUSIADAS

CANTO QUINTO

I

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II

Entrava n'este tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento;
E o mundo, que co'o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento:
N'ella vê, como tinha por costume,
Cursos de Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III

Já a vista pouco a pouco se desterra
D'aquelles patrios montes, que ficavam:
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Cintra; e n'ella os olhos se alongavam;
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já, depois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim, que mar, e ceo.

IV

Assim fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Antheo n'um tempo possuio,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assim se chama;
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome que por fama:
Mas nem, por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam,
Gente, que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam;
A terra a nenhum fructo em fim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII

Passámos o limite, aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a cor do dia:
Aqui gentes estranhas lava, e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperides chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas:
Alli tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX

A'quella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sant-Iago:
Santo, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
D'aqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assim deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

X

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente:
A mui grande Mandinga (por cuja arte
Lográmos o metal rico e luzente)
Que do curvo Gambêa as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe:

XI

As Dórcadas passámos, povoadas
Das irmâas, que outro tempo alli viviam,
Que, de vista total sendo privadas,
Todas tres d'um só olho se serviam:
Tu só, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais fêa,
De viboras encheste a ardente area.

XII

Sempre emfim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo gólfão nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos:
O Grande Rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou, co'a ilha illustre, que tomou
O nome d'um, que o lado a Deos tocou.

XIII

Alli o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.
Por este largo mar emfim me alongo
Do conhecido polo do Callisto,
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do mundo é limitado.

XIV

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta d'ella:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta de estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV

Assim passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'um ao outro polo:
Por calmas, por tormentas, e oppressões
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, apezar de Juno
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

XVII

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Vêr as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho, e sùbtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado um cano ao polo summo
Se viá, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

XX

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co'as ondas ondeando,
Em cima d'elle ũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que, imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando, mais e mais se engrossa, e cria,
Alli se enche, e se alarga grandemente;
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si, e a nuvem negra, que sustenta.

XXII

Mas, depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar, a si recolhe,
E pelo céo chovendo emfim voou;
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas, que tomou:
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.

XXIII

Se os antigos philosophos, que andaram
Tantas terras, por vêr segredos d'ellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas:
Que grandes escripturas, que deixaram!
Que influição de signos, e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

XXIV

Mas já o planeta, que no céo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrára, emquanto o mar cortava a armada:
Quando da etherea gavea um marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

XXV

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes, que enxergamos;
As ancoras pezadas se adereçam,
As velas já chegados amainamos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas, onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo, e sabio:

XXVI

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De vêr cousas estranhas desejosa,
Da terra, que outro povo não pizou:
Porém eu co'os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, emquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII

Torvado vem na vista, como aquelle,
Que não se vira nunca em tal extremo,
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria;
A nada d'isto o bruto se movia.

XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Um barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente;
Mando-o soltar com tudo, e assim caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nús, e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar, que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem, que se atreva
Fernão Velloso a ir vêr da terra o trato,
E partir-se com elles pelo matto.

XXXI

É Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê, que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado, do que fôra, vinha.

XXXII

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas, antes que chegasse,
Um Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem, vê-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse:
Acudo eu logo; e, emquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.

XXXIII

Da espessa nuvem settas, e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu d'alli ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que, em mais que nos barretes, se suspeita,
Que a cor vermelha levam d'esta feita.

XXXIV

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea, e rude intento
Da gente bestial, bruta, e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudémos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe d'ella:
E assim tornei a dar ao vento a vela.

XXXV

Disse então a Velloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
Olá, Velloso amigo, aquelle outeiro
É melhor de descer, que de subir.
Si é, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
D'aquelles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.

XXXVI

Contou então, que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo
Avante mais passar o não deixaram
Querendo se não torna, alli matal-o ;
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque sahindo nós para tomal-o,
Nos podessem mandar ao reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII

Porém já cinco soes eram passados,
Que d'alli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando uma noite estando descuidados,
Na cortadora prôa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII

Tão temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos corações um grande medo;
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
Oh Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece, que tormenta?

XXXIX

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos.

XL

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi, e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

XLI

E disse: Oh gente ousada, mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho
Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:

XLII

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento;
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de sobjugar com dura guerra.

XLIII

Sabe, que quantas náos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos, e tormentas desmedidas;
E na primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio, summa vingança;
E não se acabará só n'isto o damno
Da vossa pertinace confiança;
Antes em vossas náos vereis cada anno
Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos;
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos,
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, e namorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado;
Triste ventura, e negro fado os chama
N'este terreno meu, que duro, e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII

Verão morrer com fome os filhos caros
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos;
Os crystallinos membros e preclaros
A' calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficàrem
Na fervida e implacavel espessura:
Alli, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

XLIX

Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado.
A bocca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado
Me respondeo com voz pezada e amara
Como quem da pergunta lhe pezara:

L

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentorio
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
N'este meu nnnca visto promontorio
Que para o polo Antarctico se estende
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos asperrimos da Terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra;
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza,
Todas as deosas desprezei do ceo,
Só por amar das aguas a princeza:
Um dia a vi, co'as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII

Como fosse impossivel alcançal-a
Pela grandeza fea de meu gesto
Determinei por armas de tomal-a,
E a Doris este caso manifesto;
De medo a deosa então por mi lhe falla;
Mas ella c'um formoso riso honesto
Respondeo: qual será o amor bastante
De nympha, que sustente o d'um gigante?

LIV

Com tudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o damno;
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude n'este engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV

Já nescio, já da guerra desistindo,
Uma noite de Doris promettida
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida;
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços para aquella, que era vida
D'este corpo; e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De aspero matto, e de espessura brava;
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

LVII

Oh nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que tecustava ter-me n'este engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
D'aqui me parto irado, e quasi insano
Da magoa, e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse,
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII

Eram já n'este tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.

LIX

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim, minha grandissima estatura
N'este remoto cabo converteram
Os deoses; e, por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando d'estas aguas.

LX

Assim contava, e c'um medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou:
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI

Já Phlegon, e Pyrois vinham tirando
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante:
Ao longo d'esta costa, começando,
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo um pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII

A gente, que esta terra possuia,
Posto que todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam:
Com bailes, e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam, concertadas
Co'o doce som das rusticas avenas
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,
A troco d'outras peças, que levaram:
Mas como nunca emfim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que désse algum signal do que buscámos,
As velas dando, as ancoras levámos.

LXV

Já aqui tinhamos dado um grão rodeio
Á costa negra da Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do céo, e o polo Antarctico ficava:
Aquelle ilhéo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo; e, descuberto,
N'aquelle ilhéo fez seu limite certo.

LXVI

D'aqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co'o mar um tempo andámos em porfias;
Que, como tudo n'elle são mudanças,
Corrente n'elle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento, que assoprava:
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
N'este dia outro porto foi tomado
Por nós da mesma já contada gente,
N'um largo rio, ao qual o nome demos
Do dia, em que por elle nos mettemos.

LXIX

D'esta gente refresco algum tomámos,
E do rio fresca agua; mas com tudo
Nenhum signal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quasi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sahir nunca d'este povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem signal
Da desejada parte Oriental.

LXX

Ora imagina agora, quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas, e por mares não sabidos:
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar já compellidos,
Por céos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

LXXI

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e máo ao fraco corpo humano,
E alem d'isso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crês tu, que se este nosso ajuntamento
De soldados não fôra Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII

Crês tu, que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
D'aquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII

Deixando o porto emfim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos d'esta costa algum desvio,
Deitando para o pego toda a armada;
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz alli d'aquella banda,
D'onde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV

Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada, e geme,
A proa inclina d'uma, e d'outra náo:
Quando indo o coração, que espera, e teme,
E que tanto fiou d'um fraco pao,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'uma novidade alvoroçado.

LXXV

E foi, que, estando já da costa perto,
Onde as praias, e valles bem se viam,
N'um rio, que alli sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravam, e sahiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas, que sabiam
Navegar; porque entr'ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI

Ethiopes são todos, mas parece,
Que com gente melhor communicavam;
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua, que fallavam;
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam:
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.

LXXVII

Pela Arabica lingua, qne mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por náos, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende:
Mas que lá, d'onde sahe o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol; terra, onde havia
Gente, assim como nós, da cor do dia.

LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais:
Pelos signaes, que n'este rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-Signaes:
Um padrão n'esta terra alevantámos,
Que para assignalar lugares taes
Trazia alguns: o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

LXXIX

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpámos as náos, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas, e immundas.
Dos hospedes, que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX

Mas não foi da esperança grande, e immensa,
Que n'esta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura.
Assi no Céo sereno se dispensa:
Com esta condição pezada e dura
Nascemos: o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI

E foi, que de doença crua e feia
A mais, que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o ver, o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gingivas na bocca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia:

LXXXII

Apodrecia c'um fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava:
Não tinhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualquer n'este officio pouco instructo
Pela carne já podre assim cortava,
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII

Emfim que n'esta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil é ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como os nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV

Assim que d'este porto nos partimos
Com maior esperança, e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza:
Na dura Moçambique, emfim, surgimos,
De cuja falsidade, e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento
Dará saude a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste: e vês aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI

Julgas agora, Rei, que houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
Ulysses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que d'elle se escrevessem,
Do que eu vi a poder d'esforço, e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII

Esse, que bebeo tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo, e Salamina:
Ess'outro, que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona e divina,
Ouvindo, o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co'o som se ensoberbece:

LXXXVIII

Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
D'esses seus semideoses, e encareçam,
Fingindo Magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas, que co'o canto os adormeçam:
Dêm-lhe mais navegar á vela e remos
Os Cicones, e a terra, onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o Loto:
Dêm-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX

Ventos soltos lhe finjam, e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpias, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas;
Que, por muito, e por muito que se afinem
N'estas fabulas vãas, tão bem sonhadas,
A verdade, que eu conto nua e pura,
Vence toda grandiloqua escriptura.

XC

Da bocca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes, e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d'animo, e nobreza.

XCI

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual, que mais notou:
Nenhum d'elles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampecia mal guiou
Por vir a descançar nos Thetios braços,
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII

Quão doce é o louvor e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados:
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados:
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta, e incita.

XCIII

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandre na peleja,
Quanto, de quem o canta, os numerosos
Versos: isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Milciades famosos
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz, que seus feitos celebrava.

XCIV

Trabalha por mostrar Vasco da Gama,
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria, e fama,
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
Si: mas aquelle heroe, que estima, e ama
Com dões, mercês, favores, e honra tanta
A lyra Mantuana, faz, que sôe
Eneas, e a Romana gloria vôe.

XCV

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá comtudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos, e venustos:
Não dirá Fulvia certo, que é mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra!

XCVI

Vai Cesar sobjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'uma mão a penna, e n'outra a lança
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe, e alcança,
É nas comedias grande experiencia.
Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII

Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto, e sciente,
Da Lacia, Grega ou barbara nação,
Senão da Portugueza tão sómente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
É não se ver prezado o verso, e rima;
Porque quem não sabe a arte não a estima.

XCVIII

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros:
Mas o peor de tudo é, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada d'isso.

XCIX

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama
De toda a illustre e bellica fadiga;
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem:

C

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é sómente o presupposto
Das Tagides gentis, e seu respeito:
Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via
Não perderá seu preço, e sua valia.

OS LUSIADAS

CANTO SEXTO

ARGUMENTO

DO CANTO SEXTO

Sahe Vasco da Gama de Melinde, e em quanto navega prosperamente, desce Baccho ao mar; descripção do palacio de Neptuno: convoca o mesmo Baccho os deoses maritimos, e lhes persuade destruam aos navegantes: em quanto isto se passa, refere o Velloso, por entreter aos seus companheiros, a historia dos doze de Inglaterra; levanta-se horrorosa tormenta: é aplacada por Venus, e pelas Nymphas: com bonança chegam finalmente a Calecut, ultimo e desejado termo d'esta navegação.

OUTRO ARGUMENTO

Parte-se de Melinde o illustre Gama,
Com pilotos da terra, e mantimento:
Desce Lyeo ao mar, Neptuno chama
Todos os deoses do humido elemento:
Conta Velloso, aos seus dando honra, e fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a affligida armada,
E á India chega tanto desejada.

OS LUSIADAS

CANTO SEXTO

I

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes;
Para que as amizades alcançasse
Do Rei christão, das gentes tão possantes:
Peza-lhe, que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
D'onde Hercules ao mar abrio o caminho.

II

Com jogos, danças, e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra, e engana,
Este famoso Rei todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III

Mas vendo o Capitão, que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida, que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra, e mantimento;
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes barões seu reino e estado:
E que emquanto o seu corpo o esp'rito reja,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida, e reino totalmente
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão; e logo, as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando:
No piloto, que leva, não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assim caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI

As ondas navegavam do Oriento
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o máo de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se apparelhavam
Á gente Lusitana, d'ellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não no pode estorvar: que destinado
Está d'outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca, e toma:
Entra no humido reino, e vai-se á corte
D'aquelle, a quem o mar cahio em sorte.

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá d'onde as ondas sahem furibundas;
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jocundas
Nereas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
As areas alli de prata fina;
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quando-se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina,
Se é crystal o que vê, se diamante;
Que assi se mostra claro, e radiante.

X

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em cores variadas
Dò velho chaos a tão confusa face:
Vêm-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

XI

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha,
D'aqui as cousas vivas sempre anima,
Depois que Prometheo furtado o tinha.
Logo apoz elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
A's alimarias n'ella produzidas:
A clara forma alli estava esculpida
Das aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII

N'outra parte esculpida estava a guerra,
Que tiveram os deoses co'os gigantes;
Está Typheo debaixo da alta sorra
De Etna, que as flammas lança crepitantes.
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
D'elle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista d'estas cousas; mas, entrando
Nos paços de Neptuno, que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
A's portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando
De ver que, commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV

Oh Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes;
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres
Verão da desventura grandes modos,
Ouçam todos o mal, que toca a todos.

XVI

Julgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'uma e d'outra banda:
Tritão, que de ser filho se gloría
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

XVII

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Uns limos prenhes d'agua, e bem parecem,
Que nunca brando pentem conhecera.n;
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

XVIII

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos cento e cento:
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento;
Ostras, e breguigões do musgo sujos,
A's costas com a casca os caramujos.

XIX

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos depois da Grega insania.

XX

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas, que gerara:
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoara:
O propheta Protêo, deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Caelo, e Vesta filha,
Grave, e leda no gesto e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha:
Vestida uma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se;
Que tanto bem não é para esconder-se;

XXII

Amphitrite, formosa como as flores,
N'este caso não quiz que fallecesse,
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse;
Co'os olhos que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão, igual partido;
Pois ambas são esposas d'um marido.

XXIII

Aquella, que das furias de Athamanto
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deuses relatado:
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e ás vezes pela area
No collo o toma a bella Panopea.

XXIV

E o deos, que foi n'um tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e d'este damno
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feo engano,
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, d'esta sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

XXVI

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Um pouco carregando-se no vulto
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, falla d'esta sorte:

XXVII

«Principe que de juro senhoreas
D'um polo ao outro polo o mar irado;
Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado:
E tu, padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assim permittes,
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra, e ande:
Que descuido foi este, em que viveis?
Quem pode ser, que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos, e atrevidos?

XXIX

Vistes, que com grandissima ousadia
Foram já commetter o ceo supremo;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela, e remo:
Vistes, e ainda vemos cada dia
Soberbas, e insolencias taes, que temo
Que do mar e do ceo, em poucos annos,
Venham deoses a ser, e nós humanos.

XXX

Vedes agora a fraca geração,
Que d'um vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altivo coração,
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assim sentíram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondes em tardança.

XXXII

E não consinto, deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do ceo desci,
Nem da magoa, da injuria, que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi;
Que aquellas grandes honras, que sabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas d'esta gente:

XXXIII

Que o grão Senhor, e fados, que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas móres, que nunca determinam
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, oh deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses; que, a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares;
Por ver o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.»
Mais quer dizer, e não passou d'aqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'um ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI

Bem quizera primeiro alli Protêo
Dizer n'este negocio o que sentia,
E, segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia:
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou:
«Neptuno sabe bem o que mandou.»

XXXVII

Já lá o soberbo Hippotades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces, e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX

Vencidos vem do somno, e mal despertos,
Bocejando a miude se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares, que assopravam:
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL

«Com que melhor podemos, um dizia,
Este tempo passar, que é tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?»
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
«Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores?»

XLI

«Não é, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza;
Antes de guerra fervida, e robusta
A nossa historia seja; pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo;
Que o trabalho por vir m'o está dizendo.»

XLII

Consentem n'isto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto, que approva.
«Contarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa, ou nova:
E porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Depois que socegado e livre o teve
Do visinho poder, que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou discordia em ira accesa;
Ou foi opinião, ou foi porfia:
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem, que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

XLV

E que, se houver alguem, com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

XLVI

Mas como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem:
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer, que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

XLVII

Era este Inglez potente, e militara
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos n'esta terra exp'rimentara
Namorados affeitos, quando n'ella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas
De vosso aggravo os façam sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas,
Com palavras d'affagos e d'amores,
Lhe sejam vossas lagrimas; que eu creio,
Que alli tereis soccorro e forte esteio.

L

D'esta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes:
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe manda, que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze são; e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada uma escreve ao seu por varios modos
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o mensageiro,
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lh'o soffre a Regia magestade;
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com fervida vontade,
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade, d'onde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII

Já do seu Rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez exp'rimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
D'esta arte falla á forte companhia:

LIV

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas.
Agora, que apparelho certo vejo
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra;
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV

E quando caso for, que eu, impedido
Por quem das cousas é ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha,
Todos por mi fareis o que é devido:
Mas, se a verdade o esp'rito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja
Não farão, que eu comvosco lá não seja.

LVI

Assim diz: e, abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte;
Navarra, co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias:
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias;
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos, e amimados.

LVIII

Chega-se o prazo, e dia assignalado
De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes;
Já as damas tem por si fulgente, e armado
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de cores, e de sedas,
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro n'esta empreza;
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assi na côrte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dous e tres dos seus falleçam.

LX

Já n'um sublime e publico theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a corte;
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço, e d'animo mais forte
Outros doze sahir, como os Inglezes,
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante;
Estava o Sol nas armas rutilando,
Como em crystal, ou rigido diamante;
Mas enxerga-se n'um, e n'outro bando
Partido desigual, e dissonante
Dos onze contra os doze; quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII

Viram todos o rosto, aonde havia
A causa principal do reboliço;
Eis entra um cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço;
Ao Rei, e ás damas falla, e logo se ia
Para os onze; que este era o grão Magriço:
Abraça os companheiros, como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

LXIII

A dama, como ouvio, que este era aquelle,
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta, mais que virtude, ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflamma:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o estrépito parece,
Que faz, que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça, e teme:
Qual do cavallo vôa, que não dece;
Qual co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV

Algum d'alli tomou perpetuo somno,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cahe a soberba ingleza do seu throno,
Que dous ou tres já fóra vão do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham jà que arnez, escudo, e malha.

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É d'esses gastadores, que sabemos,
Máos do tempo com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos,
Que com finezas altas, e afamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas, e alegria:
Cozinheiros occupa, e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores,
Banquètes mil cada hora, e cada dia
Em quanto se detêm em Inglaterra,
Até tornar á doce e cara terra.

LXVIII

Mas dizem, que com tudo o grão Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde um serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes:
E, como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
Um Francez mata em campo, que o destino
Lá teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX

Outro tambem dos doze em Allemanha
Se lança, e teve um fero desafio
C'um Germano enganoso, que com manha
Não devida, o quiz pôr no extremo fio.»
Contando assim Velloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço, e vencimento,
Nem deixe o de Allemanha em esquecimento.

LXX

Mas n'este passo assim promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda;
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Alerta, disse, estai, que o vento crece
D'aquella nuvem negra, que apparece.

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande véla.
Não esperam os ventos indignados,
Que amainassem; mas, juntos dando n'ella,
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII

O ceo fere com gritos n'isto a gente,
Com subito temor, e desaccordo;
Que, no romper da véla, a náo pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo:
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte accordo,
Vão outros dar á bomba, não cessando;
A' bomba, que nos imos alagando.

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á náo, n'um bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros, e forçosos
A manear o leme não bastaram,
Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes, que não poderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante náo, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV

A náo grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle, que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a náo de Coelho, com receio:
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver, parece, que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra e fea se alumia
Co'os os raios, em que o polo todo ardia.

LXXVII

As Alcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram:
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, d'onde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas, que batïam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram,
Que nunca para o ceo fossem viradas,
Nem as fundas arêas, que pudessem
Tanto aos mares, que em cima as revolvessem

LXXX

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia:
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo subia:
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio santo, e forte,
Que o impossibil póde, d'esta sorte:

LXXXI

«Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar, e terra senhoreas,
Tu, que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo, e o defendeste
Das syrtes arenosas e ondas feas,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo.

LXXXII

Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charybdis já passados,
Outras syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados:
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII

Oh ditosos aquelles, que poderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, emquanto fortes sostiveram
A santa Fé nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida, com perdel-a,
Doce fazendo a morte as honras d'ella!»

LXXXIV

Assi dizendo, os ventos que luctavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assobiando:
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o céo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com leda fronte:
A deosa que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

LXXXVI

Estas obras de Baccho são por certo,
Disse: mas não será, que avante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal, a que se atreve:
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII

Grinaldas manda pôr de varias côres
Sobre cabellos louros à porfia:
Quem não dirá, que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham, que as estrellas.

LXXXVIII

Assim foi, porque tanto que chegaram
Á vista d'ellas, logo lhe fallecem
As forças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés, e mãos parece, que lhe ataram
Os cabellos, que os raios escurecem
A Boreas, que do peito mais queria,
Assim disse a bellissima Orithya:

LXXXIX

«Não creias, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante:
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante:
Se já não pões a tanta insania freio,
Não esperes de mi, d'aqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comtigo em medo se converte.»

XC

Assim mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto; que bem sabe
Que dias ha, que em vel-a se recreia,
E bem crê, que com elle tudo acabe:
Não sabe o bravo tanto bem se o creia
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver, que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

XCI

D'esta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores:
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras, e os furores:
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes, esta viagem.

XCII

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa:
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito vôa.
Disse alegre o Piloto Melindano:
«Terra é de Calecut, se não me engano.

XCIII

Esta é por certo a terra, que buscais
Da verdadeira India, que apparece;
E, se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.»
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em ver, que a terra se conhece:
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIV

As graças a Deos dava, e razão tinha;
Que tão sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exp'rimentava.
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar apparelhava
O vento duro, fervido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV

Por meio d'estes horridos perigos,
D'estes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que são de fama amigos,
As honras immortaes, e gráos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres dos seus antecessores,
Não nos leitos dourados entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos:

XCVI

Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'um arduo soffrimento:

XCVIII

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assobia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
D'esta arte, o peito um callo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa, e dura.

XCIX

D'esta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando
Contra vontade sua, e não rogando.

OS LUSIADAS

CANTO SETIMO

ARGUMENTO

DO CANTO SETIMO

Por occasião d'este famoso descobrimento da India se faz uma notavel, e poetica exhortação aos Principes Christãos, acordando-lhes semelhantes emprezas: descripção do reino de Malabar, em que jaz o imperio de Calecut em cujo porto a armada dá fundo; recebe o Imperador, ou Samori ao Gama com honradas demonstrações: apparece o Mouro Monçaide, que informando ao Gama, informa tambem aos naturaes da terra; vai o Catual, ou Governador de Calecut ver a Armada.

OUTRO ARGUMENTO

Dá fundo a frota a Calecut chegada;
Manda-se mensageiro ao Rei potente;
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente;
Faz Gama ao Samori sua embaixada;
É recebido bem da Indica gente;
Co'o Regedor o Mouro ao mar se torna,
Que de toldos e flamulas se adorna.

OS LUSIADAS

CANTO SETIMO

I

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II

A vós, oh geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo inda do mundo, mas no amigo
Curral, de quem governa o ceo rotundo;
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia:

III

Vós Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilatais;
Assim do Ceo deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na santa Christandade:
Que tanto, oh Christo, exaltas a humildade!

IV

Vedel-os Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa;
Vedel-o em feas guerras occupado,
(Que inda co'o cego error se não contenta!)
Não contra o superbissimo Otomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V

Vedel-o duro Inglez que se nomea
Rei da velha e santissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tão longe da verdade!)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

VI

Guarda-lhe por entanto um falso Rei
A cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle não guarda a santa lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defendel-o, nem guardal-o,
Mas para ser contra elle, e derribal-o!

VII

Achas, que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo, e tanto,
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto:
De Carlos, de Luiz, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VIII

Pois que direi d'aquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem, de si inimigo:
Comtigo, Italia, fallo, já submersa
Em vicios mil e de ti mesma adversa.

IX

Oh miseros Christãos, pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X

Vedes, que tem por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos, que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes:
Olhai, se estais seguros de perigos,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

XI

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vedes, que Pactolo e Hermo, rios,
Ambos volvem auriferas areias?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios,
Africa esconde em si luzentes veias:
Mova-vos já sequer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a Casa santa.

XII

Aquellas invenções feras, e novas
De instrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Dos muros de Byzancio, e de Turquia;
Fazei, que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão (duro tributo!):
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, oh gente insana,
Não faltarão christãos atrevimentos
N'esta pequena casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos,
E na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

XV

E vejamos em tanto, que acontece
Áquelles tão famosos navegantes,
Depois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes,
Depois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume, e novo Rei.

XVI

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores;
Para lá logo as proas se inclinaram:
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda possuia.

XVII

Alem do Indo jaz, e áquem do Gange
Um terreno mui grande, e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso:
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis, alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII

Lá bem no grande monte, que, cortando
Tão larga terra, toda a Asia discorre,
Que nomes tão divérsos vai tomando,
Segundo as regiões, por onde corre,
As fontes sahem, d'onde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX

Entre um e outro rio, em grande espaço,
Sahe da larga terra ũa longa ponta
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta;
E junto, d'onde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta,
Que os visinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas flores:

XX

Mas agora de nomes e de usança
Novos e varios são os habitantes,
Os Delys, os Patanes, que em possança
De terra, e gente são mais abundantes:
Decanís, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange: e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI

O reino de Cambaia bellicoso:
(Dizem que foi de Poro, Rei potente);
O rei de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, que de forte gente;
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro:

XXII

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende ũa fralda estreita que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça do imperio rica, e bella:
Samorim se intitula o senhor d'ella.

XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,
Um Portuguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vel-o todo o povo.

XXIV

Entre a gente, que a vel-o concorria,
Se chega um Mahometa, que nascido
Fora na região da Berberia
Lá onde fora Antheo obedecido:
Ou pela vizinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões, que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava:
Mas vendo emfim que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade:

XXVII

E que, em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E depois que se um pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria:
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII

O Portuguez acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece:
Como se longa fora já a amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece:
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem á capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX

O capitão o abraça, em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella,
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas d'ella.
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX

Elle começa: Oh gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não é sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu, por vós obrado:
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende,
Diverso povo, rico, e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antigo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis é, mas d'um só fora
N'outro tempo, segundo a antiga fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este Reino teve unido, e inteiro:

XXXIII

Porém, como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes;
Succedeo, que prégando convertessem
O Perimal, de sabias, e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de n'ella morrer santo.

XXXIV

Náos arma, e n'ellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir n'ellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte; porque não lhe fica
Herdeiro proprio: faz os mais acceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV

A um Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve, e contenta:
Um só moço, a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deo, se lhe apresenta:
Para este Calecut sómente fica,
Cidade já por trato nobre, e rica:

XXXVI

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em santa vida acabe, e ande:
E d'aqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço, e descendentes, d'onde vem
Este, que agora o imperio manda, e tem.

XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nus, e sómente um panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga:

XXXVIII

Porque os que usaram sempre um mesmo officio,
D'outro não podem receber consorte,
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires é certo grande vicio
D'estes serem tocados, de tal sorte,
Que, quando algum se toca por ventura,
Com cerimonias mil se alimpa e apura.

XXXIX

D'esta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária:
Mais estranhezas inda, das que digo,
N'esta terra vereis de usança vária:
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antigo, e de grande preeminencia;
Observam os preceitos tão famosos
D'um, que primeiro poz nome á sciencia:
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia;
Sómente, no venereo ajuntamento
Tem mais licença, e menos regimento.

XLI

Geraes são as mulheres, mas sómente
Para os da geração de seus maridos:
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!
Estes, e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos:
A terra é grossa em trato, em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII

Assim contava o Mouro: mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda d'esta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade:
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo o sexo, e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandára
O capitão da armada, que chegára.

XLIII

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte de ricos pannos adornado;
Das côres a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

XLIV

Na praia um regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama;
Já na terra nos braços o levava,
E n'um portatil leito ũa rica cama
Lhe offerece, em que vá (costume usado),
Que nos hombros dos homens é levado.

XLV

D'est'arte o Malabar, d'est'arte o Luso,
Caminham lá, para onde o Rei o espera
Os outros Portuguezes vão ao uso,
Que infanteria segue, esquadra fora;
O povo que concorre, vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI

O Gama, e o Catual iam fallando
Nas cousas, que lhe o tempo offerecia:
Monçaide entr'elles vai interpretando
As palavras, que de ambos entendia.
Assim pela cidade caminhando,
Onde uma rica fabrica se erguia
De um sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII

Alli estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo, e em pedra fria;
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia:
Vêm-se as abominaveis esculpturas,
Qual a Chimera em membros se varia;
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em forma humana, estão maravilhados.

XLVIII

Um, na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Libya, estava;
Outro n'um corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro com muitos braços divididos
A Briareo parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão;
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co'os que vem ver o estranho Capitão;
Estão pelos telhados, e janellas,
Velhos e moços, donas e donzellas.

L

Já chegam perto, e não com passos lentos
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos;
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos;
Assim vivem os Reis d'aquella gente
No campo, e na cidade juntamente.

LI

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias d'aquella antiga idade,
Que, quem d'ellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII

Estava um grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava,
Rege-o um capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava,
Tão proprio, que, se alli estiver Semele,
Dirá por certo, que é seu filho aquelle.

LIII

Mais avante, bebendo, secca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita a femenino senhorio
De uma tão bella, como incontinente;
Alli tem junto ao lado nunca frio
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV

D'aqui mais apartadas tremulavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia, e sobjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas;
D'um capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já, não de Philippo, mas sem falta
De progenie de Jupiter se exalta.

LV

Os portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá, que outras victorias
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras, que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

LVI

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que, para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia;
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

LVII

Assim fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'uma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço, e no lavor:
No recostado gesto se assignala
Um venerando e prospero senhor:
Um panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII

Bem junto d'elle um velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando:
Um Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando;
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena, que se assente.

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo, e geito
Da gente, nunca de antes d'elle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande auctoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo,
O Capitão lhe falla d'este modo:

LX

Um grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil com perpetua roda
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo-a, que deixou, de escura noda,
Ouvindo do rumor, que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade;
Vinculo quer comtigo de amizade:

LXI

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo,
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem d'onde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente da Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII

E se queres com pactos, e lianças
De paz e de amizade sacra e nua,
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua, e tua:
Porque cresçam as rendas, e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e d'elle gloria ingente.

LXIII

E sendo assim, que o nó d'esta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda a adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas, e náos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça:
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota grão gloria recebia:
Mas n'este caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo, de quem era
O Rei, e a gente, e terra que dissera;

LXV

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já n'isto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras; porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI

Agasalhados foram juntamente
O Gama, e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente
Com festas, e geral contentamento.
O Çatual, no cargo diligente
Do seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha, d'onde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova:
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova
Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha,
Que é gente de sua patria mui visinha:

LXVIII

Que particularmente alli lhe desse
Informação mui larga, pois fazia
N'isso serviço ao Rei; porque soubesse
O que n'este negocio se faria.
Monçaide torna: Postoque eu quizesse
Dizer-te d'isto mais, não saberia:
Sómente sei, que é gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX

Tem a lei d'um Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos é vulgado
D'elles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece:

LXX

Porque elles, com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Guadiana
Com feitos memoraveis, e famosos:
E não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades, e altos muros.

LXXI

Não menos tem mostrado esforço, e manha
Em quaesquer outras guerras, que aconteçam
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns, que do Pyrene deçam:
Assim que nunca em fim com lança estranha
Se tem que por vencidos se conheçam:
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII

E, se esta informação não for inteira
Tanto quanto convem, d'elles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e offende:
Vai ver-lhe a frota, e as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz e na malicia.

LXXIII

Já com desejos o Idolátra ardia
De ver isto, que o Mouro lhe contava:
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos, em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava;
Á capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo d'ella.

LXXIV

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera;
N'ellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento n'ella os olhos apascenta.

LXXV

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita Epicurea, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara á gente;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita, que seguia, lh'o defende.

LXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co'o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia alli descreve.

LXXVII

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
Coelho de outra parte, e o Mauritano;
Os olhos põe no bellico transunto
De um velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não pode ser defunto,
Em quanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita,
Um ramo por insignia na direita.

LXXVIII

Um ramo na mão tinha... Mas oh cego
Eu, que commetto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrario,
Que, se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX

Olhai, que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos damnos;
Agora o mar, agora exp'rimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace, que á morte se condemna,
N'uma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

LXXX

Agora com pobreza aborrecida
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida
De novo, mais que nunca, derribado;
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'um fio pendia tão delgado;
Que não menos milagre foi salvar-se,
Qne para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI

E ainda, Nymphas minhas, não bastava,
Que tamanhas miserias me cercassem,
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos, que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII

Vede Nymphas que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assim sabem prezar com taes favores
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para porem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII

Pois, logo em tantos males é forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-m'o vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não o empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV

Nem creais, Nymphas, não, que fama desse
A quem ao bem commum, e do seu Rei
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei;
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV

Nenhum, que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras, que Proteio;
Nem, Camenas, tambem cuideis, que cante
Quem com habito honesto e grave veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI

Nem quem acha, que é justo, e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha, que é justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre com pouco esperto peito
Razões aprende, e cuida que é prudente
Para taxar com mão rapace, e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida:
Apollo, e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

OS LUSIADAS

CANTO OITAVO

ARGUMENTO

DO CANTO OITAVO

Vê o Governador de Calecut varias pinturas nas bandeiras da Armada, e ouve a declaração que d'ellas lhe faz Paulo da Gama: origem do nome Lusitania: feitos gloriosos dos Reis de Portugal (e de seus vassallos) até El-Rei D. Affonso V: manda o Samori aos Haruspices, que especulem o futuro a respeito da Armada: elles o informam contra os navegantes: pretendem destruir o Gama, o qual satisfaz ao Rei com uma notavel falla.

OUTRO ARGUMENTO

Vêm-se de Lusitania os fundadores,
E aquelles que por feitos valerosos,
De alta memoria são merecedores,
De hymnos, e de versos numerosos:
Como de Calecut os Regedores
Consultam os Haruspices famosos,
E corruptos com dadivas possantes,
Tratam de destruir os navegantes.

OS LUSIADAS

CANTO OITAVO

I

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada:
«Quem era, e por que causa lhe convinha
«A divisa, que tem na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II

Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem
Pela fama nas obras, e nos feitos:
Antigos são, mas inda resplandecem
Co'o nome, entre os engenhos mais perfeitos:
Este, que vês, é Luso d'onde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III

Foi filho, ou companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que contino usou;
Do Douro, e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV

O ramo, que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra, e avisa,
Que foi seu companheiro, ou filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica?

V

Ulysses é, o que faz a santa casa
Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que, se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortes com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
Este que vês, pastor já foi de gado,
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado;
Não tem com elle, não, nem ter poderam
O primor, que com Pyrrho já tiveram.

VII

Com força não, com manha vergonhoso
A vida lhe tiraram, que os espanta:
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,
Ás vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degredado comnosco se alevanta:
Escolheo bem com quem se alevantasse:
Para que eternamente se illustrasse.

VIII

Vês, comnosco tambem vence as bandeiras
D'essas aves de Jupiter validas;
Que já n'aquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas:
Que tão subtis artes, e maneiras,
Para adquirir os povos, tão fingidas,
A fatidica Cerva, que o avisa:
Elle é Sertorio, e ella a sua divisa.

IX

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porem nado
Crêm ser em Lotharinga os estrangeiros:
Depois de ter, co'os Mouros, superado
Gallegos, e Leonezes cavalleiros,
Á Casa santa passa o santo Henrique,
Porque o tronco dos Reis se santifique.

X

Quem é, me dize, est'outro que me espanta
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes?

XI

Este é o primeiro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este é aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

XII

Se Cesar, se Alexandre Rei tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente;
Não creias, que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê, que os seus vassallos são notaveis.

XIII

Este que vês olhar com gesto irado
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe, que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV

Vel-o cá vai co'os filhos a entregar-se
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera, ao Castelhano:
Fez com siso e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano:
Os filhos, e mulher obriga á pena;
Para que o senhor salve, a si condemna.

XV

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Est'outro a si, e os filhos naturaes,
E a consorte, sem culpa, que doe mais.

XVI

Vês este, que sahindo da cilada
Dá sobre o Rei, que cerca a villa forte,
Já o Rei tem preso, e a villa descercada?
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vel-o cá vai pintado n'esta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria:

XVII

É Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece juntamente
Co'o fogo, que accendeo junto da serra
De Abyla nas galés da Maura gente:
Olha como em tão justa e santa guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos com justa palma.

XVIII

Não vês um ajuntamento de estrangeiro
Trajo sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma, que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto;
Germanos são os martyres de Christo.

XIX

Um Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança;
É Theotonio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a bandeira:

XX

Vel-o cá, onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra?
Nem Moniz é, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra,
Digno d'estas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI

Olha aquelle, que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas, e ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

XXII

Não vês um Castelhano, que aggravado
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara co'os Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis, que traz comsigo:
Mas vê, que um Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente:

XXIII

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que d'estes levar pode a palma, e o louro.
Mas olha um Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Vel-o entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro?
Olha o signal no ceo, que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV

Vês, vão os Reis de Cordova, e Sevilha
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço:
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço!
Vês, já a villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma alli coroa?

XXV

Olha um Mestre, que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já n'ella
Não acha quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço, e com benigna estrella
Villas, castellos toma á escala vista:
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI

Vês, com bellica astucia ao Mouro ganha
Silves, que elle ganhou com força ingente?
É Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande estorço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres que em França, e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e torneos,
N'ellas deixando publicos tropheos.

XXVII

Vel-os, co'o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram?
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a lei Lethea.

XXVIII

Attenta n'um, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta:
Não no vês tinto de ira, que reprende
D vil desconfiança inerte e lenta
Ao povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

XXIX

Olha, por seu conselho, e ousadia,
De Deos guiada só, e de santa estrella,
Só pode, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella:
Vês por industria, esforço, e valentia
Outro estrago, e victoria clara e bella,
Na gente assi feroz, como infinita,
Que entre o Tartesso, e Guadiana habita?

XXX

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Vel-o com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse?

XXXI

Mas olha, com que santa confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assim Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

XXXII

Se, quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea:
Ditosa patria, que tal filho teve!
Mas antes pai; que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres, e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII

Na mesma guerra vê, que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vence, e o gado apanha
Que levavam roubado ousadamente:
Outra vez vê, que a lança em sangue banha
D'estes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo, preso por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.

XXXIV

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez, e vil engano;
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo damno:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos Castelhanos.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV

Olha, que dezesete Lusitanos
N'este outeiro subidos se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus damnos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo, e no moderno.

XXXVI

Sabe-se antigamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram
No tempo, que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram;
E d'elles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos, por ser poucos, não temamos
O que depois mil vezes amostramos.

XXXVII

Olha cá dous Infantes, Pedro, e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz, que fama illustre fique
D'elle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Berberia?
Vês? outro conde está, que representa
Em terra Marte em forças, e ousadia:
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia:
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL

Aquelles pais illustres, que já deram
Principio á geração, que d'elles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa, que descende.
Cegos! Que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama, e rumor d'elles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre, d'onde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço, e saber tenham:
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãas lhe não convenham;
E como a seu contrario natural,
Á pintura, que falla, querem mal.

XLII

Não nego, que ha comtudo descendentes
De generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza, que lhe fica:
E se a luz dos antigos seus parentes
N'elles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas d'estes acha poucos a pintura.

XLIII

Assim está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos
Do singular artifice alli pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual, na historia bem distincta;
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas, que alli via.

XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia;
Quando o gentio, e a gente generosa
Dos Naires da náo forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.

XLV

Entretanto os haruspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevêm sempre os casos duvidosos
Por signaes diabolicos, e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios
Sobre esta vinda d'esta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente, e de valia.
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas, que olhara.

XLVII

A isto mais se ajunta, que a um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede;
Em forma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios ainda se não dece.

XLVIII

E diz-lhe assim: Guardai-vos, gente minha,
Do mal, que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha
Espantado do sonho: mas comsigo
Cuida, que não é mais que sonho usado,
Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito, a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, vélo; e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo são, serão mui grande damno
Da lei, que eu dei ao nescio povo humano.

L

Em quanto é fraca a força d'esta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o Sol sahe, facilmente
Se pode n'elle pôr a aguda vista:
Porém depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raizes criar lhe não tolheis.

LI

Isto dito, elle, e o somno se despede:
Tremendo fica o attonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando n'elle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrara rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII

Diversos pareceres, e contrarios
Alli se dão, segundo o que entendiam:
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavam, e teciam:
Mas, deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis, e ardis melhores
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII

Com peitas, ouro, e dadivas secretas
Conciliam da terra os principaes,
E com razões notaveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo, que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sèjam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

LV

Nem tão pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'um pobre e humilde manto,
Onde a ambição acaso ande encoberta:
E quando um bom em tudo é justo, e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deus prompta.

LVI

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um signal certo
Do mundo, que deixava descoberto:

LVII

N'isto trabalha só, quem bem sabia,
Que, depois que levasse esta certeza,
Armas, e náos, e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei submetteria
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle não era mais, que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo de malina
Gente impedir-se, quanto desejasse.
O Rei, que da noticia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo immortal lhe accende, e atiça;
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça
O contracto fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX

Sobre isto nos conselhos, que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
Que n'aquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes:
O grande Capitão chamar mandava,
A quem, chegado, disse: Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa, e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua:

LXI

Eu sou bem informado, que a embaixada,
Que de teu Rei me déste, que é fingida:
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida;
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei, ou senhor, de insania desmedida,
Há de vir commetter com náos e frotas
Tão incertas viagens, e remotas?

LXII

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças, e dões altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade;
Que signal, nem penhor não são bastante
As palavras d'um vago navegante.

LXIII

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra é patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-m'o, sem temor de infamia, ou morte;
Que, por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV

Isto assim dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias, que ordenava
O Mahometico odio, d'onde vinha
Aquillo, que tão mal o Rei cuidava:
C'uma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV

Se os antigos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causaram, que o vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão co'a falsidade
(Oh poderoso Rei) da torpe seita;
Não conceberas tu tão má suspeita:

LXVI

Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito:
Me mostras tu não pouca confiança
D'esta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Se não crêsses a quem não crer devias.

LXVII

Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês, que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse
Viria exp'rimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima
Onde a natura poz teu reino antigo:
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria, e reino amigo
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande:
O coração sublime, o regio peito
Nenhum caso possibil tem por grande:
Bem parece, que o nobre, e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que creia d'elle tanta fortaleza.

LXX

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuzeram
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso pretenderam
De saber, que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.

LXXI

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abyla derradeiro:
Este, por sua industria, e engenho raro,
N'um madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns, succedendo aos outros, proseguiram;
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII

Assim com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima columna:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV

Esta é a verdade, Rei, que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assim, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Tethys, qual pirata iniquo,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

Assim que, oh Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão, que está provada
Que com claro juizo póde ver-se,
Que facil é a verdade d'entender-se.

LXXVI

Attento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe d'elle certa confiança,
Credito firme em quanto proferia:
Pondera das palavras a abastança,
Julga na auctoridade grão valia:
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano:
Emfim, ao Gama manda, que direito
Ás náos se vá; e, seguro d'algum damno,
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, e venda:

LXXVIII

Que mande da fazenda, emfim, lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça,
Se alguma traz idonea, lá da banda
D'onde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que d'elle tinha cargo,
Embarcação; que a sua está de largo:

LXXIX

Embarcação, que o leve ás náos, lhe pede:
Mas o máo regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços;
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe, quanto puder, dos regios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro, sua partida differisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que d'elle até'li não entendera.

LXXXI

Era este Catual um, dos que estavam
Corruptos pela Mahometana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente;
D'elle sómente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente;
Elle, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII

O Gama com instancia lhe requere,
Que o mande pôr nas náos, e não lho val;
E, que assim lh'o mandara, lhe refere,
O nobre sucessor de Perimal;
Por que razão lhe impede, e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo, que os Reis já tem mandado,
Não pode ser por outrem derogado.

LXXXIII

Pouco obedece o Catual corrupto
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil, e astuto
Engano diabolico, e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo.
Ou como as náos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Mahometanos;
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eóa, o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lh'o defende
O regedor dos barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV

Aos brados e razões do Capitão
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar a terra as náos, que longe estão,
Porque melhor d'alli fosse, e tornasse;
Signal é de inimigo, e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz; porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI

N'estas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as nàos deseja perto
O Catual, porque com ferro, e flamma
Lh'as assalte por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama;
Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava:
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n'outra parte luminoso;
E, sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Tremulo, aqui e alli, dessocegado;

LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por acaso o esperava
Na praia co'os bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Mahometanos.

LXXXIX

Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres, e igualal-os:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos, e evital-os;
Com militar engenho, e subtil arte
Entender os imigos, e enganal-os;
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O Capitão, que diga: Não cuidei.

XC

Insiste o Malabar em tel-o preso,
Se não manda chegar á terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia; quando ordena
De se tornar ao Rei: mas impedido
Foi da guarda, que tinha, não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XCII

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer commercio, busca guerra.
Postoque os máos propositos entenda,
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII

Concertam-se, que o négro mande dar
Embarcações idoneas, com que venha;
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lh'os tome o imigo, ou lh'os detenha:
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.

XCIV

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agasalhou o infame Cattual;
Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o premio pode é val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda:

XCV

Por ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, d'onde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás náos chegado,
N'ellas estar se deixa descansado.

XCVI

Nas náos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre:
Que não se fia já do cubiçoso
Regedor corrompido, e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto ao rico, assim como no pobre,
Pode o vil interesse, e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII

A Polydoro mata o rei Threicio,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente, e louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi afogada em pago morre.

XCVIII

Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores, e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizes cegando, e as consciencias.

XCIX

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz, e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas não sem côr com tudo de virtude.

OS LUSIADAS

CANTO NONO

ARGUMENTO

DO CANTO NONO

Livre já das traições, e perigos que o ameaçavam, sahe Vasco da Gama de Calecut, e volta para o reino com as alegres novas do descobrimento da India Oriental: encaminha-o Venus a uma ilha deliciosa: descripção da mesma ilha: desembarque dos navegantes: festivas demonstrações com que alli são recebidos das Nereidas os soldados, e de Tethys o Gama.

OUTRO ARGUMENTO

Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meio do tumido Oceano,
Venus lhe mostra uma Insula excellente:
Aqui de todo bem soffrido damno,
Acha repouso assaz conveniente;
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em festas passa, e jogos de alegria.

OS LUSIADAS

CANTO NONO

I

Tiveram longamente na cidade
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores;
Que os infieis por manha, e falsidade
Fazem, que não lh'a comprem mercadores;
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as náos, que as suas desfizessem.

II

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Ptolemeo,
Do nome da irmãa sua assim chamada,
Que depois em Suez se converteo;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, e profana
Da religiosa agua Mahometana.

III

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande, e grato
O Soldão, que esse reino possuia.
D'aqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes náos, pelo Indico Oceano
Especiaria vem buscar cada anno.

IV

Por estas náos os Mouros esperavam,
Que como fossem grandes, e possantes,
Aquellas que o commercio lhe tomavam,
Com flammas abrazassem crepitantes:
N'este soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as náos chegassem.

V

Mas o governador dos ceos, e gentes;
Que, para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influio piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam;
A tenção lhe descobre torpe e fera:
Muitas vezes as náos, que longe estavam,
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena:

VII

Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento d'este damno:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ser d'ellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama:
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem ás náos; e porque a fama
D'esta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.

IX

Porém não tardou muito, que voando
Um rumor não soasse com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'uns, que ás mãos vieram
A vender pedraria, que trouxeram.

X

Eram estes antigos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos.
Da falta d'elles logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas já nas náos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e, repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra:

XI

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a armada se levava:
As mulheres, e filhos, que se matam,
D'aquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam, que perdidos
Uns tem os pais, as outras os maridos.

XII

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos.
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII

Parte-se costa abaixo, porque entende,
Que em vão o Rei gentio trabalhava
Em querer d'elle paz, a qual pretende,
Por firmar commercio, que tratava:
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria cara,
Certos signaes levando do que achara.

XIV

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A secca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilão é rica, illustre, e bella.

XV

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que, inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo, que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assim tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI

Apartadas assim da ardente costa
As venturosas náos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa,
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos:

XVII

O prazer de chegar á patria cara,
A seus penates caros, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegação, os varios ceos, e gentes:
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos, e accidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle é vaso estreito.

XVIII

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do Padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos damnos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX

Depois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram,
Os trabalhos, que pelo Deos, nascido
Nas Amphioneas Thebas, se causaram:
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanço
No reino de crystal liquido, e manso:

XX

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocillar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade:
Parece-lhe razão, que conta désse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio,
Que muitas tem no reino, que confina
Da mãi primeira co o terreno seio,
Afora as que possue soberanas
Para dentro das portas Herculeas.

XXII

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dôr dos corações,
Com danças, e choreas, porque n'ellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar, a quem se affeiçoarem.

XXIII

Tal manha buscou já, para que aquelle
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço por subtil partido:
Seu filho vai buscar, porque só n'elle
Tem todo seu poder, fero Cupido;
Que, assim como n'aquella empreza antiga
A ajudou já, n'est'outra a ajude, e siga.

XXIV

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apombando.
Em derredor da deosa já partida
No ar lasciros beijos se vão dando:
Ella, por onde passa, o ar, e o vento
Sereno faz com brando movimento.

XXV

Já sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias n'elle estão,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para serem amadas, mas usadas.

XXVI

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir um feo animal fero,
Foge da gente, e bella forma humana;
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se, não seja inda comido
D'esses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII

E vê do mundo todos os principaes,
Que nenhum no bem publico imagina:
Vê n'elles, que não tem amor a mais
Que a si sómente, e a quem Philaucia ensina:
Vê que esses, que frequentam os reaes
Paços, por verdadeira e sãa doutrina,
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII

Vê que aquelles, que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amam sómente mandos, e riqueza,
Simulando justiça, e integridade;
Da fêa tyrania, e de aspereza
Fazem direito, e vãa severidade;
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

XXIX

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que sómente mal deseja;
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo, que duro, e justo seja,
Seus ministros ajunta; porque leve
Exercitos conformes á peleja,
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX

Mutos d'estes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Uns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando:
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, e concertada,
Suave a letra, e angelica a soada.

XXXI

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As aguas, onde os ferros temperavam,
Lagrimas são de miseros amantes;
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo é só, que queima, e não consume.

XXXII

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda:
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da setta aguda:
Formosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sómente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII

Formosas são algumas, e outras fêas,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no ás vezes ásperas triagas.
Alguns ficam digados em cadeias
Por palavras subtis de sabias magas;
Isto acontece ás vezes, quando as setas
Acertam de levar ervas secretas.

XXXIV

D'estes tiros assim desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vêm de amor nefando,
Qual o das moças, Bibli, e Cinyreu:
Um mancebo de Assyria, uma de Judeu.

XXXV

E vós, oh poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudes, vós senhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Uns esperando andais nocturnas horas,
Outros subtis telhados, e paredes:
Mas eu creio, que d'este amor indino
É mais culpa a da mãi, que a do menino.

XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente,
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o céo se atreve,
A recebel-a vem ledo e contente:
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu que as armas Typhéas tens em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e tem em preço;
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX

E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos, que cansados;
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquelle premio, e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

XL

E para isso queria, que feridas
As filhas de Nerêo no ponto fundo,
D'amor dos Lusitanos incendidas,
Que vem de descobrir o novo mundo,
Todas, n'uma ilha juntas, e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
De dões de Flora, e Zephyro adornada:

XLI

Alli com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos, e rosas,
Em crystallinos paços singulares,
Formosos leitos, e ellas mais formosas;
Em fim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as nymphas amorosas,
D'amor feridas, para lhe entregarem
Quanto d'ellas os olhos cubiçarem:

XLII

Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella;
Porque entendam, que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII

Assim Venus propoz, e o filho iniquo,
Para lhe obedecer, já se apercebe:
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe,
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV

Mas diz Cupido, que era necessaria
Uma famosa e célebre terceira,
Que postoque mil vezes lhe é contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa gigantêa, temeraria,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê, com mil bôcas apregoa.

XLV

Vão-a buscar, e mandam-a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara:
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara:
Falla verdade, havida por verdade,
Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deoses, que indignados
Foram por Bacho contra a illustre gente,
Mudando, os fez um pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por máo zelo, e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII

Despede n'isto o fero moço as settas
Uma apoz outra, geme o mar co'os tiros
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, algũas fazem giros:
Cahem as nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros:
Cahe qualquer, sem ver o vulto, que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

XLVIII

Os cornos ajuntos da eburnea lua,
Com força o moço indomito, excessiva,
Que Tethys quer ferir mais, que nenhũa,
Porque mais que nenhua lhe era esquiva.
Já não fica na aljava setta alguã,
Nem nos esquerpos campos nympha viva;
E, se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir, que vão morrendo.

XLIX

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medecina,
Mostrando as brancas velas, e redondas,
Que vém por cima da agua Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente Amor, á flamma feminina,
É forçado, que a pudicicia honesta
Faça, quanto lhe Venus admoesta.

L

Já todo o bello coro se apparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em choreas gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus as guiava:
Alli a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava;
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

LI

Cortando vão as náos a larga via
Do mar ingente para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria
Para a grande viagem prolongada;
Quando juntas com subita alegria,
Houveram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a mãi formosa
De Memnonio, suave e deleitosa.

LII

De longe a ilha viram fresca e bella,
Que Venus pelas ondas lh'a levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se endireitava;
Que, porque não passassem, sem que n'ella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as náos navegam a movia
A Acidália, que tudo em fim podia.

LIII

Mas firme a fez e immobil, como vio,
Que era dos nautas vista, e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona a Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras álvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham claras aguas ajuntar-se,
Onde uma meza fazem, que se estende
Tão bella, quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A laranjeira tem no fruito lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão, que está cahindo,
A cidreira co'os pesos amarellos;
Os formosos limões alli cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados, e queridos:
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde é posto o ethereo paraiso.

LVIII

Os dões, que dá Pomona, alli natura,
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Côr com que tu, rubi, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jucundá
Vide, c'uns cachos roxos, e outros verdes:
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros iniquos.

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno:
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI

Para julgar difficil cousa fôra,
No ceo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora
As violas da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

LXII

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vêm-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona:
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam:

LXIII

Ao longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella;
Alli no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV

N'esta frescura tal desembarcavam
Já das náos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas, como incautas:
Algumas doces citharas tocavam,
Algumas harpas, e sonoras frautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV

Assim lh'o aconselhara a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas,
Que, vista dos Barões á presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na fórma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

LXVI

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés de terra cubiçosos:
Que não ha nenhum d'elles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos:
Não cuidam, que sem laço, ou redes, caia
Caça n'aquelles montes deleitosos
Tão suave, domestica, e benina,
Qual ferida lhi a tinha já Erycina.

LXVII

Alguns que em espingardas, e nas béstas,
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos, e florestas
Determinadamente se lançavam:
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave, e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias côres,
Côres de quem a vista julga, e sente,
Que não eram das rosas, ou das flores;
Mas da lãa fina, e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX

Dá Velloso espantado um grande grito:
«Senhores, caça estranha, disse, é esta:
Se inda dura o gentio antigo rito,
A deosas é sagrada esta floresta:
Mais descobrimos do que humano espirito
Desejou nunca: e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas, e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX

Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras.»
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI

De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Uma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

LXXII

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavam:
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Umas, fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançavam
Nuas por entre o matto, aos olhos dando
O que ás mãos cubiçosas vão negando.

LXXIII

Outra, como acudindo mais depressa
Á vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo n'agua: outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assim, e calçado, (que co'a mora
De se despir ha medo, que ainda tarde)
A matar na agua o fogo, que n'elle arde.

LXXIV

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar n'agua a ave ferida,
Vendo no rosto o ferreo canb, erguido
Para a garcenha, ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal soffrido
Salta n'agua, e da presa não duvida,
Nadando vai, e latindo: assim o mancebo
Remette á que não era irmã de Phebo.

LXXV

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro, e namorado,
A quem amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fôra d'elle maltratado,
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal afortunado;
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança.

LXXVI

Quiz aqui sua ventura, que corria
Apóz Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro, que as outras, dar queria
O que deu para dar-se a natureza.
Já cansado correndo lhe dizia:
«Oh formosura indigna de aspereza,
Pois d'esta vida te concedo a palma,
Espera um corpo, de quem levas a alma.

LXXVII

Todas de correr cansam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo,
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se t'o tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh não n'a creas; porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII

Não canses, que me cansas; e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal, que inda que esperes,
Ella fará, que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim d'este successo
«Tra la spiga e la man qual muro è messo.»

LXXIX

Oh não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exercito se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

LXXX

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração, que livre tinha?
Solta-m'o, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que n'esses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, depois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

LXXXI

N'esta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu não soffrerás o peso d'ella,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me esperarás, se amor te fere:
E se me esperas, não ha mais que espere.

LXXXII

Já não fugia a bella nympha tanto
Por se dar cara ao triste, que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas, que dizia:
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso, e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro, que soava!
Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã, e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor é experimental-o, que julgal-o;
Mas julgue-o, quem não póde exp'rimental-o.

LXXXIV

D'esta arte emfim conforme já as formosas
Nymphas co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro, e de ouro, e flôres abundantes:
As mãos alvas lhe davam como esposas:
Com palavras formaes, e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV

Uma d'ellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas, e obedece,
Que, dizem, ser de Cælo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece;
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia;

LXXXVI

Que, depois de lhe ter dito quem era,
C'um alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influição do immobil fado;
Para lhe descobrir da unida esphera,
Da terra immensa, e mar não navegado,
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia:

LXXXVII

Tomando-o pela mão o leva, e guia
Para o cume d'um monte alto e divino,
No qual ũa rica fabrica se erguia
De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, e em prazer contino:
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flôres.

LXXXVIII

Assim a formosa, e a forte companhia,
O dia quasi todo estão passando,
N'uma alma, doce, incognita alegria
Os trabalhos tão longos compensando:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa o mundo está guardando
O premio já no fim bem merecido
Com fama grande, e nome alto e subido;

LXXXIX

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não é, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria, e maravilha,
Estes são os deleites d'esta ilha;

XC

Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama,
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso;

XCI

Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes, e soberanos,
O mundo co'os Barões, que esforço e arte,
Divinos os fizeram, sendo humanos;
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Palas, e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

XCII

Mas a fama, trombeta de obras taes,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortaes,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.
Por isso, oh vós, que as famas estimaes,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia, infame, e urgente;
Porque essas honras vãas, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os, sem os ter,
Que possuil-os, sem os merecer.

XCIV

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dêm o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos,
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortaes
Vos farão, como os vossos já passados:
Impossibilidades não façais;
Que quem quiz sempre pôde: e numerados
Sereis entre os heroes esclarecidos,
E n'esta ilha de Venus recebidos.

OS LUSIADAS

CANTO DECIMO

ARGUMENTO

DO CANTO DECIMO

Convite de Tethys aos navegantes: canção prophetica da Sirena, em que toca as principaes façanhas, e conquistas dos Vice-Reis, dos Governadores, e Capitães Portuguezes na India até D. João de Castro: sobe Tethys com o Gama a um monte, desde o qual lhe mostra a esphera celeste, e terrestre; descripção do Orbe, especialmente da Asia e Africa: sahem da ilha os navegantes, e seguindo a sua viagem chegam felizmente a Lisboa.

OUTRO ARGUMENTO

Ás mesas de vivificos manjares,
Com as nymphas os Lusos valerosos,
Ouvem de seus vindouros singulares,
Façanhas em accentos numerosos:
Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares,
E quanto os ceos rodeam luminosos,
A pequeno volume reduzido;
E torna a frota ao Tejo tão querido.

OS LUSIADAS

CANTO DECIMO

I

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago que rodea
Temistitão nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co'o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma aggrava.

II

Quando as formosas nymphas, co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares, excellentes,
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cançada natureza.

III

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
Se assentam dous e dous, amante, e dama;
N'outras, á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama,
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antiga fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão, não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas espumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'agua fria.

V

Mil praticas alegres se trocavam,
Risos doces, subtis, e argutos ditos,
Que entre um, e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos:
Musicos instrumentos não faltavam,
Quaes no profundo reino os nus esp'ritos
Fizeram descançar da eterna pena,
C'uma voz d'uma angelica Sirena.

VI

Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a um tempo conformando:
Um subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecem os brutos animaes.

VII

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos Barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
N'um globo vão, diaphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lh'o concedeu
Em sonhos, e depois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara historia.

VIII

Materia é de cothurno, e não de socco,
A que a nympha aprendeo no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces um, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
N'este trabalho extremo; porque em pago
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno:
Mas, tu me dá, que cumpra, oh grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha.

X

Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo, pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira:
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte:

XI

Cantava d'um, que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós, que dera d'amizade,
Soffrerá suas cidades, e logares
Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co'a nova gente.

XII

E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio d'este damno,
Sem saber o que em si o mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII

Mas já chegados aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturaes,
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV

Chamará o Samorim mais gente nova:
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fará que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV

E todos outra vez desbaratando
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado:
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos e immotos.

XVI

Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas:
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles, que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos n'um tempo: mas voando
D'um n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII

Virá alli o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce, e anime:
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições, e vãos venenos;
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII

Que tornará a vez septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa, e aggrava;
Mas com tudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar ás caravelas,
Que até alli vão lhe fôra commettel-as.

XIX

Pela agua levará serras de fogo
Para abrazar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vãa a braveza, com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas azas da Fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma;

XX

Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados,
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Descerão a ajudal-o, e lhe darão
Esforço, força, ardil, e coração.

XXI

Aquelle, que nos campos Marathonios
O grão poder de Dario estrue, e rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII

Mas n'este passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco, e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido.
Oh Belizario, disse, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

XXIII

Aqui tens companheiro, assim nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e n'elle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde, e escuro:
Morrer nos hospitaes em pobres leitos
Os que ao Rei, e á lei servem de muro!
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais, que a justiça, e que a verdade:

XXIV

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'uma apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios, de Aiace merecidos,
A' lingua vãa de Ulysses fraudulenta:
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos,
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassallo, oh Rei, só n'isto iniquo,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É elle para dar-te um reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu n'isto culpado por avaro.

XXVI

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto, como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo n'ella Rei leal e humano,
Deitando fóra o perfido Tyranno.

XXVII

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e fêa,
Em pago dos passados maleficios.
Depois na costa da India, andando cheia,
De lenhos inimigos, e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

Das grandes náos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela:
Depois, lançando arpéos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro n'ella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem, de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve:
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão, que com vida se não saia
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos,
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI

Com toda ũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro, que passara,
Se serve ainda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficara:
Até que o pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liara:
Ella solta voou da prisão fora,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

XXXIII

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia, e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos: sentil-o-ha o Nilo,
Podel-o-ha o Indo ver, e o Ganges ouvil-o.

XXXIV

Qual o touro çioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'um carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças experimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV

E logo, entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
Á de Melique Yaz acautelada,
Co'os pelouros, que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI

Mas a de Mir-Hocem, que, abalroando,
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores:
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,
É fumo, ferro, flammas, e alaridos.

XXXVII

Mas ah, que d'esta prospera victoria,
Com que depois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Um sucesso, que triste, e negro vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar d'este mundo aquelle esp'rito
Que não tiraram toda a India, e Egypto.

XXXVIII

Alli Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam,
E rudos páos tostados sós farão
O que arcos, e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são!
As gentes vãas, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava
Pelo Cunha tambem, que nunca extincto
Será seu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De S. Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

XL

Esta luz é do fogo, e das luzentes
Armas com que o Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso, e brando:
Alli verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI

Alli de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos, no combate,
Que, mortos, pela praia e mar se estendem,
De Gerum, de Mascate, e Calayate:
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino iniquo
Das perolas de Barem tributo rico.

XLII

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço e arte,
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII

Eis sobre ella se torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
Esquadrão de Gentios, e de Mouros:
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos, e touros,
Na luz, que sempre celebrada, e dina
Será da Egypcia Santa Catharina.

XLIV

Nem tu menos fugir poderás d'este,
Posto que rica, e posto que assentada
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas, que fizeste,
Os crises, com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

XLV

Mais estanças cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas lembrou-lhe uma ira, que o condemna,
Posto que a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser um brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI

Mas em tempo, que fomes, e asperezas,
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sazão, e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

XLVII

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto;
Mas c'uma escrava vil, lasciva, e escura:
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de ousado a crueza fera e dura,
Co'os seus uma ira insana não refrea,
Põe na fama alva nodoa negra e fêa.

XLVIII

Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deo-lh'a alegremente,
Não sendo seu soldado expr'imentado,
Nem vendo-se n'um cerco duro e urgente.
Sentio Cyro, que andava já abrazado
Araspas de Panthêa em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e promettia
Que nenhum máo desejo o venceria:

XLIX

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fôra de amor, que em fim não tem defensa,
Levemente o perdôa, e foi servido
D'elle n'um caso grande em recompensa.
Por força de Juditha foi marido
O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos, pai d'ella, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.

L

Maspro seguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras:
Medina abominavel teme tanto,
Quando Meca, e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme:

LI

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça, calida, e cheirosa,
D'ella dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho:
Maçuá, com cisternas de agua cheias,
Verá, e o porto Arquico alli visinho,
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII

Virá depois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás ainda, tornado,
Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres.

LIV

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguém se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.
Outros Menezes logo, cuja idade
É maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria d'elle fique:

LV

Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Penane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito, que as commette:
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os imigos d'alma todos sete:
De cobiça triumpha, e incontinencia,
Que em tal idade é summa de excellencia.

LVI

Mas depois que as estrellas o chamarem,
Succederás, oh forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te, que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado:

LVII

No reino de Bintão, que tantos damnos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'um só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos:
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico, que rompas, e submettas:

LVIII

Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto:
Quem faz injuria vil, e sem razão
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

LIX

Mas com tudo não nego, que Sampaio
Será no esforço illustre e assignalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado:
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Depois a ser vencido d'elle venha
Cutiale, com quanta armada tenha:

LX

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rota
Por Heitor da Silveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto damno,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme:
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre d'elle treme:
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém; que n'elle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem sustenta;
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando um teu ramo, oh Gama, se exp'rimenta
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarello.

LXIII

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas um, que já será illustrado
No Brazil, com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado:
Depois Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV

A este o Rei Cambaico soberbissima
Fortaleza dará na rica Dio;
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Depois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assim com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio:

LXV

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida:
E depois junto ao cabo Comorim
Uma façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo,
Em si verá Beadála o marcio jogo.

LXVI

Tendo assim limpa a India dos imigos,
Virá depois com sceptro a governal-a,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem d'elle, e nenhum falla:
Só quiz provar os asperos castigos
Baticálá, que vira já Beadála;
De sangue e corpos mortos ficou cheia,
E de fogo e trovões desfeita, e fêa.

LXVII

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha ali Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado,
Conforme successor ao succedido,
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII

Persas feroces, Abassis, e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes;
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque uns poucos a terra lhe detem;
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos:

LXIX

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co'os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas;
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem:

LXX

Fernando um d'elles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao Ceo subido:
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e depois os inimigos.

LXXI

Eis vem depois o pai, que as ondas corta
Co'o restante da gente Lusitana,
E com força, e saber, que mais importa,
Batalha dá felice, e soberana:
Uns, paredes subindo, escusam porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia:

LXXII

Este depois em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrepido, ao possante
Rei de Cambaia, e á vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcão do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Ponda, no sertão posta.

LXXIII

Estes e outros Barões, por varias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos d'esta ilha,
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas, que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas, e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.»

LXXIV

Assim cantava a nympha, e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
«Por mais que da fortuna andem as rodas,»
N'uma consona voz todas soavam,
«Não vos hão de faltar, gente famosa,
«Honra, valor, e fama gloriosa!»

LXXV

Depois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonica, e doce suavidade
Viram os altos feitos, que descobre:
Tethys, de graça ornada, e gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre
As festas d'este alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI

«Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema, de co'os olhos corporaes
Veres o que não pode a vã sciencia
Dos errados, e miseros mortaes!
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu co'os mais.»
Assi lhe diz: e o guia por um matto
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pisava:
Aqui um globo vêm no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava
De modo, que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie claramente.

LXXVIII

Qual a materia seja, não se enxerga,
Mas enxerga-se bem, que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz; e um centro a todos só tem posto:
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaixa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa, e acaba em fim por divina arte:

LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus; para que vejas,
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, e profundo,
Que é sem principio, e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
É Deos: mas o que é Deos ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI

Este orbe, que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem
Tamanho, que elle só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão; porque eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal, e cego engano:
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
N'estas estrellas poz o engenho vosso:

LXXXIII

E tambem porque a santa Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta.
Ensina-o a prophetica sciencia
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem,
Os máos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV

Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora dilatando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga poesia
A seus deoses já dera, fabulando;
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega, que esse nome preeminente
Tambem aos máos se dá, mas falsamente:

LXXXV

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo d'este circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não se enxerga: é o mobile primeiro:

LXXXVI

Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio:
Por obra d'este o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz com curso alheio.
Debaixo d'este leve anda outro lento,
Tão lento, e sobjugado a duro freio,
Que, em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle um passo.

LXXXVII

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem n'elle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes;
Bem vês como se veste, e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos do Phebo limitados.

LXXXVIII

Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo;
Olha a carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo:
Vê do Cassiopêa a formosura,
E do Orioute o gesto metuendo;
Olha o Cysne morrendo, que suspira,
A Lebre, e os Cães, a Náo, e a doce Lyra.

LXXXIX

Debaixo d'este grande firmamento
Vês o ceo de Saturno, deos antigo,
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'uns grave, e n'outros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
E tem co'o mar a terra por seu centro.

XCI

N'este centro, pousada dos humanos,
Que não sómente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os damnos,
Mas ainda o mar instabil exp'rimentam;
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus, e varias leis.

XCII

Vês Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza.
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda cheia de bruteza,
Co'o cabo, que até aqui se vos negára,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
D'essa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII

Vê do Benomopata o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé santa sua:
Nasce por este incognito hemispherio
O metal, por que mais a gente sua:
Vê que do lago, d'onde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama:

XCIV

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça real, e defensão,
E na fidelidade dos visinhos:
Olha d'elles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza:

XCV

Olha lá as alagoas, d'onde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos:
Vel-o rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Christo amigos:
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama:

XCVI

N'esta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro,
Ha de ser Dom Christóvam o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melindo hospício gazalhoso, e caro:
O rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

XCVII

O cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as côres:
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa; e as melhores
Povoações, que a parte Africa tem,
Maçuá são, Arquico, e Suanquem.

XCVIII

Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem, que foi dos Heroas a cidade,
Outros dizem que Arsinoe, e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade:
Olha as aguas, nas quaes abrio patente
Estrada o grão Moysés na antiga idade;
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX

Olha o monte Sinaï, que se ennobrece
Co'o sepulchro de Santa Catharina:
Olha Toro, e Gidá, que lhe falleceo
Agua das fontes doce, e crystallina:
Olha as portas do estreito, que feneceo
No reino da secca Adem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

C

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
D'onde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros, e feroces, de alta raça.
Olha a costa, que corre até que cerra
Outro estreito de Persia, e faz a traça
O cabo, que co'o nome se appellida
Da cidade Fartaque alli sabida.

CI

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras:
Mas attenta, já cá de est'outra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que ainda serão claras
Quando as galés do Turco, e fera armada,
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII

Olha o cabo Asabóro, que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que é fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
A côr da Aurora, e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates uma entrada.

CIII

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuria de usar fendido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome depois, e a gloria teve.

CIV

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Parseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.

CV

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido,
Da natura, e dos dões usados d'ella:
Carmania teve já por appellido:
Mas vês o formoso Indo, que d'aquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada:
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII

Vês, corre a costa celebre Indiana
Para o Sul até o cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si:
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá depois de ti,
Terà victorias, terras, e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII

As provincias, que entre um e o outro rio
Vês com varias nações, são infinitas:
Um reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escriptas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias santas e bemditas
Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesus Christo teve a mão no lado:

CIX

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica:
Os idolos antigos adorava,
Como ainda agora faz a gente inica:
Longe do mar n'aquelle tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar vagando
Um lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira, e não duvida
Poder tiral-o a terra com possantes
Força de homens, de engenhos, de elephantes.

CXI

Era tão grande o pezo do madeiro,
Que, só para abalar-se, nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
Para onde faça um sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII

Sabia bem, que se com fé formada
Mandar a um monte surdo, que se mova,
Que odedecerá logo á voz sagrada;
Que assim lh'o ensinou Christo, e elle o prova:
A gente ficou d'isto alvoroçada,
Os Brahmenes o tem por cousa nova:
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder a auctoridade.

CXIII

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja,
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja;
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja;
Que inimiga não ha tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV

Um filho proprio mata, e logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente:
Dá falsas testemunhas, como se usa,
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Santo, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei, e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

CXV

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho o seu mais approvado:
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesus crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.

CXVI

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle: um beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matal-o em fim de tudo.

CXVII

Um dia, que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruido;
Já Christo n'este tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Santo dá, já a tudo offerecido;
Um dos máos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo
Chorou-te toda a terra, que pizaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se iam da santa Fé, que lhe ensinaste:
Mas os Anjos do Ceo cantando, e rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaste.
Pedimos-te que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX

E vós outros, que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estais,
Sem irdes a prégar a santa Fé?
Olhai, que, se sois sal, e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

CXX

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges, vem ao salgado senhorio.

CXXI

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que, inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua santa os lava, e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia que se preza
De abundante; mas olha que está posta
Para o Austro d'aqui virada a costa.

CXXII

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do fêo ajuntamento
D'uma mulher e um cão, que sós se acharam;
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido:
Tenassarí, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
Mais avante fareis, que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV

Dizem que d'esta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antiga vio:
Chersoneso foi dito, e das prestantes
Veas d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntaram,
Alguns que fosse Ophir imaginaram.

CXXV

Mas na ponta da terra Singapura
Verás, onde o caminho ás náos se estreita;
D'aqui tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita:
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita:
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI

Vês n'este grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas:
Os Láos em terra e numero potentes,
Avás, Birmas por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvage's vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.

CXXVII

Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que «capitão das aguas» se interpreta,
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente d'elle crê, como indiscreta,
Que pena, e gloria tem depois de morte,
Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII

Este receberá placido, e brando,
No seu regaço o canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N'aquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada, que ditosa.

CXXIX

Vês, corre a costa, que Champá se chama,
Cuja matta é do páo cheiroso ornada:
Vês, Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incognita enseada:
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desde o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX

Olha o muro, e edificio nunca crido,
Que entre um imperio, e o outro se edifica,
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia Real, soberba, e rica:
Estes, o Rei que tem, não foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle, que é famoso
Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se:
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais afamar-se:
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, d'onde vem buscar-se,
É Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidóre, e Ternate, co'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas;
As arvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue Portuguez inda compradas,
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca a terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia côr, que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornêo, onde não faltam
Lagrimas no licor coalhado, e enxuto
Das arvores, que camphora é chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.

CXXXIV

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero, e cheiroso:
Olha a Sunda tão larga, que uma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Um rio, diz, que tem miraculoso,
Que, por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o páo, que n'elle cae.

CXXXV

Vê n'aquella, que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fonte, que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora,
Cheiroso mais, que quanto estilla a filha
De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
E vê que, tendo quanto as outras têm,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto que as nuvens passa, ou a vista engana:
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra, onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antidoto excellente.

CXXXVII

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotará, co'o amaro áloe famosa:
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa,
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
De São Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagascar é d'alguns chamada.

CXXXVIII

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é tambem razão, que no Ponente
D'um Lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX

Vedes a grande terra, que contina
Vai de Calisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo:
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos, e costumes differentes.

CXL

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o páo vermelho nota,
De Santa Cruz o nome lhe poreis,
Descobril-a-ha a primeira vossa frota:
Ao longo d'esta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI

Desque passar a via mais que meia,
Que ao Antarctico polo vai da Linha,
D'uma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra alli visinha:
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co'o nome d'elle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser acceitos
Ás eternas esposas, e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas:

CXLIII

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.»
Assim lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada:
Levam refresco, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

CXLIV

Assim foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno,
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria, e Rei temido e amado,
O premio e gloria dão; porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CXLV

No mais, Musa, no mais; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor, com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não; que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada, e vil tristeza:

CXLVI

E não sei, por que influxo de destino
Não tem um ledo orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto,
Por isso vós, oh Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII

Olhai, que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a settas, e pelouros;
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras, e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes:
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes
Commetterão comvosco, e não duvido
Que vencedor vos taçam, não vencido.

CXLIX

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença, e leda humanidade:
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assim se abre o caminho á santidade:
Os mais experimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, e quando, e onde as cousas cabem.

CL

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento:
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento;
Com jejuns, disciplina pelos vicios
Communs, toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

CLI

Os Cavalleiros tende em muita estima;
Pois com seu sangue intrepido, e fervente
Estendem não sómente a Lei de cima,
Mas ainda vosso imperio preeminente;
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, uns os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Allemães, Gallos, Italos, e Inglezes,
Possam dizer, que são para mandados,
Mais, que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d'exp'rimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que, postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII

De Phormião, philosopho elegante,
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
D'elle com larga voz tratava, e dia
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV

Mas eu, que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado,
Da boca dos pequenos sei comtudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se acham raramente.

CLV

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada.
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

CLVI

Ou fazendo, que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos, e Trudante:
A minha já estimada, e leda Musa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante,
De sorte, que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

TAYLOR INST. OXFORD

FIM

DICCIONARIO ABREVIADO

DE

NOMES PROPRIOS

HISTORICOS, GEOGRAPHICOS E MYTHOLOGICOS

QUE SE COMPREHENDEM

NOS

LUSIADAS

A

Abassia ou Abyssinia, parte de Africa, dividida da Arabia com as portas do mar Roxo, cujos povos eram sujeitos ao potentado conhecido na Europa pelo nome de Preste João.

Abrahão, primeiro patriarcha da raça israelita: d'elle e de sua escrava Agar creem os mahometanos que descende o seu propheta.

Abranches, lugar e condado de França.

Abrantes, villa de Portugal.

Abyla, monte de Africa, em cujas fraldas está a cidade de Ceuta.

Accias (guerras) as que houve entre Augusto e Marco Antonio, no cabo Accio hoje chamado Figalo.

Achmenia, região da Persia, afamada por suas alcatifas e tapeçarias.

Acheronte, rio do inferno, segundo as ficções mythologicas.

Achilles, principe grego, filho de Peleo, rei de Thessalia, e de Thetis: famoso na guerra de Troya, onde foi morto por Páris.

Acidalia, sobrenome de Venus.

Acrisio, rei dos Argivos. Sua filha Danae, por elle recolhida em uma torre, foi ahi seduzida por Jupiter, transformado em chuva d'ouro, de quem houve a Perseo.

Acroceraunios, montes do Epyro, hoje Albania na Grecia. Eram chamados infames em razão dos muitos naufragios que alli aconteciam.

Acteon, celebre caçador, convertido em servo por

Diana, indignada de ser por elle vista no banho. Morreu despedaçado por seus proprios cães.

Adão, primeiro homem, e pae do genero humano, segundo as crenças biblicas.

Adamastor, ou Damastor, um dos gigantes filhos da Terra, que, pretendendo desthronar Jupiter, foram por este vencidos e sepultados sob diversos montes. A transformação de Adamastor no cabo da Boa-Esperança é uma sublime invenção poetica do cantor dos Lusiadas.

Adem, cidade da Arabia Felix, sita ao pé de uma serra, a que os naturaes chamam de Arzira.

Adonis, formoso mancebo, filho incestuoso de Cyniras e Myrrha, e muito amado por Venus, que depois de morto o converteu em anemona.

Adriatica Veneza, chamava-se assim esta cidade por estar fundada no mar Adriatico.

Affonso, nome de seis reis portuguezes, a saber: D. Affonso Henriques, fundador da monarchia; D. Affonso II, filho de D. Sancho I; D. Affonso III, filho d'este, e irmão do desthronado Sancho II; D. Affonso IV, filho de D. Diniz; D. Affonso V, filho de D. Duarte. O ultimo, D. Affonso VI, filho de D. João IV, é posterior á composição do poema.

Africa, um dos continentes em que a terra se divide.

Africo, é o vento oes-sudoeste.

Aganippe, fonte da Beocia, dedicada ás musas.

Agar, escrava de Abrahão, da qual dizem que os mouros procedem, pelo que se chamam Agarenos.

Agrippina, mãe de Nero, imperador romano.

Aiace, filho de Thelamon, tido pelo mais valente e esforçado de todos os gregos no cerco de Troya, á excepção d'Achilles. Pretendendo por morte d'este as suas armas, foram ellas adjudicadas a Ulysses. Enlouquecer por isso de paixão, e afinal suicidou-se, manchando de seu sangue, segundo contam os poetas, a flor *hyacintho*.

Aiião, ilha sita no mar da China, em cuja enseada se pescam perolas e aljofar.

Albis, hoje chamado Elba, rio d'Alemanha.

Albuquerque, o grande Affonso de Albuquerque, successor de D. Francisco de Almeida no governo da India.

Alcacer do Sal, villa no Alemtejo, em Portugal.

Alcmena, mãe de Hercules.

Alcides, cognome de Hercules, derivado de Alceo, seu avô, ou de *Alcy*, que em grego significa *vigor* ou *força*.

Alcino, rei dos Phéaces, que na ilha Corcyra recebeu e hospedou benignamente a Ulysses e seus companheiros, trabalhados de longa e penosa viagem.

Alcorão, ou *Koran*, o livro sagrado dos mahometanos.

Alecto, uma das tres furias infernaes.

Alemquer, villa de Portugal.

Alencastro, duque em Inglaterra, pae de D. Filippa que casou com el-rei D. João I de Portugal.

Alexandro, cognominado o Magno, filho de Philippo, e rei de Macedonia, celebre por suas conquistas e liberalidades.

Algarves (ou Algarve), provincia de Portugal.

Allemanha, antigamente Germania, nome collectivo que abrange os reinos, estados e provincias da Europa central.

Almeidas; de dous se faz menção no poema; D. Francisco, primeiro vice-rei da India, e o filho d'este, D. Lourenço d'Almeida.

Aloe, genero de páo muito pesado, similhante ao de aquila.

Alpheo, hoje Roufi, rio que nasce na Arcadia, e correndo até Achaia, some-se na terra, e vae unir suas aguas com as da fonte de Arethusa na Sicilia.

Alvaro; a dois allude o poeta. O primeiro D. Alvaro de Castro, filho do vice-rei D. João de Castro. O segundo, Alvaro de Braga, ou Alvaro Dias, que Vasco da Gama poz em Calecut com Diogo Dias, ou Corrêa, por feitores.

Amalthea, ama de Jupiter, a qual possuia um corno, chamado commummente Cornocopia, no qual achavam tudo que desejavam.

Amasis, rio de Alemanha.

Ambrosia, herva semelhante ao aipo, considerada pelos pagãos como manjar dos deoses.

Ampaza, cidade da Persia, nos confins de Ormuz.

Ampelusa, promontorio entre Ceuta e Tanger, chama-se hoje cabo Espartel.

Amphiónea Thebas, cidade da antiga Beocia. Segundo as ficções mythologicas foi fundada por Amphion, excellente musico, que tinha o dom de encantar até os objectos inanimados, conseguindo attrahir e juntar ao som da sua lyra todo o material necessario para a fundação.

Amphitrite, nome pelo qual os poetas designam muitas vezes o mar. Uma das esposas de Neptuno.

Anchises, principe troyano, e amado de Venus, da qual houve Eneas.

Andaluzia, provincia de Hespanha.

Andromeda, filha de Cepheo, rei de Ethiopia, e de Cassiopea: é tambem o nome de uma constellação celeste.

Annibal, valente e ousado general carthaginez, e inimigo implacavel dos romanos.

Antão, Vasques de Almada, valeroso portuguez, e um dos doze cavalleiros que foram a Inglaterra desaffrontar as damas. Vej. *Magriço.*

Antarctico (polo), o do sul.

Antenor, um dos primeiros troyanos, que entregaram Troya aos gregos. Attribuem-lhe a fundação de Antenoria, cidade na Italia, agora chamada Padua.

Antheo, gigante, filho da Terra, fundou a cidade de Tinge, hoje Tanger. Foi morto por Hercules, em lucta que tiveram.

Antonio; um Antonio da Silveira, capitão de Dio, fortaleza que defendeu valorosamente no seu primeiro cerco. O outro, Marco Antonio, patricio romano, que de parceria com Lepido e Augusto governou por algum tempo o imperio romano. Foi tão affeiçoado á musica, que por ouvir trovinhas e chistes de Glaphyra abandonou sua esposa Fulvia.

Anubis, divindade que os egypcios adoravam em figura de cão, e julga-se ser o mesmo que o Mercurio dos gregos.

Aonia, parte montuosa da Beocia. Havia n'ella uma fonte, que tinha a virtude de tornar poetas os que bebiam de suas aguas.

Apelles, pintor eximio. Vej. *Campaspe.*

Apennino, cordilheira que se estende por toda a Italia do norte a sul.

Apollo ou Sol, filho de Jupiter e de Latona, tido por deos da Sabedoria, dos Poetas e das Musas.

Apulia, região de Italia, visinha ao mar Adriatico.
Appio Claudio, um dos decemviros que governaram Roma, o qual por querer tomar uma Virginia a seu pae, alem de outras violencias, acabou a vida em rigorosa prisão.
Aquilo, vento norte ou septentrional.
Ara, constellação celeste.
Arabia, peninsula comprehendida entre a Africa e Asia.
Arabio, o natural de Arabia, d'onde dizem que era Mafamede.
Arabica lingua, a dos arabes, que se falla, não só em Africa, mas na Persia, e em muitas partes do Asia.
Aragão, antigo reino e hoje provincia de Hespanha.
Araspes um certo médo, a quem Cyro, rei dos persas, deo a guardar Panthea, mulher de Abradatas, rei dos susos, que captivára no arraial dos assyrios: mas teve de tirar-lh'a, porque ia abusando da confiança n'elle depositada.
Arcadia, provincia da Moréa, ou Peloponeso.
Archetypo, é no poema tomado por Deos creador de todas as cousas.
Arcturo, é uma estrella ou constellação no hemispherio septentrional.
Arethusa, fonte de Sicilia, na qual foi convertida uma nympha do mesmo nome, amada de Alpheo.
Argonautas, celebres guerreiros gregos, que foram á conquista do Vellecino de Colchos.
Argos, cidade da Grecia, dedicada á deosa Juno.
Argos, a náo em que Jason e seus companheiros foram a Colchos roubar o Vellocino. Houve tambem um pastor d'este nome, que dizem tinha cem olhos, e foi morto por Mercurio, andando por mandado de Juno em guarda de Io,

amada de Jupiter. Argos é ainda o nome de uma constellação celeste.

Aries, um dos doze signos ou constellações do Zodiaco.

Armenia, região da Asia, entre os montes Tauro e Caucaso.

Armusa, cidade antiga visinha de Ormuz, de que hoje não apparecem senão as ruinas.

Aromata, é o cabo Guardafú, que fica na entrada do mar Roxo.

Arquico, porto de Ethiopia.

Arracão, reino da antiga India, que confina com Bengala.

Arronches, villa no Alemtejo, em Portugal.

Arsinario (cabo) é o que hoje chamamos Verde.

Arsinoe, filha ou irmã de Ptolomeo, rei do Egypto, a qual fundou a cidade do seu nome, agora Suez, na costa do mar Roxo.

Artabro (monte) a que hoje chamâmos cabo de Finisterra.

Arzilla, cidade maritima de Marrocos, conquistada pelos portuguezes.

Arziba, serra na Arabia Felix, na qual não ha vegetação alguma.

Asaboro ou Moçandão, cabo á entrada do golfo Persico.

Asia, na ordem numeral o segundo dos continentes em que a terra se divide.

Assyria, região ou provincia da Asia.

Astyanax, filho unico de Heitor e de Andromacha, lançado por Ulysses de uma torre abaixo, quando os gregos invadiram Troya.

Astréa, deosa da justiça, filha, segundo uns do gigante Astreo e de Aurora; ou segundo outros de Jupiter e Themis.

Asturias, provincia de Hespanha, onde se salvaram, na invasão dos arabes, aquelles poucos godos que escaparam.

Athamante, deos marinho.

Athenas, cidade da Grecia, afamada na antiguidade pela cultura das sciencias e artes.

Attila, rei dos hunnos, cognominado o açoute de Deos.

Atlante, filho de Japeto e Clymene, foi rei de Mauritania, provincia antiga de Africa, do qual se diz que sustenta o mundo em os hombros. Foi convertido em um monte do seu nome.

Atropos, uma das tres Parcas.

Avás, povos do oriente da Asia.

Augusto, significa logar venerando e sacro: d'onde veiu, que todos os successores de Cesar em o imperio, desde Octaviano (de quem fala o poeta) até estes tempos são chamados Augustos.

Aurea Chersoneso, a peninsula de Malaca.

Aurora, filha do Sol e da Terra, mulher de Titam, e mãe de Memnon, rei da Ethiopia. Diz-se propriamente aquella claridade, que precede a sahida do sol.

Ausonia, antiga parte de Italia, e hoje tomada pelo todo, em linguagem poetica.

Austro, o vento sul, chamado vulgarmente veudaval.

Axio, hoje brade ou Varadi, rio que atravessa a Macedonia.

Azenegues, povos africanos do Senegal, terra onde fallecem agua e mantimentos.

B

Babel, o mesmo que Babylonia.

Babylonia, cidade dita a grande, sobre o rio Euphrates: edificada, segundo alguns, por Semiramis, rainha da Assyria, com tão admiraveis edificios, que com razão foi contada entre as sete maravilhas do mundo.

Baçaim, fortaleza entre Dio e Chaul, conquistada pelos portuguezes em 1533.

Bacanor, cidade na costa de Malabar, em cujo porto os nossos destruiram uma grande armada de el-rei de Calecut.

Baccho, filho de Jupiter e de Semele, e deos do vinho; tido entre os antigos por primeiro conquistador da India.

Bactro, rio da Asia.

Badajoz, cidade da Extremadura hespanhola, fronteira a Elvas.

Balduino, esforçado cavalleiro no tempo de Carlos II, imperador dos romanos, a quem furtou uma filha, chamada Juditha: e o imperador dissimulando a affronta, lhe deu a terra de Flandres, n'aquelle tempo deserta, que elle aproveitou e povoou.

Banda, ilhas sitas entre Java e Maluco, habitadas de mouros e gentios, ricas em producção de noz moscada.

Barbaria ou Berberia, terra de Africa, hoje imperio de Marrocos e reinos confinantes.

Barbora, logar na costa de Africa.

Barem ou Baharem, ilha proxima de Ormuz, onde se pesca o aljofar.

Baticalá, fortaleza na costa do Malabar, a trinta leguas de Goa.

Beadala, cidade junto ao Comori, destruida por Martim Affonso de Sousa.

Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando de Portugal, casada com el-rei D. João de Castella.

Beja, cidade de Portugal.

Belem: refere-se o poeta á casa de Nossa Senhora de Belem, a que dera principio o infante D. Henrique, ennobrecida depois por el-rei D. Manuel. sita no logar chamado antigamente Restello.

Belisario, valeroso capitão romano em tempo de Justiniano imperador. Houve grandes victorias na Persia e em Italia. O ingrato soberano mandou em recompensa arrancar-lhe os olhos, e desterral-o.

Bellona, deosa das batalhas, irmã e cocheira de Marte.

Bengala, reino oriental, situado de uma e outra parte do rio Ganges.

Benjamin, nome de uma tribu dos hebreus, que foi destruida e arrazada porque alguns benjamitas forçaram uma mulher da tribu de Levi.

Benomotapa ou Monomotapa: assim se denomina uma região ou imperio na Africa oriental.

Bethis, ou Guadalquibir, rio de Hespanha.

Biblis, fonte da Mosopotamia, em a qual foi convertida Biblis, filha de Mileto.

Bintão, reino da India.

Bipur, reino na costa do Malabar.

Biscainhos, os de Biscaia, provincia de Hespanha.

Bohemios, os de Bohemia, reino da Alemanha, hoje sujeito á Austria.

Bolonhez, o conde de que o poeta faz menção foi D. Affonso III, irmão d'el-rei D. Sancho II de Portugal.

Bootes, constellação celeste, por outro nome o Sete-estrello, visinha ao polo do norte.
Boreas, o vento norte ou nordeste.
Borneo, grande ilha no mar das Indias, muito fertil, e abundante principalmente de camphora.
Bracchmanes, nome que os malabares dão aos seus religiosos, os quaes seguem a seita de Pythagoras.
Bramás, povos sujeitos ao rei de Sião.
Brazil ou terra de Santa Cruz, hoje imperio; descoberto por Pedro Alvares Cabral em 1500.
Brava, cidade na costa de Melinde.
Bretanha, toma-se no poema por Inglaterra.
Briareo, o *Centimano*, filho da Terra, um dos gigantes rebellados contra Jupiter.
Brigo, rei de Hespanha nos tempos fabulosos.
Brussios, ou Barussios, povos de Brussia, na antiga Sarmacia: hoje prussianos.
Busiris, tyranno do Egypto, que sacrificava os hospedes a seus idolos.
Byzancio, ou Constantinopla, hoje côrte do imperio ottomano.

C

Cabo Tormentorio, o que foi depois chamado da Boa-Esperança.
Cadix, ou Calis, cidade de Hespanha fundada pelos phenicios, antigamente Gades.
Cadmo, filho de Agenor, rei dos phenicios. Vej. Ovidio, *Metam.* liv. IV.
Cafres, selvagens negros da Africa central.
Cairo, grande e notabilissima cidade do Egypto, antigo emporio do commercio de todo o mundo.
Calatrava, ordem religiosa e militar de Castella.
Calayate, logar entre Socotorá e Ormuz.

Calecut, cidade do Malabar, e capital dos estados do Samorim.

Callisto, filha de Licaon, rei de Arcadia, mudada em ursa por Juno; foi depois por Jupiter convertida na constellação celeste do mesmo nome. Toma-se no poema pelas partes do norte.

Calliope, a principal das nove Musas; presidia á composição dos poemas heroicos.

Calpe, chamado tambem Herculano pelo poeta, é um dos montes de Gibraltar, denominados pelos antigos columnas de Hercules.

Calypso, filha de Tethys e do Oceano; acolheu na ilha Ogygia a Ulysses, de quem se enamorou e o reteve junto a si por algum tempo.

Cambaia, reino antigo e opulento da Asia.

Cambalo, ou Cambalão, pequena ilha junto a Cochim, onde Duarte Pacheco desbaratou tres vezes o Samorim.

Camboia, reino maritimo sujeito ao de Sião; por elle passa um grandissimo rio, chamada Mecom, isto é, *capitão das aguas*.

Camenas, nome dado ás Musas.

Campaspe, concubina favorita de Alexandre Magno, o qual mandando-a retratar por Apelles, viu o pintor tão namorado d'ella, que lh'a concedeu por mulher.

Canace, filha de Eolo, rei dos ventos, a qual teve amores incestuosos com seu irmão Macarêo. Para melhor intelligencia da allusão do poeta, vej. Ovidio, *Heroid.* xi.

Cananor, reino da India, na costa de Malabar.

Canará, provincia da India.

Canarias, as doze ilhas no mar Oceano, que os escriptores antigos chamaram Fortunadas.

Cancro, ou Cancer, um dos signos do zodiaco.
Candace, rainha da Ethiopia.
Cannas, logar de Apulia, junto ao qual Annibal desbaratou os consules Paulo Emilio e Terencio Varrão, com morte de 40:000 romanos.
Canssio, logar visinho a Cannas.
Cappadoces, os habitantes de Cappadocia, parte de Natolia, na Asia menor.
Carlos, de dous faz o poeta menção, a saber: o primeiro Carlos Magno, rei de França e imperador do Occidente; o outro Carlos II, tambem imperador, pae de Juditha, que casou com Balduino. Veja este nome.
Carmania, região da India.
Carpella, o cabo Jasque á entrada do estreito Persico.
Carthago, cidade celebre d'Africa, infesta aos romanos, e emfim por elles vencida: foi patria de Iopas, musico insigne, que, segundo Virgilio, tocou cithara no festim dado por Dido a Eneas.
Caspia Serra, Caspios montes, e Caspios aposentos, tudo tem no poema a mesma significação e refere-se á antiga Scythia.
Cassiopéa, ou Cassiope, viuva de Cepheo, rei de Ethiopia. Perseo, libertador de sua filha Andromeda, a fez trasladar ao céo, onde figura como uma constellação de seu nome.
Cassio Sceva, valente capitão romano do tempo de Cesar; o qual nas guerras de Macedonia, estando crivado de feridas, preferiu morrer a entregar-se ao inimigo.
Castelbranco, D. Pedro de Castelbranco, capitão de Ormuz, em cujos mares houve grandes victorias dos turcos.
Castella: ha em Hespanha duas provincias com

este nome, a saber: velha e nova: suas capitaes são respectivamente Burgos e Toledo.

Castellos: os sete que vem nas armas de Portugal representam outras tantas povoações do Algarve, a saber: Estombar, Paderne, Aljezur Albufeira, Cacella, Sagres e Castro Marim.

Castro, D. João de Castro, vice-rei da India famoso por suas victorias e pelos rasgos de heroicidade, que tornaram perduravel o seu nome.

Catharina (Santa), virgem e martyr, sepultada no monte Sinai.

Cathigão, cidade rica de Bengala, na foz do Ganges.

Catilina, Lucio Sergio Catilina, nobre romano, que, com outros de sua parcialidade, determinou apoderar-se de Roma. Mallograram-se os seus projectos, e foi morto em combate.

Cauchichina, reino da Asia oriental, proximo de Cambaia.

Caudinas (Forcas) aquellas, por onde os samnites obrigaram a passar sem armas os romanos, capitaneados pelo consul Sp. Posthumo; affronta de que os romanos tomaram completa vindicta.

Ceilão, ilha que está para o sul do cabo de Comori: chamou-se antigamente Taprobana.

Cesar, Caio Julio Cesar, celebre general e dictador romano, apunhalado no senado por Cassio e Bruto.

Ceuta ou Ceita, cidade maritima, fronteira a Gibraltar. Conquistada pelos portuguezes, passou depois ao dominio de Hespanha.

Cezimbra, povoação maritima de Portugal.

Charybdis (ou Carybdis), era uma mulher que, por

ter roubado os bois de Hercules, foi convertida por Jupiter em um rochedo que se achava no estreito de Messina, mui proximo de outro chamado Scylla. Estes dois rochedos estavam tão proximos um do outro que era muito difficil para os navios a passagem entre elles, pois corriam o perigo de ir cahir sobre um, querendo affastar-se do outro.

Chaul, cidade do reino Adecão, que corruptamente chamamos d'Achem. Dista de Dio cincoenta leguas.

Chersoneso aurea, ou Malaca: cabeça de todo o reino assim chamado, famoso emporio do commercio na antiga India.

Chiamai, lago d'onde nasce o rio Menão, que atravessa todo o reino de Sião.

Chimera, vulcão de Lycia, do qual os antigos fabularam ser um monstro, com tres cabeças, por cujas bocas sahia muito fogo.

China, riquissimo e dilatado imperio do oriente, chamado por antonomasia de seus habitantes o *celeste imperio*.

Christovão (Dom), entende-se da Gama, o qual indo por mandado do governador da India, em favor do Preste João, contra el-rei de Zeilá, desbaratou duas vezes os mouros.

Cicero (M. Tullio), consul romano, e assaz conhecido, e louvado, como orador, philosopho e politico.

Cicones, povos de Thracia.

Cilicios, os de Cilicia, ou Carmania, região da Asia menor.

Cingapura, cabo em frente da ilha de Samatra.

Cintra, villa de Portugal, na costa do mar Oceano, a cuja serra chama Varrão, monte Tagro, e outros serra da Lua.

Cyniras, rei de Chypre, o qual de sua filha Myrrha teve Adonis; por onde o poeta chama a este filho e neto de Cinyras.

Cinybea, é Myrrha, filha de Cinyras, a qual bi convertida na arvore do seu nome.

Circes; as feiticeiras, porque Circe o foi tão amosa, que com seus encantos transformou (egundo a fabula) os companheiros de Ulyses em porcos.

Claudinas forcas, vide Caudinas forcas: que le um modo e outro se póde ler este logar.

Cleoneo leão, tambem chamado Nemeo, é o que Hercules matou junto a uma aldeia chamala Cleone, eutre Arcos e Corintho.

Clicie, nympha, predilecta de Apollo.

Cloris, nome dado a Flora, rainha das flores, antes que se casasse com Zephyro.

Cloto, uma das tres Parcas.

Clymene, filha de Tethys e do Oceano, e mãe de Phaetonte. Veja esta palavra.

Cochim, cabeça do reino assim chamado, na costa do Malabar, com cujos reis tiveram sempre os portuguezes muita amisade.

Cocles, Horacio Cocles, nobre romano, o qual se distinguiu na guerra que Porsena, rei de Etruria, teve com os romanos, para a restituição dos Tarquinios. Mereceu por isso uma estatua.

Cocyto, rio do inferno, que fingiam ser de lagrimas.

Codro, rei dos athenienses, o qual por salvar a patria se entregou á morte.

Coelho, Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama no descobrimento da India.

Coimbra, cidade de Portugal, situada á beira do Mondego, e celebre pela sua universidade.

Colchos, hoje Mingrelia, região da Asia, sujei-

ta ao grão-kan dos tartaros, na qual se dizia estar o vello de ouro, chamado commummente o *Vellocino*.

Colosso, estatua de metal em Rhodes, dedicada ao Sol. Por sua grande altura e maravilhosa execução foi considerada uma das maravilhas do mundo.

Colombo, principal porto na ilha de Ceilão.

Comorim, chamado tambem Cori, o cabo que fica defronte de Ceilão.

Cinca, cidade na Castella velha, d'onde nasce o rio Tejo.

Congo, reino antiquissimo na costa occidental de Africa.

Constantino: o primeiro por alcunha chamado Paleologo, o qual perdeu Constantinopla: o segundo Constantino Magno, filho de Santa Helena, que fez de Constantinopla capital do imperio romano.

Constantinopla. Veja-se *Bysancio*.

Cordova, cidade da Hespanha Bethica, cabeça do reino do mesmo nome, e patria dos dous Senecas, e de Lucano.

Cori, o mesmo que Comorim.

Coriolano, illustre romano, que sendo em umas dissenções lançado fóra de Roma, por vingar esta affronta lhe fez depois cruel guerra.

Corvino, Valerio Messalla, tribuno romano: saindo a desafio peito a peito com um gaulez, foi ajudado por um corvo, o qual pondo-se-lhe em cima do capacete, fazia d'ahi feras investidas ao adversario, ferindo-o no rosto e olhos. Pelo que ao vencedor foi dado o appellido de Corvino.

Coulão, terra de Malabar.

Coulete, logar na costa do Malabar, visinho de Calecut.

Crangamor, terra da mesma provincia.

Crocodilo, animal corpulento, da feição de lagarto e ferocissimo.

Cuama, rio que nasce na alagoa do Nilo.

Cunha: um é Nuno da Cunha, governador da India; o outro Tristão da Cunha, que descobri as ilhas que hoje se chamam do seu nome.

Cupido, filho de Venus e deos do amor.

Curcio, é Marco Curcio, tão affeiçoado á sua patria, que não recusou sacrificar a vida por amr d'ella.

Cutiale, um mouro que viera de Meca á India, capitaneando cento e trinta vélas bem artilhadas, foi desbaratado por Lopo Vaz de Sampai, que apenas tinha comsigo onze navios.

Cybele, mãe dos deoses e mulher de Saturno. Era-lhe consagrado o pinheiro.

Cyclopes, filhos de Neptuno, foram tres, Bronte, Steropes, e Piramon: segundo a fabula eram obreiros de Vulcano, em cujas forjas trabalhavam na ilha de Lipari.

Cylleneo, nome de Mercurio, chamado assim de Cyllene, monte de Arcadia, onde nascera.

Cyniphio, rio da Africa.

Cynosura, constellação celeste, tambem chamada Ursa maior.

Cyptarisso, filho de Telepho, matando involuntariamente um corvo, a quem era muito affeiçoado, tomou tal paixão, que Apollo tendo piedade d'elle o transformou em cypreste.

Cyphisia, flôr, o lyrio, em que Narciso, filho da nympha Lyriope, e do rio Cyphiso, foi convertido.

Cypria, deosa, Venus, chamada assim de Cypre' onde era venerada.

Cypro ou Chypre, ilha no mar Mediterraneo, sujeita ao Grão-Turco.

Cyro, rei dos Persas: veja-se Araspes, para entendimento do poeta.

Cythéra, depois chamada Cetige, ilha do Peloponeso, dedicada a Venus.

Cytheréia, de Cythéra, nome dado a Venus.

D

Dabul, povoação de Cambaia, entrada e arrazada por D. Francisco de Almeida, vice-rei da India.

Dalmatas, os de Dalmacia, mais modernamente conhecida pelo nome de Esclavonia.

Damão, cidade no Guzarate, reino da India.

Damasceno, de Damasco, em cujo tempo se crê que Deus creára o primeiro homem.

Dano, o natural de Dania, actualmente conhecida pelo nome de Dinamarca.

Danubio, o maior, e mais celebrado rio de toda a Europa.

Daphne, nympha, filha do Rio Peneo, convertida em louro por Apollo.

Dardanea, assim se chamou Troya, de Dardano, seu primeiro rei.

Dario, rei dos persas, vencido por Alexandre Magno.

David, rei e propheta, cheio de espirito divino, de quem disse Deus, que achára um homem conforme o seu coração. Comtudo, namorado de Bethsabé, mulher de Urias, seu cavalleiro veiu a commetter um adulterio, um homicidio

e uma traição, de que depois arrependido compoz o psalmo *Miserere*. Por filho de David entende-se Jesus Cristo na phrase hebraica, por ser da geração de David. Vej. *Saul*.

Decanus, os naturaes do reino do Hidalcão.

Decios, guerreiros romanos, tão amantes da sua patria, que se sacrificaram por ella: o pae na guerra latina, o filho na Etrusca, e o neto na que Pyrrho fez para defender os tarentinos.

Dedalea, faculdade, obra e artificio de Dedalo, architecto famoso.

Dely, antigo e conhecido reino, hoje convertido em provincia da India ingleza.

Delio, o mesmo que Apollo, ou o Sol.

Delos, ilha no mar Egêo, onde Latona pariu Apollo e Diana. Cria-se que antes d'este successo fôra ilha fluctuante.

Demodoco, musico celebrado da ilha dos Pheaces, a que hoje chamamos Corfú, ou Corcyra.

Diana, filha de Jupiter, e de Latona, deosa da castidade, e da caça. É a mesma que Lua no ceo, e Proserpina no inferno, e por isso a pintavam os antigos com tres rostos.

Dina, filha de Jacob; foi raptada por Sichem, filho de Hemor. Seus irmãos vingaram a affronta com a morte do raptor e de todos os seus, arrazando a povoação.

Diniz, D. Diniz, rei de Portugal, filho d'el-rei D. Affonso III, e fundador da universidade.

Dio, ou Diu, cidade maritima e outr'ora florescente no reino de Cambaia.

Diogo, um dos dous feitores que Vasco da Gama em Calecut mandou a terra para vender as fazendas. João de Barros lhes dá os nomes de

Alvaro Dias e Diogo Corrêa; porém Damião de Goes troca estes nomes em Alvaro de Braga e Diogo Dias.

Diomedes, tyranno de Thracia. Sustentava os seus cavallos com a carne e sangue dos forasteiros, que hospedava.

Dione, mãe de Venus, e filha do Oceano, e de Tethys. Tambem se toma pela propria Venus.

Dite, ou Plutão, irmão de Jupiter e Neptuno, deus dos infernos.

Dofar, cidade na costa da Arabia Felix, d'onde se exporta o melhor incenso.

Dorcadas, por outro nome Gorgonas, querem alguns que sejam as ilhas de S. Thomé e Principe.

Doris, nympha do mar, filha do Oceano, e de Thetys, e mãe de todas as Nereidas. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

Doto, uma das Nereidas.

Douro, rio de Hespanha e Portugal, em cujas margens está situada a cidade do Porto.

Duarte, unico do nome e undecimo rei de Portugal, filho de D. João I.

E

Eborenses campos, os das immediações de Evora, cidade de Portugal.

Egas, foi Egas Moniz, aio d'el-rei D. Affonso Henriques.

Egêo, um dos gigantes, filhos de Titano, e da Terra, que se revoltaram contra Jupiter.

Egypcia terra, é o Egypto, região junto de Africa, e parte da Asia, abundante pelas inundações do rio Nilo.

Egypcia linda, Cleopatra, ultima rainha do Egypto, não menos celebre pela formosura que por sua impudicicia.

Elvas, cidade e praça de Portugal, fronteira a Badajoz.

Elysios, os campos Elysios, onde os bemaventurados, depois de passar d'esta vida (conforme a opinião dos ethnicos) iam descançar, e gosar de perpetua felicidade.

Emathio campo, de Emathia, região da Grecia, por outro nome Thessalia, onde Julio Cesar venceu Pompeu, seu genro.

Enodio, é um esgalho do monte Tauro, que serve de termino pela parte do norte á terra a que chamamos India, e os naturaes Indostan.

Encélado, gigante potentissimo, filho de Titano e da Terra. Foi subterrado no Etna.

Enéas, varão troyano, filho de Anchises e da deosa Venus, celebrado por Virgilio na sua *Eneida*.

Eniocos, povos da Sarmacia asiatica, que hoje faz parte da Russia.

Eolo, filho de Jupiter, rei das ilhas Eolias, senhor dos ventos e das tempestades.

Eoo, um dos quatro corceis do Sol. Na phrase poetica significa o Oriente, ou Aurora.

Ephyre, nympha, filha do Oceano e de Tethys.

Epicura seita, a de Epicuro, philosopho atheniense, que negava a immortalidade da alma, e fazia consistir nos gosos d'esta vida o supremo bem.

Ericina, nome dado a Venus.

Erymantho, rio de Arcadia, que tem a sua nascente em um monte do mesmo nome. O rei Eurystheo mandou Hercules a este monte apanhar vivo um feroz javali, que assolava aquel-

las terras. Venceu o heroe a empreza, com muito pezar do rei, que esperava acabasse n'ella.

Erythreas (ondas), as do mar Roxo, ou Vermelho, que os israelitas passaram a pé enxuto, fugindo de Pharaó, que, persegnindo-os, com toda a sua gente se afogou n'elle.

Erythreo (solo), o mar Roxo.

Escandinavia, peninsula, hoje o reino da Suecia e Noruega.

Espanha. Vej. *Hespanha.*

Estevão, é D. Estevão da Gama, que succedeu no governo da India a D. Garcia de Noronha, e teve por successor Martim Affonso de Sousa.

Estrabo ou Strabão, philosopho e geographo insigne nos tempos de Augusto.

Estygio lago, o que os poetas fingem haver no inferno, o qual dizem ter sido tão venerado dos proprios deoses, que quando juravam por elle, não ousavam quebrar o juramento.

Ethiopia, região de Africa, entre Arabia e Egypto.

Etna, vulcão da Sicilia, tambem chamado hoje Mongibello.

Evora, cidade celebre e antiquissima de Portugal.

Euphrates, rio celebre da Asia, que corre por um lado da Mesopotamia. Em suas margens estava edificada a famosa Babylonia. Suppõe-se ser um dos quatro, que nasciam no paraiso terreal, e de que fala o *Genesis*, cap. 2.º

Europa, uma das partes da terra.

Euridice, esposa de Orpheo, musico, e tangedor insigne, o qual com sua lyra attrahia a si os homens, as pedras, arvores, e outras cousas insensiveis.

Euristheo, rei da Grecia, que a instancia de Juno mandava Hercules a varias emprezas perigosas, a fim de que em alguma perecesse.

Euxino mar, o que hoje chamam mar Maior ou Ponto Euxino, pelo qual navegaram os Argonautas.

F

Falerno, monte de Campania, nomeado pelos seus excellentes vinhos.

Fartaque, cidade e cabo na Arabia Felix.

Favonio, ou Zephyro, vento brando e occidental.

Fernando ou Fernão: de quatro individuos com este nome se trata no poema. O primeiro el-rei D. Fernando de Portugal, filho d'el-rei D. Pedro. Outro rei D. Fernando, filho d'el-rei D. João, de Aragão. Outro Fernão Martins, marinheiro, interprete de Vasco da Gama para a lingua arabica. E outro finalmente, D. Fernando de Castro, filho de D. João de Castro, vice-rei da India.

Flora, tida entre os antigos por deosa das flores.

Francisco, D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei da India.

Frandes, região ao norte da Europa, da qual hoje pertence uma parte á França e outra á Belgica.

Fuas, D. Fuas Roupinho, valente guerreiro, e capitão da armada d'el-rei D. Affonso Henriques.

G

Gabelo, morador de Rages na Média. Indo Tobias por ordem de seu pae cobrar d'elle certa divida, e receiando no caminho algum desas-

tre, valeu-lhe o archanjo S. Raphael, que lhe appareceu e guiou ao seu destino.

Gaditano mar, o Occidental, dito assim de Gades, hoje Cadix na Hespanha.

Galathea, nympha do mar, filha de Nereo e Doris, muito amada do gigante Polyphemo.

Galerno vento, o mesmo que Favonio, ou Zephyro.

Gallegos, povos de Hespanha.

Gallia, hoje França.

Gallo, o francez.

Gambea, rio de Africa.

Ganges, rio da India, por outro nome Phison, um dos quatro que nasciam no paraiso terreal, segundo o *Genesis*.

Gangetico, cousa do Ganges.

Garumna ou Garona, rio de França.

Gate, ou Gates, montes do reino de Narsinga, que servindo-lhe de muro o separam do de Bisnagá.

Gedrosia, provincia de Africa, na costa de Guiné.

Georgianos, povos da Georgia, na Asia menor.

Germano, allemão.

Gerum, ilha do golfo Persico, onde está edificada Ormuz.

Gidá, a que outros chamavam Judá, hoje Gioddah, cidade na Arabia, perto da de Meca.

Gigantes, os filhos de Titano, e da Terra, que rebellados contra Jupiter, determinaram escalar o céo para d'ahi o expulsarem.

Gil Fernandes, appellidado de Elvas, foi preso á falsa fé por Paio Rodrigues Marinho, que era alcaide mór de Campo-maior, e tinha a voz de Castella; mas resgatado se encontrou depois com elle, e o venceu e matou.

Giraldo, cognominado *Sem pavor*, esforçado cavalleiro portuguez do tempo de D. Affonso Henriques, cujo perdão obteve dando-lhe traça para apossar-se d'Evora.

Glaphyra, cortezã romana, por quem Marco Antonio abandonára sua mulher Fulvia.

Gnido, ou Cnido, ilha do mar Carpathio, na qual havia um templo dedicado a Venus.

Goa, cidade principal da India portugueza.

Gofredo, ou Godefredo de Bouillon, duque de Lorena, e rei christão de Jerusalem, posto pelos cruzados em 1098.

Goliath, gigante philisteo morto a tiros de funda pelo pastor David, depois rei dos hebreus.

Gonçalo Ribeiro, ou melhor Gonçalo Rodrigues Ribeiro, aventureiro celebre e cavalleiro destemido, que com dous companheiros (Vasco Annes e Fernão Martins) viajando em França e Castella obraram proezas em justas e torneios.

Gonçalo, o beato Gonçalo da Silveira, jesuita, e missionario na Africa oriental, onde morreu.

Gothica gente, os godos, povos barbaros, vindos do norte da Europa e da Asia, que avassallaram o imperio romano.

Granada, antigo reino de Hespanha, e hoje cidade na provincia d'Andaluzia.

Granadil, o natural de Granada.

Grecia, região da Europa, celebre pelo muito que n'ella floresceram em tempo antigo as sciencias e as artes. Depois de estar por seculos sujeita aos turcos, recobrou a sua liberdade.

Grego (sabio), é Ulysses, natural da Grecia e rei da ilha de Ithaca.

Guadalquivir, ou Bethis, rio de Hespanha, que passa por Sevilha.

Guadiana, rio de Hespanha, que nasce junto á serra de Alcarraz, e n'uma parte do seu curso divide Portugal de Hespanha.

Guardafú, o cabo chamado pelos antigos Aromata, que fica á entrada do mar Roxo.

Gueos, povos sujeitos ao rei de Sião.

Guido, cognominado de Lusignan, o ultimo rei christão de Jerusalem.

Guimarães, villa e hoje cidade fabril do Minho.

Guipuscoa, uma das provincias de Hespanha.

Guzarates, os moradores do reino de Cambaia.

H

Halcyoneas, ou Alcyonas aves, os maçaricos em os quaes Alcyone, filha de Eolo, foi convertida.

Hammon, ou Ammon, sobre-nome dado a Jupiter, adorado na Lybia em figura de Carneiro.

Harpias, aves monstruosas, com rosto de mulher e corpo de abutre, muito sujas e gulosas.

Hebrea, a mãe, quer dizer Emina, mãe de Mafoma, cujo pae Abdalá era pagão ou gentio.

Hector, a dous allude o poeta: um foi Heitor da Silveira, que desbaratou a Halixa, capitão da armada de Dio: e o outro, a quem o compara, Heitor troyano, filho de Priamo, o qual por vezes desbaratou os gregos no cerco de Troya.

Helicon, monte de Beocia, dedicado a Apollo, e ás Musas.

Helio-Gaballo, imperador romano, tido pelo mais vicioso e affeminado homem, que houve no mundo.

Helle, filha de Athamente, rei de Thebas e de Nepheles; a qual fugindo com seu irmão Phrixo, aos rigores de sua madrasta Ino, e indo

para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pae lhes dera, caiu no mar, que do seu nome ficou sendo chamado Hellesponto.

Hellesponto, é hoje o estreito dos Dardanellos.

Hemo, monte altissimo de Thracia, consagrado ao deos Marte.

Henrique; a quatro d'este nome se refere o poema. O 1.º o Conde, pae de D. Affonso Henriques: o 2.º o Infante, filho de D. João I, que se achou com seu pae na tomada de Ceuta, e foi o primeiro motor dos nossos descobrimentos: 3.º um cavalleiro allemão, morto pelos mouros no cerco de Lisboa: 4.º D. Henrique de Menezes, um dos successores de Vasco da Gama no governo da India, celebre por seu esforço e virtudes.

Hercules, semi-deos famoso por suas grandes façanhas sendo as principaes conhecidas pelos *doze trabalhos*. A alguns d'estes se refere o poema em diversos logares.

Hermo e Pactolo, dous rios auriferos da Lydia.

Heroas e Heroes, chamavam os antigos aos varões illustres.

Herostrato, um louco e perdido, o qual queimou o templo de Diana Ephesia, só por adquirir fama immortal no mundo.

Hespanha, ou Espanha, reino da Europa.

Hesperia, os antigos distinguem duas: a primeira ou maior, é a Italia; a segunda menor, a Hespanha.

Hesperides, são, conforme alguns, as ilhas de Cabo-Verde. N'ellas havia um dragão, que defendia o pomar aurifero das filhas de Hespero: Hercules porém matou o dragão, e roubou os pomos.

Hesperio, o mesmo que Hespero, rei na Africa e pae das Hesperides.

Hidalcão, potentado poderoso na India, que em 1572 poz cerco a Goa com grande exercito, sendo porém obrigado a retirar-se, vendo que não podia levar ávante o seu designio.

Hierosolima cidade, a de Jerusalem.

Hierusalem ou Jerusalem, cidade principal da Judéa, onde se obrou o mysterio da redempção do mundo.

Hippocrene, fonte de Beocia, consagrada ás musas, e nascida, como os poetas dizem, de uma patada do cavallo Pegaso.

Hippotades, o mesmo que Eolo, deos dos ventos.

Homero, proclamado principe dos poetas gregos. Várias cidades disputaram entre si a honra de havel-o por filho.

Hungria, reino que hoje faz parte do imperio austriaco.

Hunno: o Hunno fero, refere-se a Attila.

Hyacinthinas (flores), de Hyacintho, mancebo amado de Apollo, o qual se suicidou; e não podendo Apollo remediar sua morte, o converteu na flor de seu nome.

Hydaspe, ou Idaspe, rio da India.

Hymeneo, filho de Baccho e de Venus, honrado por deos das bodas.

Hyperboreos (montes), os que ficam na parte septentrional da Europa.

Hyperionio, o mesmo que Sol. Por ficção mythologica se cria que, depois de ter dado luz ao mundo, descançava á noite entre os braços de Tethys dos trabalhos do dia.

I

Ibero, ou Ebro, rio de Hespanha: terras iberinas, as de Hespanha.

Idalio monte; bosque, e castello na ilha de Cypre, dedicada a Venus.

Idaspe. Vej. *Hydaspe.*

Idéa (selva), uma do monte Ida, junto a Troya; ahi deu Paris o juizo entre tres deosas, Juno, Pallas e Venus.

Ignez, D. Ignez de Castro, senhora nobre e formosa, cujos amores com el-rei D. Pedro I tiveram triste celebridade, e têem dado assumpto a innumeras composições em prosa e verso.

Illyricos, os de Illyria, região banhada pelo Adriatico.

India, nome dado á extensa região, que comprehende todo o sul da Asia.

Indigetes, os semi-deoses de um paiz, segundo as crenças mythologicas.

Indo, grande e notavel rio, que rega e dá nome á India.

Inglaterra, ilha e cabeça do reino da Grã-Bretanha, ao NO. da Europa. Seus reis tomaram entre outros titulos o de reis de Jerusalem.

Iopas, musico celebre. Vej. *Carthago.*

Ios, ou Chios. Vej. *Chios.*

Ismael, filho de Abrahão e de Agar, de cujo nome os mouros são chamados ismaelitas.

Ismar, um dos cinco reis Mouros, vencidos por el-rei D. Affonso Henriques nos campos de Ou-
fendia o
ro: Herculeque o Anjo poz a Jacob.
os pomos. 'ropa. V. *Danubio.*

Italia, grande peninsula e reino ao sul da Europa.

Ithaco, é Ulysses, rei da Ithaca, ilha do mar Egeo.

J

Jalofo, região da Africa, fronteira a Cabo-Verde.

Jano, rei antiquissimo de Italia, ao qual pintavam com dous rostos.

Jaos, os habitantes de Java ou Jaoa, ilha do Oriente.

Japão, imperio composto de varias ilhas sitas ao oriente da Asia, cujo conjuncto se diz contar para mais de seiscentas leguas de comprimento e trezentas de largura.

Japeto, gigante, filho de Titano e da Terra, e pae de Prometheo.

Jaquete, logar e enseada na costa de Cambaya, onde o mar bate e recua, na enchente e vasante, com força extraordinaria.

Jasque ou Carpella, cabo no golfo de Ormuz.

João ou Joanne, faz-se menção de tres, a saber: D. João I, chamado de boa memoria, filho de D. Pedro I; outro el-rei D. João II, filho de D. Affonso V; e o ultimo, el-rei D. João III, filho de D. Manuel.

Jordão, rio que nasce ao pé do monte Libano, e no qual foi baptisado Jesus Christo.

Juba, rei da Mauritania.

Judaico rei, entende-se Ezechias, o qual estando por Deos sentenceado á morte, foi milagrosamente salvo.

Judéa, região de Syria, na Asia menor, a qual é parte da Palestina, chamada na Escriptura terra da Promissão. Vej. *Hierusalem.*

Juditha. Vej. *Balduino.*

Juliana manha, a do conde Julião, para perder Hespanha, deixando entrar n'ella os mouros por Ceuta, cuja guarda lhe estava confiada.

Juno, filha de Saturno e de Opis, irmã e mulher de Jupiter, deosa dos reinos, e riquezas; chamada tambem Pronuba e Lucina, por presidir ás nupcias e aos partos.

Jupiter, filho de Opis e de Saturno, venerado pelos pagãos como o maior de todos os deoses.

L

Lacedemonios ou Spartanos, povos da antiga Grecia, illustres por seu patriotismo e valor guerreiro.

Lacio, região da antiga Italia, onde é situada Roma.

Lactea (via), ou Lacteo caminho, larga faxa de estrellas, chamada vulgarmente estrada de Santiago.

Lageia, é Cleopatra, rainha do Egypto.

Lamo, cidade na costa de Melinde.

Lampecia e Lampethusa, irmãs de Phaetonte, e filhas do Sol.

Landroal ou Alandroal, povoação no Alemteja.

Laos, povos sujeitos ao reino de Sião.

Lappia, provincia de Europa septentrional, hoje chamada Laponia.

Lara, cidade da Persia, nos confins de Ormuz.

Lares ou Penates, os deoses domesticos dos antigos.

Larissea, entende-se Coronis, nympha filha de Leucippo, chamada por outro nome Arsinoe,

a qual foi morta por Apollo em razão do adultério que contra elle commettera.

Latona, mãe de Apollo, ou o Sol, e de Diana, que é a Lua.

Leão, reino hoje incorporado no de Hespanha.

Leiria, cidade de Portugal.

Leoa (serra), ou Serra Leoa, fica na costa occidental da Africa.

Leonardo: chamava-se Leonardo Ribeiro um soldado que acompanhou Vasco da Gama, e do qual dizem ser muito gracioso e namorado.

Leonor, foi D. Leonor Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, a quem elrei D. Fernando a tomou, casando-se com ella.

Lepido, foi Marco Lepido, o qual com Cesar Octaviano e Marco Antonio, sendo consules, e inimigos entre si capitaes, vieram a dividir o imperio romano, que juntos governaram doze annos, e fizeram uma liga, e concerto, em que cada um d'elles entregasse seus inimigos.

Levante, entende-se o Oriente.

Leucate, promontorio no Egypto, ou Albania, e perto do Cabo Aceio.

Leucothoe, nympha, filha de Orchamo, rei de Babylonia, amada por Apollo, o que lhe custou nada menos que a vida. O deos porém a converteu depois na arvore que dá o incenso.

Libitina, deosa dos sepulchros, ou da morte.

Libya, nome antigo da Africa.

Lipuscua ou Guipuzcoa, provincia da Biscaya na Hespanha.

Lisboa, capital e côrte do reino de Portugal.

Livonios, povos da Russia.

Londres, cidade antiquissima de Inglaterra, capital da Grã-Bretanha.

Lotharingia, provincia de Europa, hoje chamada Lorena.

Loto, arvore em que foi convertida uma nympha d'este nome. Fabularam os poetas que o seu delicioso fructo produzia nos que o comiam o esquecimento da patria.

Lourenço, é D. Lourenço de Almeida, que defronte de Cananor com uma pequena frota derrotou uma poderosa armada do Samorim.

Lourenço (S.), ilha famosa na costa oriental da Africa, mais conhecida pelo nome de Madagascar.

Luiz, entende-se S. Luiz, nono do nome e quadragesimo quinto rei de França, canonisado santo por Bonifacio VIII em 1197.

Lusitania, antigo nome de Portugal.

Luso. Vide *Lysa*.

Lycia, região da Asia menor, celebre pelo oraculo de Apollo, e cujos moradores, segundo a fabula foram convertidos em rãs, por negarem agua a Latona, quando alli passou apertada de sede.

Lyeo, um dos nomes dados a Baccho, que os antigos tinham por inventor do vinho.

Lynces, animaes de vista agudissima.

Lyra, nome de uma constellação celeste.

Lysa ou Luso, companheiro ou filho de Baccho: de cujo nome Portugal se disse Lusitania.

M

Macedonia ou Emathia, provincia de Europa, celebre pelos seus dous reis Philippe e Alexandre.

Maçuá, cidade na ilha do mesmo nome, na costa de Africa.

Madagascar, Vej. *S. Lourenço.*

Mafoma, ou Mafamede, arabe, chefe e propheta da seita mahometana Vej. *Emina.*

Mafra, villa de Portugal.

Magalhães; Fernão de Magalhães, portuguez, que aggravado d'el-rei D. Manuel se passou a Castella, d'onde partiu com cinco vélas para as ilhas de Maluco, em cuja viagem descobriu o estreito, hoje chamado do seu nome.

Magos: em a lingua persica, mago é synonymo de sabio, ou philosopho. Entre nós porém toma-se por feiticeiro, e d'aqui vem que *maga scientia* significa feiticeria.

Magriço; alcunha de Alvaro Gonçalves Coutinho, esforçado cavalleiro, da casa dos condes de Marialva, e um dos doze portuguezes que passaram a Inglaterra para desaffrontar as damas.

Mahomma, cousa de mouros, ou mahometanos.

Malabar, reino da antiga India, a cuja capital, que era Calecut, aportou Vasco da Gama.

Malaca, cidade de muito commercio na india, e peninsula do mesmo nome, chamada tambem Aurea-Chersoneso.

Malaios, os moradores, e naturaes de Malaca.

Maldiva, uma das ilhas d'este nome, sitas ao sul da Asia. Abunda principalmente em coqueiros.

Maluco, uma das ilhas Molucas, abundantes em especiarias.

Mandinga, região assim chamada na Africa occidental, banhada pelos rios Niger e Senegal, a qual é muito abundante de ouro.

Manuel, (D.), primeiro do nome e decimo quinto dos reis de Portugal. Foi cognominado o *ven-*

turoso. No seu reinado se descobriu a India e o Brazil.

Marathonios campos, os da Attica na Grecia, onde Milciades, capitão dos athenienses, desbaratou Date, general de Dario, rei dos persas.

Marcello; Marco Marcello, esforçado capitão romano, que venceu Annibal, general dos carthaginenses. Vej. *Cannas*.

Marcio Jove; entende-se a guerra, derivado de Marte, a quem os antigos tinham por deos d'ella.

Marcomanos ou Moravos, povos de Allemanha.

Maria; a rainha D. Maria, filha do rei D. Affonso IV de Portugal, e que foi casada com D. Affonso XI de Castella.

Mario, consul e valente capitão romano, mas cruel e deshumano, que afinal se matou por suas proprias mãos.

Marrocos, cidade da Berberia, cabeça do imperio do mesmo nome.

Marte, filho de Jupiter e de Juno; tido por deos da guerra.

Martim Lopes, cavalleiro portuguez muito esforçado, o qual recuperou Abrantes, que D. Pedro Fernandes de Castro, hespanhol que andava lançado com os mouros, conquistara pouco antes.

Martinho; Martim Affonso de Sousa, excellente capitão e governador na India, de quem foi digno successor D. João de Castro.

Mascarenhas: de dous se faz menção: um foi Pedro Mascarenhas, capitão de Malaca, fidalgo muito valeroso, que tomou a ilha Bintão, bem fortificada e defendida. O outro D. João Mascarenhas, capitão de Dio, que defendeu aquel-

la fortaleza contra o poder de Cambaia e dos turcos, com menos de seiscentos portuguezes, até que foi soccorrido, ficando victorioso em batalha campal.

Mascate, logar no caminho de Socotorá para Ormuz.

Massilia ou Mauritania, commummente chamada Berberia, região ao norte d'Africa, banhada pelo Mediterraneo e pelo Atlantico.

Matheus (D.), bispo de Lisboa, deu batalha a quatro reis mouros, o de Cordova, o de Sevilha, o de Badajoz, e o de Juen, que vinham soccorrer Alcacer; com muito menos gente os venceu, ficando mortos todos os quatro reis.

Mavorte, o mesmo que Marte.

Meca, cidade da Arabia, tida por santa entre os musulmanos, que a ella fazem annualmente devotas romarias.

Mecom ou Kiou-Long, grande rio da Asia, que descendo da Tartaria atravessa a China, e os reinos de Lao e de Camboja, desaguando no mar da China. Foi ahi que naufragou o cantor dos *Lusiadas*.

Medéa, filha de Eta, rei de Colchos, famosa feiticeira, que matou e esquartejou seu irmão para agradar a Jason, praticando depois outras atrocidades.

Medina, cidade na Arabia, na qual se diz estar o Çancarrão, ou calcanhar de Mahomet.

Mediterraneo mar, o que divide a Africa da Europa.

Medusa, filha de Phorce, e de um monstro marinho; convertia em pedra a quem lhe fitava o rosto: como succedeu a Atlante, rei da Africa, que foi convertido no monte do mesmo nome.

Megera, uma das tres furias infernaes.

Melciades, capitão atheniense. Vej. *Marathonios campos.*

Meliapor, ou Mailaput, cidade no reino de Narsinga, em a qual se diz fora martyrisado o apostolo S. Thomé.

Melinde, cidade na costa de Africa, cujo rei foi sempre amigo dos portuguezes.

Melique Yaz, mouro, que de captivo chegou a ser senhor de Dio. Vej. *Dio.*

Mem Moniz, esforçado cavalleiro, filho de Egas Moniz, aio, e amo d'el-rei D. Affonso Henriques.

Mem Rodrigues de Vasconcellos, fidalgo mui valoroso no tempo d'el-rei D. João I.

Memnon, ou Memnonio, filho de Titam, e da Aurora.

Memphis, crê-se ser hoje a cidade do Cairo, no Egypto.

Memphitico, quer dizer cousa do Egypto.

Menão, grande rio que divide de alto abaixo o reino de Sião.

Menezes: o primeiro é D. Duarte de Menezes, filho de D. João de Menezes, conde de Tarouca, mordomo-mór da casa d'el-rei D. Manuel, pessoa notavel por sangue e cavallaria. O segundo D. Henrique de Menezes, de alcunha o Roxo, de que atraz fica feita menção. Vej. *Henrique.*

Meotis, lagôa de Scythia na região septentrional. Hoje diz-se mar de Azoff.

Mercurio, filho de Jupiter e de Maia, mensageiro dos deoses.

Meroe, ilha no curso do Nilo, na qual ha uma cidade do mesmo nome, que dizem foi edificada por Caribiz: hoje se chama Neba.

Mincio, rio que passa junto a Mantua, patria do poeta Virgilio.

Minerva, filha de Jupiter, deosa da sabedoria e das artes.

Minho, rio que divide Portugal de Hespanha.

Minias, povos de Thessalia, que passaram a Colchos na náo Argos, em conquista do vello de ouro.

Miralmumenin, na lingua Arabica quer dizer *Principe dos crentes*, e assim se intitulavam os imperadores de Marrocos.

Mirhocem, um capitão do Soldão do Egypto.

Moçambique, possessão portugueza na costa da Africa oriental. Por ella faziam escala as náos da India.

Moçandão, ou Asaboro, cabo da Arabia á entrada do golfo Persico.

Mogor, ou Mogol, vasto imperio na Asia central.

Moloso é o lebreo, chamado assim de Molosia, provincia do Epyro, d'onde vem os melhores.

Mombaça, cidade na costa de Melinde.

Monçaide, mouro de Tunes, que estava em Calecut, quando Vasco da Gama alli chegou; e se fez tão familiar dos portuguezes, com quem havia communicado em Orão, que com elles veiu para este reino, onde abraçou a fé de Christo e se baptisou.

Mondego, rio que nasce e morre em Portugal.

Morpheo, o deos do somno.

Moscos, os de Moscovia.

Moscovia, por outro nome a Russia, vastissimo imperio na Europa e Asia.

Moura, villa no Alemtejo.

Moysés, primeiro legislador dos hebreus.

Muluca, rio do reino de Féz em Africa.

Murice, marisco do qual se tira uma tinta purpurea.

Musas (as nove), filhas de Jupiter e de Mnemosyne, presidiam á composição dos versos, sendo por isso invocadas dos poetas.

Myrrha, filha de Cinyras, Rei de Chypre, com o qual teve copula incestuosa, cujo fructo foi Adonis.

N

Nabatheos montes, ou Nabatheas serras, as terras do oriente da Arabia.

Naiades, ou Naides, nymphas dos rios e das fontes.

Naires, sobrenome pelo qual se designam os nobres entre os malabares.

Napoles, chamada pelos antigos Parthenope, de uma sirena d'este nome, formosa cidade e cabeça do reino do mesmo nome, que hoje faz parte do da Italia.

Narsinga, reino do Oriente, chamado tambem Bisnagá.

Navarra, antigo reino, e hoje provincia de Hespanha.

Nectar, bebida dos deoses.

Nemeo (animal), o leão que Hercules matou no bosque do mesmo nome em Achaja.

Nemesis, ou Rhamnusia, filha do Oceano, e da Noite, e tida por deosa da justiça.

Neptuno, filho de Saturno e de Opis, soberano deos do mar. Toma-se tambem algumas vezes pelo mesmo mar.

Nereidas, nymphas filhas de Nereo, e de Doris.

Nereo, deos marinho, filho do Oceano e Tethys, e pae das Nereidas: figuradamente se toma tambem pelo mesmo mar.

Nero, cruelissimo imperador dos romanos.

Nhaia (Pero da), castelhano, mas morador em Santarem, o qual construiu a fortaleza de Sofala, matando o rei da terra, que lh'o queria impedir.

Nicoláo (Sacro), o bemaventurado S. Nicoláo, advogado dos navegantes.

Nicoláo Coelho. Vej. *Coelho.*

Nilo, grande rio do Egypto, e um dos maiores do mundo, o qual divide a Africa da Asia, entrando no mar por sete bocas.

Niloticas enchentes, as do Nilo.

Nino, filho de Bello, rei de Assyria, e de Semiramis, a qual dizem fôra creada por pombas.

Niobe, filha de Tantalo, irmã de Pelope, e mulher de Amphion, rei de Thebas, convertida em pedra por julgar-se superior a Latona.

Nise, nympha do mar, filha de Nereo.

Noba. Vid. *Meroe.*

Nocturno deos, é Erebo, que os poetas fazem casado com a Noite, porteiro do Sol.

Noé, pae de Sem, Cham e Japhet, e o primeiro patriarcha da segunda edade; foi elle que depois do diluvio ensinou o modo de plantar as vinhas.

Noronha, D. Garcia de Noronha, vice-rei da India.

Noruega, provincia da Europa septentrional, hoje reino unido ao da Suecia.

Noto, o vento sul ou vendaval.

Nuno Alvares Pereira, condestavel de Portugal, valente e destemido guerreiro, de cujas proezas estão cheias nossas historias.

Nymphas, as do mar chamam-se Naiades ou Nereidas; as dos montes Orcades; as dos bosques e arvores Driades, Hamadriades e Napeas.

Nysa, cidade, patria de Baccho, ao qual por isso chamavam Nyseo.

O

Obi, rio do Oriente.

Obidos, villa de Portugal.

Oceano, filho de Celo e Vesta, rei do mar e pae de todos os rios e fontes. Toma-se pelo proprio mar em linguagem poetica.

Octaviano, Cesar Octaviano, imperador de Roma, e mais conhecido pelo nome de Augusto.

Octavio, o mesmo que Octaviano.

Ogygia, ilha no mar Jonio.

Oia, cidade na costa de Melinde.

Olympica morada, o ceo, morada dos deoses.

Olympo, monte de Macedonia, tido entre os gregos pelo mais alto do mundo, e figuradamente se toma pelo ceo.

Omphale, rainha de Lydia, por quem Hercules fez grandes extremos, até fiar e lavar como mulher.

Ophir, região celebre na Biblia, como abundantissima de oiro; alguns têem para si, que é a ilha Samatra, junto a Malaca.

Oriás, povos das margens do Ganges.

Oriente, um dos quatro pontos cardeaes; toma-se pela India e reinos asiaticos.

Oriente ou Orion, constellação celeste junta ao signo de Tauro: os poetas o fazem filho de Neptuno e de Mercurio, gerado da ourina de ambos.

Orithya, nympha do mar, amada do vento Boreas.

Orixá, reino do Indostão, no golfo de Bengala.

Orlando, um dos antigos paladinos, de cujas proezas tomou Ariosto assumpto para o seu celebre poema.

Ormuz, cidade da India, fundada na ilha Gerum, á entrada do golfo Persico.
Orpheo, filho de Apollo e da musa Calliope, poeta excellentissimo, e amante de Euridice.
Ottomano, nome dos imperadores turcos.
Ourique, villa de Portugal.

P

Pacheco, é Duarte Pacheco Pereira, que venceu sete vezes o Samorim, imperador do Malabar. Tratado por el-rei D. Manuel com a maior ingratidão, viveu e morreu em um hospital.
Pactolo, rio de Lydia, que dizem levar arêas de oiro.
Pado, tambem chamado Pó, e pelos gregos Eridano, rio grande ao norte de Italia.
Paio, é D. Paio Peres Correa, portuguez, mestre de Calatrava em Castella; obrou notaveis façanhas contra os mouros.
Pallas, nome dado a Minerva.
Palmella, villa de Portugal, e cabeça da ordem de Sant-Iago n'este reino.
Pam, reino da Asia (não se confunda com Pan, deos dos pastores).
Panane, uma das principaes povoações de Calecut.
Panchaia, região de Arabia, celebre pela producção do incenso.
Panonios, os de Panonia, agora dita Hungria.
Panopea, uma das Nereidas.
Panthea, mulher de Abradatas. Vid *Araspas*.
Paphia deosa, é Venus.
Paphos, cidade da ilha de Chypre, dedicada a Venus, d'onde foi chamada Paphia.

Parcas, são tres: Cloto, Lachesis e Atrophos, filhas de Erebo e da Noite. Presidiam aos destinos da vida humana, e se pintava Cloto com a roca, Lachesis fiando, Atrophos cortando o fio.

Pares, ou Paladinos, nome dado aos doze cavalleiros que Carlos Magno escolheu entre os principaes do seu reino para o acompanharem na guerra.

Parnaso, monte da Phocida, dedicado ás Musas. Junto d'elle estava a fonte Castalia, cujas aguas bebidas inspiravam aos mortaes o genio da poesia.

Parseos, o mesmo que persas.

Parthenope. Vej. *Napoles*.

Patanes, povos da India, poderosos em gente, e terras.

Paulo: um foi o apostolo S. Paulo, que sendo levado preso a Roma, padeceu no mar grandissima tormenta: o outro Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, e seu companheiro no descobrimento da India.

Pedro: allude-se no poema a varios individuos d'este nome: O primeiro, o apostolo S. Pedro. O segundo, D. Pedro, rei de Portugal, filho d'el-rei D. Affonso IV. O terceiro, o infante D. Pedro, filho d'el-rei D. João I, duque de Coimbra, e governador do reino na menoridade d'el-rei D. Affonso V, seu sobrinho; viajou pela Alemanha, e por outros paizes. O quarto, o conde D. Pedro, filho de D. João Affonso de Menezes, conde de Vianna, foi o primeiro capitão e governador de Ceuta, a qual defendeu valerosamente contra toda a Berberia. O quinto D. Pedro de Sousa, capitão de Ormuz, muito esforçado cavalleiro. E o sexto, Pedro Rodrigues cha-

mado do Alandroal por ser alcaide mór d'esta villa, em tempo d'el-rei D. João I.

Pegu, reino oriental, rico em ouro, e abundante de mantimentos.

Peleo, rei de Thessalia, o qual foi casado com Thetis, deosa do mar.

Penates. Vej. *Lares*.

Peno asperrimo, é Annibal.

Perillo, engenhoso artista, natural de Athenas, o qual por comprazer ao tyranno Phalaris, inventou um touro de metal para ser instrumento de martyrio. As victimas eram mettidas dentro, e accendido fogo debaixo, a machina bramava como o animal por ella representado. Diz-se que fora o proprio artifice o primeiro que por ordem de Phalaris padeceu esta cruel morte.

Peristhera, nympha que Venus converteu em pomba.

Peritho, filho de Ixion, amigo intimo de Theseo.

Persas, os naturaes da Persia.

Persia, região de Asia.

Phaeton, ou Phaetonte, filho do Sol, e de Climene: querendo governar o carro de seu pae, abrazou o mundo, até ser por Jupiter fulminado com um raio.

Phalaris, rei de Sicilia, e tão tyranno que não só roubava os vassallos, mas tinha grande prazer na variedade de supplicios que excogitava para os atormentar. Vej. *Perillo*.

Pharaó, rei do Egypto, castigado de Deos por mandar lhe levassem a casa Sara, mulher de Abrahão.

Phasis, rio grandissimo, que nasce no monte Caucaso, e passa por Colchos, chamada hoje Mingrelia, provincia da Asia.

Pheases, ilha, hoje Corfú, da qual era natural Demodoco, musico excellente.

Phebo e Apollo, são nomes do Sol, tanto este como a Lua, segundo as ficções mythologicas, foram filhos de Jupiter e Latona, e nascidos na ilha de Delos.

Phenix, ave unica, e só no mundo, a qual, segundo antigas crenças, vivia na Arabia.

Philippe (D.) de Menezes, capitão de Ormuz, o qual houve grandes victorias na India.

Philippicos campos, os da cidade Philippos, onde se travou a batalha entre Cesar e Pompeu, e depois outra de Octaviano e Marco Antonio contra Bruto e Cassio, ultimos mantenedores da republica.

Philippo, rei de Macedonia, pae de Alexandre, cognominado o grande.

Philomela, o rouxinol, em que foi convertida a filha de Pandion, rei de Athenas, assim chamada. Vid. *Progne*.

Phlegon, um dos cavallos do Sol.

Phocas, lobos marinhos.

Phormião, philosopho da seita dos peripateticos. Indo um dia Annibal ouvil-o á sua escola, fez-lhe um largo discurso sobre deveres do general e cousas da guerra, e fallou com tamanha eloquencia que todos os circumstantes ficaram admirados, com excepção de Annibal, que o tomou por louco.

Phrygios, os troyanos.

Pindo, monte de Macedonia, dedicado a Apollo, e ás Musas.

Plinio; Caio Plinio Segundo, natural de Verona, viveu no tempo de Vespasiano. Escreveu a mui notavel *Historia natural*, e morreu em uma ir-

rupção do Vesuvio, querendo examinar de perto aquelle phenomeno.

Plutão, rei dos infernos, segundo a mythologia.

Polleas, casta de gente vil na India, e havida em tal desprezo, que o naire que com elles tracta tem pena de morte.

Policena, filha de Priamo, rei de Troya. Vide *Pyrrho*.

Polidoro, filho de Priamo, rei de Troya, morto por Polimnestor, rei de Thracia, para roubar-lhe os thesouros que comsigo levava.

Polimnestor, rei de Thracia.

Polonios, os da Polonia.

Polos, os dous pontos astronomicos a que chamamos Norte, e Sul; e de ordinario este nome se toma pelo ceo.

Polyphemo, cyclope, o qual dizem os poetas que tinha um só olho na testa. Era fero, cruel, e anthropophago.

Pomona, deosa da fructa e dos jardins.

Pompeo, chamado Magno por suas victorias, mas a final vencido por Julio Cesar.

Pompilio, Numa Pompilio, rei dos romanos, o qual depois de fazer pazes com os inimigos, se entregou de todo ao culto dos deoses.

Pomponio, cognominado Mella, geographo e auctor dos livros *De Situ Orbis*.

Pondá, fortaleza do Hidalcão, tres leguas de Goa pelo sertão dentro.

Poro, antigo rei de Guzarate, muito esforçado e bellicoso.

Prasso (promontorio), é o que commummente chamamos cabo das Correntes.

Progne, filha de Pandion, rei de Athenas e irmã de Philomena; matou seu filho, e o deu a co-

mer a Tereo, seu marido. Foi convertida depois em andorinha.

Prometheo, filho de Japeto, trouxe do céo o fogo, roubado ao carro do Sol, com que deu vida as estatuas de homens, que havia fabricado. Jupiter, para castigar tal atrevimento, o fez amarrar sobre o monte Caucaso, onde uma aguia lhe devorava o figado, que successivamente lhe renascia.

Protheo, deos marinho, e guardador das phocas de Neptuno. Tinha o dom de predizer o futuro, e transformar-se sob diversas formas.

Ptolomeu, astronomo insigne, natural de Alexandria, no Egypto. Vide *Arsinoe*.

Pyrene, filha d'el-rei Bebryce, a qual foi sepultada nos montes, que de seu nome se chamaram Pyreneos, e dividem França de Hespanha.

Pyreneo. Vide *Pyrene*.

Pyroes, um dos cavallos do Sol.

Pyrrho, filho de Achilles e de Deidamia; para vingar a morte de seu pae, sacrificou em seu sepulchro Policena, filha de Priamo, rei de Troya.

Q

Quedá, cidade do reino de Sião.

Quilmance, ou Quilmane, cidade na costa oriental da Africa.

Quilca, cidade na costa de Melinde.

Quinto Fabio, cognominado Maximo, dictador romano, que conseguiu aniquilar Annibal, soccorrendo-se de estratagemas, e evitando batalhas campaes.

Quirino, é Romulo, fundador de Roma.

R

Regulo (Marco Atilio), consul romano, que antepoz a propria morte á ruina da patria.

Repelim, cidade no Malabar.

Rhamnusia, o mesmo que Nemesis, deusa da justiça.

Rhaudano, rio que nasce nos Alpes.

Rheno, rio que marca os limites das fronteiras entre França e Allemanha.

Rhodamonte, famoso paladino. Vej. *Pares*.

Rhodes, ilha no mar Carpathio, antigo assento dos cavalleiros de S. João, hoje chamados de Malta.

Rhodope, monte de Thracia.

Rhipheos, montes septentrionaes da Scythia.

Rocalgate, cabo na Arabia Felix, onde começa o reino de Ormuz.

Rodrigo, chamado commummente o Cid Ruy Dias, famoso guerreiro hespanhol, que ganhou varias terras aos mouros, e houve d'elles victorias.

Rogeiro, um dos Paladinos companheiros de Orlando.

Roma, celebre em antigos e modernos tempos, a qual de humilde origem veiu a ser centro do maior imperio do mundo, e depois metropole do catholicismo.

Romanos, os de Roma.

Romulo, o primeiro rei de Roma.

Ruy Pereira, cavalleiro esforçado, e leal portuguez no tempo de D. João I.

Rumes, são os turcos chamados assim por virem (como o poeta suppoz) da casta dos romanos.

Ruthenos, chamados por outro nome Roxolanos, os do reino da Polonia.

S

Sabá, rainha da Ethiopia.

Sabeas costas, as da Arabia, onde está a cidade Sabá, abundante de incenso e de especies odoriferas.

Salacia, ou Amphitrite, deosa do mar, mulher de Neptuno.

Saladino, soldão do Egypto, e conquistador de Jerusalem em 1187.

Salamina, ilha no mar Egeo, onde Xerxes, rei da Persia, foi derrotado por Themistocles. Queren os seus naturaes que nella nascesse o poeta Homero.

Samaria, cidade de Syria, entre Judéa e Galiléa.

Samatra, ilha grandissima, no Oriente.

Samnitico jugo. Vide *Caudinas furcas.*

Samori, nome appellativo do senhor de Calecut, vale tanto como imperador.

Sampaio, Lopo Vaz de Sampaio, governador na India, onde fez cousas notaveis.

Sanagá, rio que divide a terra dos azeneguas em Africa, dos primeiros negros de Guiné, chamados gelofos ou jalofos.

Sancho, trata-se de dous: um el-rei D. Sancho I, filho de D. Affonso Henriques, esforçado e valoroso: o outro el-rei D. Sancho, filho de D. Affonso II, remisso e descuidado, pelo que perdeu o reino.

Sansão, hebreu, ou israelita, da tribu de Dan: dotado de forças extraordinarias, com que muitas vezes venceu os philisteus. Porém o segredo d'essas forças estava nos cabellos, que Dalila lhe cortou quando dormia.

SANTAREM, villa (hoje cidade) de Portugal, proxima do Tejo, a quatorze leguas ou setenta kilometros de Lisboa.

SANTI-IAGO, o apostolo padroeiro de Hespanha.

SARA, mulher de Abrahão. Vide *Pharaó*.

SARAMA. Vide *Perimal*.

SARDANAPALO, ultimo rei dos assyrios, tido por monstro de sensualidade e luxuria.

SARMATAS, os de Sarmacia, provincia antiga, hoje Livonia.

SARMACIO, oceano, mar de Sarmacia.

SARRACENOS, nome de que os mussulmanos se jactam, dizendo-se procedentes de Sara, mulher de Abrahão.

SATURNO, filho de Celo e Vesta, do qual se diz que devorava todos os filhos que Opis sua mulher dava á luz; pelo que se toma por figura do tempo, que tudo gasta.

SAUL, primeiro rei de Israel, em cujo tempo David matou o soberbo gigante Goliath ou Golias.

SAXONES, povos de Allemanha.

SCABEDICASTRO, é Santarem.

SCEVA: Cassio Sceva, capitão romano valorosissimo no exercito de Cesar.

SCINIS ou Sinnis, ladrão mui esforçado, que costumava matar os seus hospedes com diversos generos de tormentos.

SCIPIÃO, Publio Cornelio Scipião, por antonomasia o *Africano*, em rasão das victorias que alcançou em Africa, e da destruição de Carthago.

SCYLLA: de duas se faz menção, uma a filha de Phorcea, e amante de Glauco, convertida por Circe em um cachopo que está no estreito de Messina; outra a filha de Niso, rei de Megara,

que fez morrer de dor seu pae, por amar o rei Minos.

Scythas, os de Scythia, antiga região do norte.

Semele, mãe de Bacchio.

Semicabro peixe, o signo de Capricornio, que se pinta meio peixe, meio cabra.

Semiramis, rainha dos assyrios e mãe de Nino: celebre não menos por sua luxuria, que por seu esforço e formosura. Veja *Nino*.

Sequana ou Sena, o rio que atravessa a cidade de Paris.

Serpa, villa de Portugal.

Septentrional, neste, o polo norte.

Sertorio, natural de Nursia, cidade da Italia, o qual recolhendo-se a Hespanha, guerreou d'ahi os romanos, com vantagem, obtendo d'elles victorias. Fez seu assento em Evora, que ennobrecem com edificios e um aqueducto.

Sevilha, cidade de Hespanha, pela qual passa o rio Betis.

Sião, reino poderoso no oriente da Asia.

Sichem, filho de Hemor; havendo raptado Dina, filha de Jacob, foi morto pelos irmãos d'esta com todos os seus, e a terra destruida.

Sicilia, ilha celebre do Mediterraneo, separada de Italia pelo estreito de Messina.

Sicilo (mar), o de Sicilia.

Siene, cidade do Egypto, collocada quasi debaixo da linha equinocial.

Sinai, monte de Arabia, onde Deus deu a lei a Moysés. Ha n'elle um mosteiro dedicado a Santa Catharina, que ahi tem a sua sepultura.

Sinon, grego traidor, celebrado de Virgilio quando trata da destruição de Troya.

Sintra ou Cintra, villa de Portugal, celebre pela

amenidade do seu clima no estio, e por outras bellezas dignas de attenção.

Siqueira (Diogo Lopes), succedeu na governança da India a Lopo Soares de Albergaria: e foi o primeiro que entrou pelo estreito do mar Roxo com uma armada.

Siracusa, o mesmo que Sicilia.

Sirenas ou Sereas, monstros com meio corpo de mulher, e cauda de peixe ou ave.

Smirna, cidade na Asia menor, a qual, segundo a mais corrente opinião, é tida por patria de Homero.

Soares, Lopo Soares de Albergaria, successor de Affonso de Albuquerque no governo da India.

Socotora, ilha entre o cabo de Fartaque e o de Guardafú.

Sofala, reino na costa oriental d'Africa.

Soldão, titulo dado aos soberanos mussulmanos do Egypto.

Sophenos, os de Sopheno, provincia de Suria, gente molle e afeminada.

Strabo. Vide *Estrabo*.

Suáquem, cidade e ponto importante do mar Roxo, cercada do mar á maneira de ilha.

Suecios, os de Suecia, ou Escandinavia.

Suez, logar notavel na costa do mar Roxo, antigamente dito Arsinoe, do nome da sua fundadora.

Sumano, o mesmo que Plutão, deos dos infernos.

Sunda, ilha do oriente, alem de Sumatra, celebre pela sua pimenta.

Sylla, nobre romano, da familia dos Scipiões, mas cruel e facineroso. Depois de ser dictador, veiu a morrer miseravelmente.

Sylves, cidade do Algarve.

T

Tagides, as nimphas do rio Tejo, ou Tago.
Tanais, rio que divide a Asia da Europa: é hoje chamado Don.
Tanor, logar na costa de Melinde.
Tanger, cidade de Marrocos, conquistada pelos portuguezes.
Taprobana. Vide *Ceilão*.
Tarifa, antigamente Tarteso, cidade da Andaluzia.
Tarpeia, filha de Tarpeio romano, governador da fortaleza de Roma, enbiçosa de umas manilhas que os sabinos, inimigos dos romanos, lhe prometteram, facilitou-lhes a entrada no castello, mas em logar das manilhas recebeu a morte, como premio da traição.
Tarquino (Sexto), filho de Tarquino, o *Soberbo*. Violentou Lucrecia, mulher de Collatino, e foi por isso expulso de Roma, com todos os seus, sendo a monarchia substituida pela republica.
Tarragonez, o da provincia Tarragoniense, em Hespanha.
Tartesios, os andaluzes. Vej. *Tarifa*.
Tavai, cidade do reino de Pegú.
Tavila, ou Tavira, cidade no Algarve.
Tauro, grande cordilheira de montes, que atravessa a Asia.
Tejo, rio celebrado dos antigos por suas arêas de ouro. Nasce nas serras de Conca, na Castella a velha, e entra no Oceano a quatro leguas de Lisboa.
Temitistão, cidade do Mexico.
Tenessari, cidade de Sião, da qual, e de Quedá, se exporta muita e excellente pimenta.

Teresa, mulher do conde D. Henrique, pae d'elrei D. Affonso Henriques; foi filha de D. Affonso VII, cognominado imperador de Hespanha.

Ternate, ilha vulcanica, uma das chamadas Molucas.

Tethys, filha de Celo e Vesta, deosa do mar: e de ordinario se toma pelo mesmo mar. Segundo a mythologia, é differente de Thetis, esposa de Peleo e mãe d'Achilles.

Thaumante, pae de Iris, mensageira dos deoses; toma-se tambem pelo arco iris.

Thebano, é Baccho, porque sua mãe Semele foi natural de Thebas.

Temistocles, famoso general atheniense.

Theotonio, D. Theotonio, prior de Santa Cruz de Coimbra, depois canonisado por santo.

Thermodonte, rio de Themiscyra, região visinha de Cappadocia, onde viviam antigamente as amazonas.

Thermopylas, passo aspero e estreito, na Grecia; o qual, Leonidas, rei de Esparta, com pouca gente defendeu contra o poder de Xerxes, rei dos persas.

Theseo, filho de Egeo, rei de Athenas, heroe emulo de Hercules, e amigo de Peritboo.

Thesiphonio, ou Ctesiphonio, architecto famoso, que construiu o templo de Diana em Epheso.

Thomé, S. Thomé apostolo, que padeceu martyrio na cidade de Meliapor, onde está sepultado seu corpo.

Thraces, os de Thracia, hoje Romania, na Grecia.

Thyoneo, sobrenome dado a Baccho.

Tibre, rio mui nomeado de Italia, o qual separa o Janiculo de Roma.

Tidore, uma das ilhas Molucas.
Tigris, rio da Armenia menor.
Timavo, rio de Veneza, que entra no mar Adriatico.
Timor, uma das Molucas, na Oceania.
Tinge, hoje Tanger, cidade da Mauritania, edificada por Antheo.
Tingitana (terra), quer dizer a Berberia.
Titan, pae ou esposo da Aurora, segundo a mythologia.
Tito, imperador romano, filho de Vespasiano, o qual tomou Jerusalem, devastando-a e incendiando-a.
Tobias, nome celebrado na sagrada biblia. Por seu guiador se entende o archanjo S. Raphael. Vej. *Gabelo.*
Toledo, antigo reino, hoje provincia e cidade de Hespanha.
Tonante, sobrenome dado a Jupiter.
Tormentorio (cabo), o da Boa Esperança.
Toro, cidade da Arabia, distante dezoito leguas do monte Sinai. É muito falta d'aguas.
Torquato (Tito Manlio), general romano tão observador da disciplina militar, que fez morrer seu proprio filho, ainda que vencedor, por haver combatido contra a sua ordem.
Torres Vedras, villa de Portugal.
Trajano, imperador romano, hespanhol de nação; sujeitou varias nações por mar e por terra, conquistando até a India.
Trancoso, villa de Portugal.
Tritão, filho de Neptuno e de Salacia, tido por trombeteiro e correio dos deoses maritimos.
Troia, cidade celebre da Phrygia, na Asia menor, junto do Hellesponto. Foi destruida pelos gregos, depois de dez annos de cerco.

Tropicos, são dous, um chamado de Cancro, á parte do norte; outro de Capricornio, da banda do sul.

Trudante, cidade populosa da Berberia.

Turcos, os de Turquia.

Turquia, é hoje o grande imperio Ottomano, e divide-se em europêa e asiatica.

Tuscos ou **Toscanos**, os de Toscana, região de Italia.

Tutuão ou **Tetuão**, cidade de Marrocos.

Tux, cidade de Galliza.

Typheas armas, os raios de Jupiter.

Typheo, gigante, filho de Titan e da Terra, inimigo de Jupiter e dos outros deoses, a quem pretendeu desthronar, escalando para isso o ceo.

Tyre côr, a grã, chamada assim de Tyro, cidade de Phenicia, onde se fabricava a mais estimada.

Tyrinthio, á Hercules, chamado assim de Tyrinthia, sua patria.

Tyrios, os de Tyro, havidos por fundadores de Cadiz.

Tyiro, pastor celebrado de Virgilio.

U

Ulcinde, reino da Asia, entre Persia e Cambaia.

Ulyssêa, nome dado a Lisboa.

Ulysses, o mais astuto e sabio dos principes gregos, que foram á guerra troyana; foi filho de Laertes, rei de Ithaca, e nessa por haver sido fundador de Lisboa.

Ungaro ou **Hungaro**, o de Hungria, donde alguns pretenderam que fosse originario o conde D. Henrique.

Ursas, são as constellações celestes, que chamamos guardas do norte.

V

Vandalia, a Andaluzia, chamada assim dos vandalos, povos do norte, que invadiram Hespanha.

Vasco da Gama, o celebre navegador portuguez, que conseguiu descobrir o caminho do mar para a India.

Venereo, cousa de Venus.

Veneza, cidade formosa e rica, edificada no mar Adriatico de que está cercada; antiga republica, e emporio do commercio do Oriente antes da descoberta de Vasco da Gama.

Venus, tida por deosa da formosura e dos amores lascivos.

Vespero, ou Hespero, é o planeta Venus, que todos os dias se vê ao nascer e ao pôr do sol.

Vesta, filha de Saturno e de Opis, mãe de Tethys, senhora do mar.

Viriato, valente guerreiro lusitano, que durante quatorze annos lutou com o poder de Roma, que pretendia senhorear a Lusitania, até ser atraiçoado e morto pelos seus.

Vulcano, filho de Jupiter e Juno, venerado por deos do fogo, e se toma pelo mesmo fogo: criase que elle com os cyclopes fabricava os raios para Jupiter seu pae. Foi casado com Venus, e fez tambem as armas a Eneas, seu enteado.

X

Xeque, palavra arabica, quer dizer governador.

Xerez, cidade de Hespanha.
Xerxes, filho de Dario, poderosissimo rei dos persas, celebre por sua ambição e soberba.

Z

Zaire, grande rio de Africa occidental.
Zebellinos (animaes), são os arminhos.
Zeila, logar na costa de Africa oriental.
Zelanda, terra do norte.
Zéphiro, vento suave que por outro nome chamâmos Favonio. Os poetas o fazem casado com Flora, deosa das flores.
Zopiro, vassallo de Darie, rei dos persas, que por astucia conseguiu a tomada de Babylonia.

DIVERSAS PUBLICAÇÕES

EDITADAS PELA

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50, Rua Augusta, 52

LIVROS DE AULAS

De F. Julio Caldas Aulete

GRAMMATICA NACIONAL, adaptada aos programmas officiaes para o curso de portuguez e para os exames nos lyceus, por F. J. Caldas Aulete, professor. Approvada pelo governo para o ensino nos lyceus e nas escolas publicas do reino, 9.ª edição, br. 200 rs.

A MESMA OBRA, muito mais desenvolvida e accrescentada (10.ª edição), 1 vol. br. 500 rs., cart 600 rs.

LECTA NACIONAL, (curso pratico de literatura portugueza), por F. J. Caldas

DIVERSAS PUBLICAÇÕES

EDITADAS PELA

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50, Rua Augusta, 52

LIVROS DE AULAS

De F. Julio Caldas Aulete

GRAMMATICA NACIONAL, adaptada aos programmas officiaes para o curso de portuguez e para os exames nos lyceus, por F. J. Caldas Aulete, professor. Approvada pelo governo para o ensino nos lyceus e nas escolas publicas do reino, 9.ª edição, br. 200 rs.

A MESMA OBRA, muito mais desenvolvida e accrescentada (10.ª edição), 1 vol. br. 500 rs., cart 600 rs.

SELECTA NACIONAL, (curso pratico de litteratura portugueza), por F. J. Caldas

COMPENDIO DE HISTORIA PATRIA, revisto pelo ex.mo sr. Manuel Pinheiro Chagas, e approvado officialmente, 4.ª edição, em harmonia com os novos programmas, br. 160 réis.

De Domingos de Azevedo

GRAMMATICA NACIONAL ou methodo moderno para se aprender em 24 lições a fallar e escrever sem erros e mesmo sem auxilio de mestre a lingua portugueza, seguido de um vocabulario orthographico-prosodico da mesma lingua, indicando: 1.º o modo mais correcto de se escreverem e pronunciarem todas as palavras portuguezas, 2.º a divisão das suas syllabas, 3.º os plurаes irregulares, 4.º a conjugação dos verbos irregulares; 3.ª edição, 1 vol. in-8.º gr. br. 1$200 réis.

De Guerra Junqueiro

CONTOS PARA A INFANCIA escolhidos dos melhores auctores. É uma collecção de interessantes narrativas, escriptas singellamente e de modo a serem comprehendidas pelas creanças e a despertar-lhes o gosto e o interesse pela leitura; n'este

genero, é um dos melhores livros que se tem publicado em portuguez. Fórma um elegante volume, adornado de muitas estampas, e impresso em caracteres variados para acostumar as creanças a lerem todos os generos de letra. Preço, 400 réis em brochura, ou 500 réis cartonado.

DE OUTROS AUCTORES.

HISTORIA DE SIMÃO DE NANTUA, ou o mercador de feiras, traduzida em vulgar por Filippe Ferreira de Araujo e Castro. 300

LIVRO PARA O POVO. O mestre escola, ou demonstração da necessidade, objecto e vantagens da instrucção primaria, br. 100 rs.

NOVO METHODO DA GRAMMATICA LATINA, reduzido a compendio por Antonio Pereira de Figueiredo, nova edição revista correcta e augmentada, por Manuel Bernardes Branco, cart. 500 rs.

COMPENDIO DE ARITHMETICA, para uso das escolas de instrucção primaria. 8.ª edição, augmentada com o systema metrico

decimal, por Joaquim Maria Baptista. br. 160 rs.

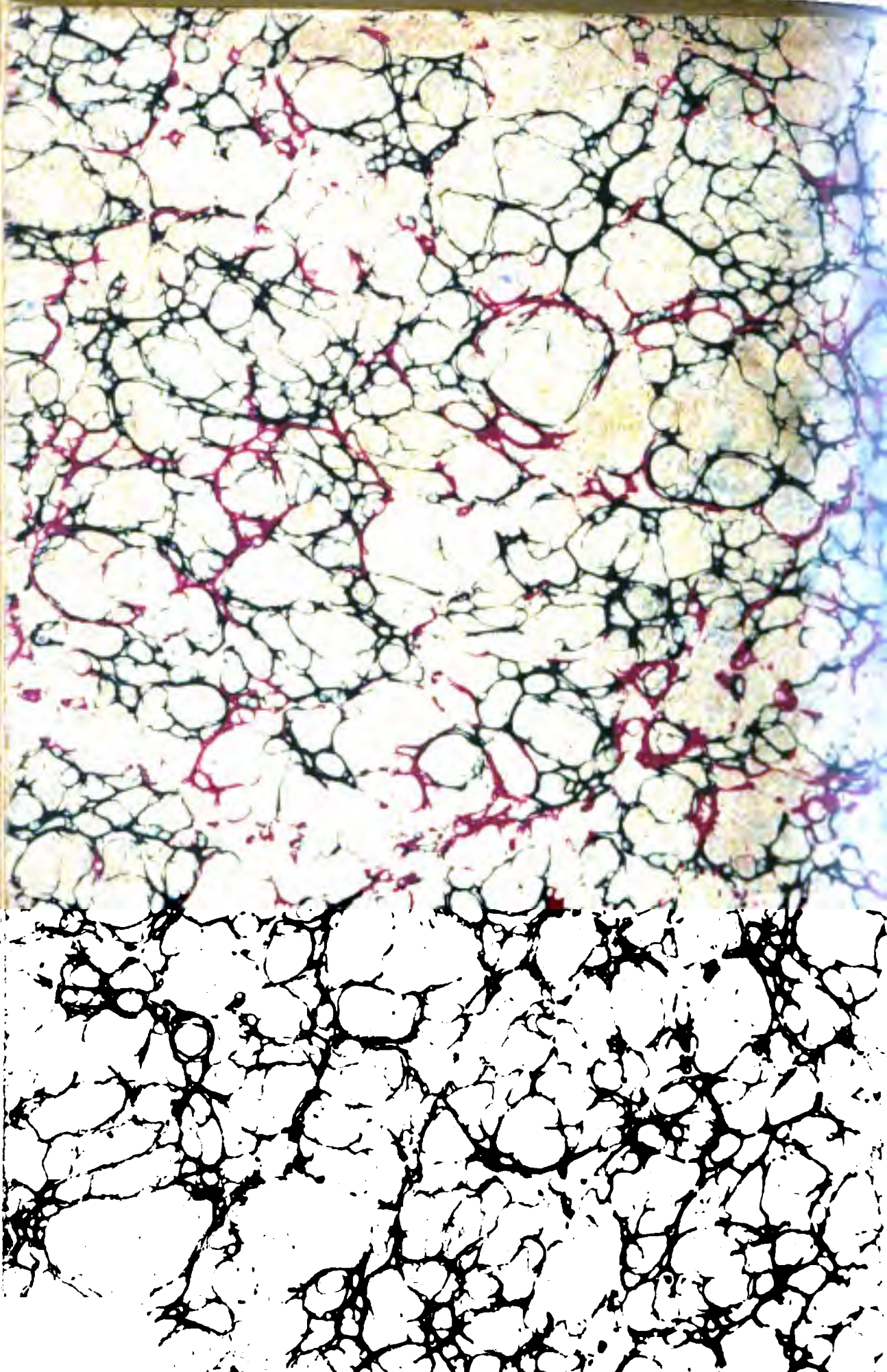
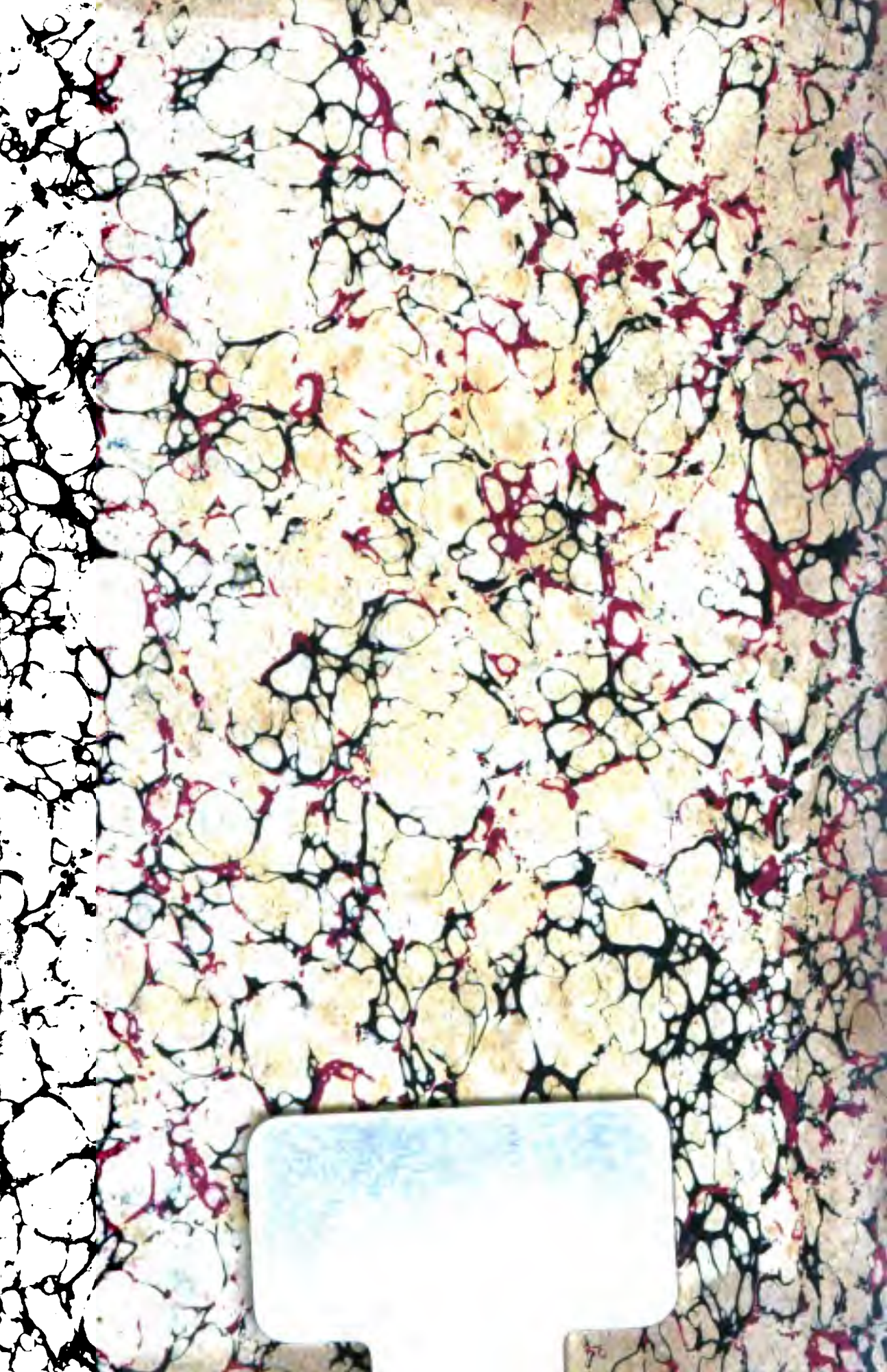
SUMMULA DE PRECEITOS HYGIENICOS para uso das aulas de ambos os sexos, approvada pelo governo. Auctor, o dr. F. A. Rodrigues de Gusmão, br. 120 rs.

CHRESTOMATHIA PORTUGUEZA ou excerptos dos melhores historiadores, oradores e moralistas da litteratura nacional, por Innocencio Francisco da Silva. 200 rs.

INTERPRETAÇÃO DOS CAPITULOS DE TITO LIVIO, mandados traduzir nas aulas de latinidade, br. 300 rs.

O EVANGELHO DOS MENINOS, ou quadros extrahidos da vida de Jesus Christo, acompanhados de reflexões e conselhos proprios a imprimir no coração das creanças a santa doutrina do Evangelho. 200 réis.

22/9/86

NOVO METHODO para aprender a ler, escrever e fallar em seis mezes a lingua ingleza, por Ollendorff, 3.ª ed. br. 1$000 réis.

860171